

ÍNDICE

RESUMO	2
RÉSUMÉ	3
ABSTRACT.....	4
APRESENTAÇÃO.....	5
I - UM CONTO E SEUS MOTIVOS.....	8
ESPAÇOS	18
TEMPO	24
AÇÃO.....	26
II - SIMÃO BACAMARTE	29
III - OS ALIENADOS.....	39
EVARISTA.....	39
CRISPIM SOARES	41
PADRE LOPES	43
PORFÍRIO.....	45
OS VEREADORES	49
MATEUS	51
COSTA.....	51
MARTIM BRITO.....	54
GIL BERNARDES	56
IV – CONSTRUÇÃO DOS CONTRASTES.....	57
O PAPEL DO NARRADOR.....	62
PRÓS E CONTRAS	67
V - CONTEXTUALIZAÇÕES	70
SIMÃO: MAOMÉ E BONAPARTE	72
ALEGORIA POLÍTICA.....	77
PODER E MARGINALIDADE	85
VI – A TIRANIA DOS BONS COSTUMES	90
DAS FRASES FEITAS	91
IDÉIAS E SUBVERSÕES DA ETIQUETA	95
VII - IMPLICAÇÕES DOS CONTRASTES.....	106
AS DUAS FACES DE MACHADO	108
VIRTUDE E VÍCIO	112
DAS COINCIDÊNCIAS ARQUITETADAS.....	116
NEM CONTO, NEM ROMANCE	120
LOUCURA: CAUSA OU CONSEQÜÊNCIA ?.....	123
CONJUNÇÃO DOS CONTRASTES	124
VIII – BIBLIOGRAFIA.....	126

Resumo

“O Alienista” assume dentre os contos de Machado de Assis importância análoga àquela que algumas de suas personagens representam para o gênero, particularmente a figura do médico e cientista Simão Bacamarte. O tema nuclear - manifestação da loucura - constitui expediente eficaz para captar a atenção dos leitores, que, uma vez cativados, são conduzidos a uma segunda e mais grave leitura dos critérios sobre a exclusão de determinados indivíduos e disputas disparatadas pelo poder.

Após a publicação em Papéis Avulsos (1882), a história seria incorporada a numerosas coletâneas organizadas por pensadores brasileiros e estrangeiros que, de maneira geral, deixaram capítulos introdutórios importantes em que são oferecidas várias pistas para novas interpretações.

As considerações presentes neste trabalho apoiaram-se tanto nas contribuições referidas acima como em bibliografia que inclui ensaístas, literatos, filósofos, historiadores e sociólogos. Tem-se o intuito de observar aspectos formais; averiguar o vínculo entre personagens (situadas espacial e temporalmente) em relação a personalidades, monumentos e fatos históricos representativos no Brasil e no mundo; estabelecer pontos de diálogo entre "O Alienista" e outras obras de Machado.

Résumé

“O Alienista” assume parmi les histoires de Machado de Assis importance analogue à cela que certaines de ses personnages représentent pour le genre, en particulier la figure du docteur et scientifique Simão Bacamarte. Le sujet nucléaire - manifestation de la folie - constitue l'expédient efficace pour ramasser l'attention des lecteurs, qui, un moment captifs, sont conduites à une seconde et plus sérieuse lecture des critères pour l'exclusion des déterminés individus et les disputes déraisonnables par le pouvoir.

Après la publication dans Papéis Avulsos (1882), l'histoire serait incorporée dans les nombreuses compilations organisées par penseurs brésiliens et étrangers qui, en général, avaient laissé des chapitres préliminaires importants où sont offertes quelques fentes pour de nouvelles interprétations.

Les considérations dans ce travail avaient été supportés par les contributions citées ci-dessus comme dans la bibliographie qui inclut des essayists, des littérateurs, des philosophes, des historiens et des sociologues. Il y a l'intention d'observer des aspects formels; pour s'enquérir le lien entre les personnages (situés espaciel et séculièrement) dans la relation avec les personnalités représentatives, les monuments et les périodes historiques au Brésil et au monde; pour établir des points de dialogue parmi "O Alienista" et d'autres oeuvres de Machado.

Abstract

“O Alienista” assumes amongst Machado de Assis’ stories, analogous importance to some of its personages represent to the sort, particularly the character of the doctor and scientist Simão Bacamarte. The nuclear subject - manifestation of madness - constitutes efficient expedient to pick-up the reader’s attention, who, once a time captivated, are lead to a second and more serious reading of the criteria to the exclusion of determined individuals and nonsense disputes for the power.

After has been published in Papéis Avulsos (1882), the story would be incorporated to the numerous compilations organized by Brazilian and foreign thinkers who, in general way, had left important introductory chapters where some slots to new interpretations.

The considerations showed in this work had been supported such in the cited contributions above as in the bibliography that includes essayers, writers, philosophers, historians and sociologists. It has the intention to observe formal aspects; to inquire the bond between the characters (sited in place and time) in relation to the Brazil’s and world’s representative personalities, monuments and historical periods; to establish points of dialogue between "O Alienista" and others Machado’s works.

Apresentação

Talvez seja oportuno lembrar que mais de um século separam a presente tentativa de contribuição das críticas mais relevantes feitas contemporaneamente a Machado de Assis, e intensificadas a partir de 1880. Rasteira conta aritmética mostra que o escritor assistiu a mais de trinta anos de interpretações de sua obra, mediando defensores (em maior número) – José Veríssimo, Lafayette Pereira, entre outros - e contrários – Silvio Romero, Graça Aranha etc.

Esta pesquisa iniciou-se no segundo semestre de 1995, decorrendo em grande parte da apresentação de Dom Casmurro (1899) - romance que integrou os conteúdos de uma das disciplinas, na graduação.¹ A partir do contato com algumas outras obras do escritor voltei-me na tentativa de alcançar observações concernentes a ‘O Alienista’(1882).

Boa parte dos comentários foi viabilizada em função das pistas disponibilizadas em notas, capítulos introdutórios e artigos de diversos críticos, pinçados dentre as várias edições que o conto merecidamente recebeu. Espera-se que ‘O Alienista’ seja aceito tanto como ponto de partida quanto de chegada.²

Propõe-se reler o conto como modelo interpretativo para outras obras do autor, retomando relevantes comentários deixados pela crítica, enfatizando a importância de determinados aspectos formais - personagens, narrador, ação, tempo e espaço – de forma vinculada a algumas personalidades, monumentos e períodos históricos representativos.

¹ O autor foi apresentado por Joaquim Alves de Aguiar, docente da Faculdade de Letras, USP. Registro ainda meus agradecimentos às generosas sugestões dos membros da banca de qualificação, Professores Marcus Vinícius Mazzari, José Antônio Pasta Junior e Osvaldo H. L. Ceschin (realizada em 28.09.2001).

² Edição utilizada: Machado de Assis. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. Adotou-se o critério de realçar as transcrições de formas diferenciadas (os *textos do escritor estão em itálico*).

Assim, foram acrescentadas às notas de diversas edições de que o conto fez parte, observações baseadas tanto em depoimentos de críticos, historiadores e pensadores quanto em pesquisas nas ‘fontes’ aludidas pelas personagens: a Bíblia, por parte do Padre Lopes, e o Corão - livro de cabeceira do médico. Pode-se dizer que é quase sintomático que os intérpretes de Machado percorram obras, considerando aquelas provavelmente lidas pelo escritor, a fim de melhor fundamentar suas interpretações. Não foi diferente o método aqui empregado.

Também é frutífero considerar os pontos de contato entre este conto e demais obras do próprio escritor. No decênio (1881 – 1891) em que foram publicados Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba, Machado de Assis trouxe a público, entre outros, seu terceiro compêndio, Papéis Avulsos, do qual ‘O Alienista’ fez parte. Dentre aquelas que mais se detiveram em referências explícitas ao tema da loucura, estas obras também consolidam a denominada segunda fase do escritor - chegaram às livrarias da corte, posteriormente à famosa ‘crise’, em decorrência de uma série de moléstias que abalariam sua saúde ao final da década de 70 do século XIX.³

Ao elaborar a ‘Advertência’ a Papéis Avulsos, Machado justificaria o título da coletânea: haveria “unidade” entre os contos lá reunidos - fato que à luz dos romances mencionados (Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba) corrobora a importância das tresloucadas personagens nas suas composições: figuras habilmente associadas a tramas ricas e mirabolantes, marcadas sensível e rigidamente pelo tom

³ “Em 1878 deixou Machado de Assis todas as suas colaborações da imprensa (...) Tivera um ano muito trabalhoso, pois além dos múltiplos encargos literários e das ocupações na Secretaria, fazia parte da Comissão de Reforma da Legislação das Terras (...) viu-se obrigado a pedir em dezembro três meses de licença. Saíram então do Rio, ele e Carolina, indo para Nova Friburgo (...) Era a primeira vez em toda a sua vida que Machado de Assis gozava de férias (...) Esse retiro forçado parece ter sido de grande importância na sua vida. Entre Iaiá Garcia e as Memórias Póstumas de Brás Cubas, entre o romancista medíocre e o grande romancista, existiu apenas isso: seis meses de doença, de outubro de 1878 a março de 1879, três dos quais passados na roça.” (Lúcia Miguel-Pereira. Machado de Assis – estudo crítico e biográfico, pg. 167-8).

tragicômico - refletido, por sua vez, em narrativas que intercalam ações de personagens afeitas, ou não, aos relativos padrões.⁴

Disposto em sete capítulos, os cinco primeiros e o último versam mais especificamente sobre a motivação central deste trabalho. Entretanto, diálogos entre ‘O Alienista’ e algumas outras composições – romances, algumas crônicas e correspondências - permeiam a dissertação. Além disso, com o intuito de melhor ilustrar a configuração de situações limítrofes nestas obras, incluiu-se um capítulo com forma e tratamento ligeiramente diversificados em relação à matéria. Relevando peculiaridades temáticas vinculadas à força da convenção social nas composições machadianas, o item VI guarda importantes pontos de aproximação com as demais seções: loucura e ânsia de publicidade vêm associadas de variadas maneiras à liberdade espacial e social, além de colorir as diversas formas de poder.

Por fim, anexou-se um ‘apêndice’ contendo referências a várias personalidades mencionadas ou sugeridas pelo conto, a título de melhor embasar as opiniões dispostas a seguir. Numerosas foram as hipóteses despertadas pelas releituras da obra; por isso, parte dos caminhos percorridos ou indicados em diversas oportunidades são pouco mais que contornos, conjecturas.

⁴ Carta de Machado a Joaquim Nabuco, de 14.04.1883 - “o livro que ora lhe envio, *Papéis avulsos* (...) Não é propriamente uma reunião de escritos esparsos, porque tudo o que ali está (exceto justamente *Chinela turca*) foi escrito com o fim especial de fazer parte de um livro. Você me dirá o que êle vale.”

I - Um conto e seus motivos

“*O Alienista*, sob a sua aparência leve e um tanto caricata, encobre a sátira mais feroz de toda a sua obra e, ultrapassando pelo sentido íntimo os seus modestos limites, dando uma ressonância inédita ao *humour*...”⁵

Em artigos recentemente assinados em jornais de São Paulo, Massaud Moisés e Carlos Fuentes⁶ teceram observações que reputo como indispensáveis para novas abordagens com relação às obras e, particularmente, aos contos de Machado de Assis.

Massaud Moisés aprofundou duas reflexões bastante interessantes: uma aproxima as personagens Simão Bacamarte e Crispim Soares a Dom Quixote e Sancho Pança. A analogia, aliás, já fora apontada por ele mesmo, nas notas que precederam a edição de ‘*O Alienista*’, publicada em 1961, e também por Cavalcanti Proença (1996) - sem o mesmo grau de desenvolvimento do estudo publicado pelo primeiro.

A segunda matéria reúne elementos em favor da idéia de que o escritor carioca, no conto em questão e em ‘*O espelho*’, integrante da mesma coletânea de contos, satirizara o apego brasileiro às idéias advindas com o positivismo (Auguste Comte) e à psiquiatria vigente em sua época, vide a figura do médico Charcot.⁷

Já o mexicano Carlos Fuentes aproximou alguns dos romances de Machado da principal composição de Miguel de Cervantes, sob o ponto de vista de que o brasileiro representa o maior herdeiro latino-americano do escritor espanhol.

Erich Auerbach, em ensaio dedicado a episódio de Dom Quixote, faz considerações interessantes quanto ao posicionamento de Sancho Pança, o escudeiro. O crítico chamou a atenção para o contraste entre as personagens, além de observar a

⁵ Meyer, Augusto. *Machado de Assis*, 1952, pg. 62.

⁶ Caderno de Sábado (Jornal da Tarde), 08.01 e 09.09.2000, e Caderno Mais (Folha de São Paulo). Para Fuentes, “O gênio de Machado reside no contrário. Sua obra é permeada por uma convicção: não existe criação sem tradição que a nutra, assim como não existe tradição sem criação que a renove” - 01.10.2000.

⁷Charcot e Pinel trabalharam na Salpêtrière e são considerados os principais reformadores da terapêutica para tratamento dos loucos, naquele estabelecimento.

radical diferença entre os discursos do cavaleiro e as atitudes decorrentes de seus desvarios.⁸ Considerando plausível a proximidade entre Simão Bacamarte e Dom Quixote, é oportuno transcrever o que afirmou o próprio Machado de Assis, em crônica de 1877:

*“As cavalarias, depois de estromparem os corpos à gente, passaram a estrompar os ouvidos e a paciência, e daí surgiu o Dom Quixote (...) alma generosa e nobre, mas ridícula nos atos, embora sublime nas intenções.”*⁹

Sem dúvida, algumas hipóteses bastante promissoras ganham contorno ao se pesquisar as obras de outros escritores - mormente aquelas de provável conhecimento de Machado - o que se confirma pelo fato incontestado de ter sido grande leitor, hábito que nutriu desde a primeira adolescência. Nas palavras de Alcides Villaça:

*“A ironia machadiana apóia-se com muita freqüência nas simetrias, traduzindo uma situação por outra num eixo de equivalências (...) o narrador machadiano instala-se nesse ângulo tão peculiar de tradutor: um tradutor das tradições que constituem seu repertório de cultura, que vem da Bíblia e de Homero, da Antigüidade clássica e dos teólogos medievais, que passa por Dante, Maquiavel, Montaigne, Cervantes, Shakespeare, Pascal, pelos enciclopedistas, por Schopenhauer, pela literatura brasileira – e acaba caindo no colo da dama fluminense ou num chapéu elegante da rua do Ouvidor.”*¹⁰

Na mais conhecida obra de Erasmo de Rotterdam (O elogio da loucura), encontra-se uma narradora com nome de abstração que além de tecer elogios a si mesma, cita vários trechos da Bíblia, alegando - com base em passagens da própria Escritura - que Deus e alguns de seus apóstolos não teriam clara a distinção entre insanidade e sabedoria.

⁸ Trata-se de “Dulcinéia Encantada”, de Mimemis. A. Bosi observou que: “Humorismo não é o jogo de palavras, não é ter *esprit*: é sentir e ressentir a agonia dos contrastes. Humorista é Cervantes, fazendo-nos não só rir do Quixote que se lança aos moinhos, mas também pensar o nosso riso diante deste Cavaleiro da Triste Figura, obstinado em seu sonho de justiça, em perene desencontro com a substância mesma da sociedade humana, compromisso onde ideal e loucura acabam compondo a mesma face.” Céu, Inferno. Ensaios de crítica literária e ideológica, 1988, pg. 189.

⁹ História de quinze dias, 1877, pg. 358.

¹⁰ “Machado de Assis, tradutor de si mesmo” In: Revista Novos Estudos, nº 51/1998, pg. 7-10. Procurarei enfatizar despretensiosamente aquelas obras citadas ou sugeridas pelo conto.

Parece sugestivo que o escritor brasileiro tenha publicado em 1878, ‘Elogio da Vaidade’,¹¹ texto que pode muito bem constituir paródia de dimensões bastante reduzidas da obra do filósofo holandês. Seria tarefa simples elaborar um rol de escritos que desenvolvam o tema do vício como virtude: ‘Filosofia de um par de botas’, ‘A igreja do diabo’ e ‘Teoria do medalhão’ são alguns entre muitos outros.

Como parodiador de tema e método referidos por Rotterdam, Machado viabiliza a proposição de que Bacamarte se constitui, ao mesmo tempo, arauto de novas teorias sobre a sanidade, representante da ciência e religião, leitor de livros filosóficos e sagrados do Oriente e do Ocidente... Em suma, senhor dos contrastes: sim e não, Simão.

De que maneira um indivíduo conciliaria em si mesmo, sabedoria e sandice ? Em Erasmo de Rotterdam dispomos de declarações interessantes narradas pela loucura – espécie de divindade que comandaria e comentaria o destino dos homens sábios ou não:

“A propósito (...) das minhas sequazes, convém que eu vo-las apresente. A que vos contempla com arrogância é o Amor-próprio. A que possui rosto gracioso e mãos prontas para aplaudir é a Adulação. (...) com eles é que governo os que governam o mundo.”¹²

Aquele que lê Dom Quixote de La Mancha, ‘O Alienista’ e Quincas Borba, certamente experimenta sorrir silenciosa ou abertamente e, ao mesmo tempo, padecer de alguma melancolia. Vale a ponderação de Gustavo Corção:

“Sempre que leio as crônicas de Machado de Assis, (...) saio da leitura com um acre-doce na alma, mistura de contentamento e de nostalgia, de admiração e de perplexidade (...) Dir-se-ia que o autor não leva a sério os acontecimentos que têm dimensões nacionais ou universais, e que não faz outra coisa, em suas páginas da semana, senão brincar, ou molhar a pena da galhofa na tinta da melancolia.”¹³

Em crônica de 1878, o escritor fez referência ao seu próprio método:

“(...) o folhetim requer um ar brincalhão e galhofeiro, ainda tratando de coisas sérias...”¹⁴

¹¹ Publicado em 28 de outubro de 1878, traz considerações invariavelmente sarcásticas em defesa da importância assumida pela vaidade humana, seguindo moldes similares à narrativa de Rotterdam. O tema reapareceria no conto ‘Igreja do diabo’ (1884) disfarçado pelas “franjas de algodão”.

¹² Rotterdam, Erasmo de. Elogio da loucura, pg. 20.

¹³ Corção, Gustavo. “Machado de Assis cronista”, pg. 325-329 – Edição Nova Aguilar – Vol. 3.

¹⁴ Notas semanais, pg. 384, *idem*.

A consideração precede a célebre advertência do defunto-autor Brás Cubas:

*“Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio”*¹⁵

Verdadeira gama de contrastes está presente nas relações estabelecidas por uma longa série de personagens. Há ingenuidade *versus* interesse nos contratos sociais estabelecidos entre Rubião (herdeiro da fortuna – má sorte e dinheiro – de Quincas Borba) e o casal Sofia e Palha, ou frente ao ardiloso jornalista Camacho; na suposta amizade de Brás Cubas em atenção a Quincas Borba; no impossível mas efetivado triângulo amoroso entre Flora e os gêmeos Pedro e Paulo (Esau e Jacó), ou nas intervenções dos narradores machadianos. Estes – em boa medida, responsáveis por refletir tão habilmente sentimentos contraditórios e atitudes inconsistentes, denotando as relações sociais baseadas em conveniência principalmente material, vacuidade, enfim - enredam narrativas que fluem ou refluem no tempo e espaço, aparentemente sem posição definida, confundindo, surpreendendo o leitor.

“na sua produção (...) há repercussões constantes de uma concepção teatral, uma espécie de teatro implícito que articula a organização da narrativa e das personagens nos contos, romances e mesmo nas crônicas e poemas.”¹⁶

Com a finalidade de melhor ilustrar as considerações aqui lançadas, efetuar-se-ão transcrições de algumas das correspondências e crônicas – gênero, aliás, cultivado pelo autor, assim como o teatro, por longos anos. Importa a consideração de Sônia Brayner:

“Se a crônica permite a Machado de Assis um exercício variado e constante do discurso centrado na perspectiva de um narrador (no caso, reconhecidamente o autor, que lhe imprime as características próprias do seu relatar), o conto lhe dará a oportunidade de explorar outros ângulos e categorias importantes nesta sua renovação da arte literária. (...) Os contos machadianos estão menos voltados para o incidente de uma intriga e mais centralizados em torno do comportamento dos personagens (...) O palco da sociedade para o autor é apenas o teatro do

¹⁵ Memórias póstumas de Brás Cubas, pg. 513.

¹⁶ Facioli, Valentim Aparecido. “Várias histórias para um homem célebre” In: Bosi, Alfredo et al. Machado de Assis, 1982, pg. 20.

mundo em que se cruzam os homens e seus indefectíveis e eternos defeitos. Machado aproxima-se mais de seus diletos mestres moralistas do século XVII francês, para os quais a apresentação da ‘moral’ corresponde primordialmente à observação de aspectos do homem e da sociedade.”¹⁷

Haverá limites para as abordagens das obras de Machado ? A noção de limite, como veremos, é muito cara à estruturação do próprio texto: ao perscrutar as fronteiras entre razão e loucura, Bacamarte termina por antever e reproduzir a posição em que estão cerceados muitos dos costumes – vícios ou virtudes - dos pacatos habitantes de Itaguaí, não nos furtando a lembrar que a vila simboliza o “seu” Universo.

Cientista que se volta para Maomé (que viveu no século VII) e Averróis (filósofo árabe do século XII), Simão abarca e convive com múltiplas áreas de conhecimento - dado reforçado pelo fato de ser o único médico especialista em doenças mentais do reino, habitando vila de mentes e hábitos estreitos e profissionais do baixo escalão.

A constância na obediência ao método científico é espantosa e de tal sorte que o próprio cientista se hospedaria na Casa Verde. Sua morte, referida pelo narrador em pouquíssimas linhas ao final do conto, transforma-se em ilustração do inefável e reafirma o paradoxo entre indefinição e demanda de conhecimentos sobre a razão – solução que, de acordo com o próprio narrador, não se “pôde alcançar”.¹⁸

Em ‘A cartomante’, Machado valeu-se de recurso similar. O narrador prolonga ao máximo a narração de detalhes referentes ao triângulo amoroso entre Camilo, Rita e Vilela para, ao exterminar Camilo, fazê-lo em apenas duas linhas. A cena tem lugar no escritório do amigo traído.¹⁹ A interrupção do conto conjuga fim do adultério, da amizade entre os dois rapazes e grande surpresa do leitor.

¹⁷ Labirinto do espaço romanescos, 1979, pg. 65-6.

¹⁸ O narrador não tem acesso a dados mais precisos quanto às circunstâncias na vila, mas conhece detalhes bastante curiosos, como exemplo, os diálogos travados entre Simão e sua esposa, Evarista.

¹⁹ Opinião assinalada por Massaud Moisés, em A criação literária (1975). Segundo Salvatore D’Onofrio (O texto literário - teoria e aplicação. São Paulo: Duas Cidades, 1983): “As descrições de cidades, ruas,

Devido a seu aspecto mirabolante - promovido por inúmeras peripécias reunidas pelo narrador - torna-se bastante complexo um ato meramente singelo: recontar ou resumir a jornada de Simão Bacamarte e dos considerados alienados.

“A linha do conto é horizontal: sua brevidade não permitiria que tivesse um sentido menos superficial. Já o romance, em vez de episódico, como o conto, é, ao contrário deste, uma sucessão de episódios, interligados. (...) o conto geralmente narra um acontecimento pretérito, ao passo que o romance historia um acontecimento ou série de acontecimentos no tempo presente, à medida que estes se desenrolam (...) podem ser considerados novelas ‘O Alienista’, de Machado de Assis (...)”²⁰

Relevante questão diz respeito ao gênero. Na distinção entre conto e novela, há um consenso entre os teóricos de que o segundo é “intermediário entre o conto e romance”, como referiu Alvaro Guerra. Nas palavras de Marlies K. Danziger e W. Stacy Johnson, o conto de maior extensão também recebe o nome de “conto longo” ou “novela”.²¹

Seja como for, lá encontraremos diversos tipos sociais, desvelando bastidores e manobras políticas, concentração de poder, referências ao Rei Dom João V, falecido no tempo em que a história tem lugar – monarca autoritário que teria se inspirado no reinado de Luís XIV - à já referida cultura árabe (Maomé e o Corão), à filosofia (Averróis), ao positivismo (Auguste Comte), aos movimentos de emancipação ocorridos no país; ao evolucionismo (Spencer), seleção natural (Charles Darwin), homeopatia, medicina (Hipócrates, Pinel, Charcot)...²²

casas, móveis (...) funcionam como ‘pano de fundo’ dos acontecimentos, constituindo índices da condição social da personagem (rica ou pobre, nobre ou plebéia) e de seu estado de espírito (ambiente fechado = angústia; paisagens abertas = sensação de liberdade).” (pg. 64)

²⁰ Raymundo Magalhães Junior, A arte do conto. Rio de Janeiro: Bloch, 1972, pg. 10-1. Massaud Moisés (A criação literária, 1975) afirma que no gênero conto tudo está voltado a um único fio narrativo, em unidade de ação e defende a tese de que ‘O Alienista’ é, de fato, um conto. Alfredo Bosi (Machado de Assis, 1982) abre um parêntesis na classificação do texto como novela, mas o define como conto longo.

²¹ Introdução ao estudo da literatura, 1930 (Álvaro Guerra) e Introdução ao estudo crítico da literatura, 1974 (Danziger & Johnson).

²² Para a breve aproximação entre Bacamarte e Maomé foi consultada a tradução de José P. Machado: Alcorão. Lisboa, 1979, prefaciada por Suleimann Vali Mammede.

Elementos e informações são consideravelmente amplos, daí o acúmulo de dados provocar a sensação de que o conto é fisicamente pequeno, dada a brevidade com que trata seus tópicos algo densos. A leitura nos diverte pelo tom cinicamente grave.

Obra-síntese que reúne vários elementos recorrentes da ficção machadiana, o conto comportaria maior desenvolvimento narrativo ? Esta hipótese residiria no fato de apresentar grande número de informações - personagens, espaços, tempo, cultura, datas e personalidades históricas - à primeira vista, ‘pouco’ elaboradas.

Para completar o quadro, narrativa e desfecho amarrados por capítulos sintéticos e de curta extensão, deixam no leitor a sensação de que algo esteja faltando. Há muito provavelmente um espanto ou questionamento algo próximo ou equivalente a: “termina assim?”

“O primeiro aspecto relevante desta obra que deve ser destacado é seu enredo rocambolesco, cheio de peripécias e suas reversões. O tempo todo a máquina narrativa posta em circulação por Machado nos absorve, desejamos avidamente atingir a sua conclusão, o que a torna ainda mais desconcertante e impaciente.”²³

Dona Evarista, a esposa de Simão Bacamarte, bem como Porfírio, o vereador Sebastião Freitas, padre Lopes, Crispim Soares, além do concorrente de Porfírio, João Pina, e o próprio alienista: figuras que bem poderiam, desde que redimensionadas, ser enfeixadas no gênero romance, dados os respectivos graus de complexidade.

As personagens superficialmente descritas em ‘O Alienista’ integram narrativa sintética de lacunas temporais, o que nos leva à suposição de que suas características permitem checar a possível intencionalidade do autor, via narrador. Aquele que reúne dados baseado em “crônicas da vila de Itaguaí”²⁴ relata uma história cujo formato não se encaixa integralmente nas usuais definições do gênero conto, tampouco nos moldes que

²³ Major Neto, J. Emílio. Machado de Assis. *O Alienista*, 1993, pg. 67.

²⁴ Também em *Dom Quixote de La Mancha*, há mais de um nível narrativo; as peripécias de amo e escudeiro são relatadas por um narrador que volta e meia refere-se ao historiador Cide Hamete ou em cronistas dos vilarejos por onde a dupla teria passado.

constituiriam uma novela. Ao narrador parecem ter primazia os retratos das engraçadas figuras de que trata.

“(...) repare o leitor como a língua portuguesa é engenhosa. Um contador de histórias é justamente o contrário de historiador, não sendo um historiador, afinal de contas, mais do que um contador de histórias. Por que essa diferença ? Simples, leitor, nada mais simples. O historiador foi inventado por ti, homem culto, letrado, humanista; o contador de histórias foi inventado pelo povo, que nunca leu Tito Lívio, e entende que contar o que se passou é só fantasiar.”²⁵

A diplomacia que caracteriza tantas criaturas ambíguas concebidas pelo escritor - Conselheiro Aires, Bento Santiago e Padre Lopes são bons exemplos - é inerente ao próprio Machado, como atestaram seus biógrafos. Ferramentas utilíssimas para confirmação desse dado são suas crônicas, assinadas em contribuições aos folhetins, gazetas e diários, no período compreendido entre 1876 e 1897.

Nas páginas iniciais mencionou-se a contribuição de muitos outros leitores de ‘O Alienista’. Convém citar o que disse Antonio Candido:

“A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial (...) se a fantasia funciona como realidade; se não conseguimos agir senão mutilando o nosso eu; se o que há de mais profundo em nós é no fim das contas a opinião dos outros; se estamos condenados a não atingir o que nos parece realmente valioso -, qual a diferença entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado ? Machado de Assis passou a vida ilustrando esta pergunta” (...).²⁶

Em sua ficção, assim como nas redações feitas sob o título de crônicas,²⁷ nota-se com que frequência usou de períodos em que reflexões mais insípidas foram afirmadas para ser atenuadas em seguida. Como observou Alfredo Bosi:

“ ‘Provavelmente’ é o pedal que abafa a certeza do fato e a estridência do julgamento”²⁸

O processo era bastante engenhoso: Machado não se limitava a emitir duas opiniões que se contradissem; nem se satisfazia em dialetizar, exibir duas perspectivas

²⁵ Machado de Assis. *História de quinze dias*, 1877, pg. 361-2.

²⁶ “Esquema de Machado de Assis” In: _____. *Vários Escritos*, 1995, pg. 27-33.

²⁷ Citam-se as crônicas apresentadas pela Coleção Nova Aguilar, 1992. O gênero (crônica) não é aceito rigorosamente como tal, por Gustavo Corção (“Machado de Assis, cronista”): uma vez que foram consumidas por leitores da época, mas são cultuadas até hoje, graças a sua riqueza.

de uma mesma idéia, pensamento ou assunto. Antes de lançar mão de conjunções adversativas, determinadas afirmações ou notícias eram esticadas bem como as respectivas e supostas inclinações do escritor. O emprego do *mas* constituía-se autêntico anticlímax, ruptura que desde cedo denunciou a duplicidade de seus discursos, ficcionais ou não.

“(...) inaugurei o meu sistema, fundado no princípio de que o homem deve dizer tudo o que pensa. Se o meu vizinho pensa que é um pascácio, por que não há de escrevê-lo? Se eu cuida que sou um cidadão conspícuo e ilustrado, por que hei de calá-lo ? A verdade, quer ofenda o meu vizinho, quer me lisonjeie, deve ser pública. Nua saiu ela do poço, nua deve ir às casas particulares. Quando muito, põem-se-lhe umas pulseiras de ouro; em vez de dizer ilustrado, direi – profundamente ilustrado.”²⁹

Haverá graça, nisso tudo. Leitores mais ou menos argutos são acometidos por um sentimento de falta, e mesmo de cumplicidade, para com o cronista ou seus narradores. Prova disso foi o tempo empregado para que Helen Caldwell (1960) relativizasse de fato uma ‘verdade’ já puída por obra da crítica brasileira dos decênios anteriores: a culpabilidade de Capitu, frente a Bento Santiago, marido ciumento, narrador da suposta infidelidade de sua esposa. Confirmando as especulações da pesquisadora, Raymundo Faoro e John Gledson observaram que Bento é narrador suspeito, não por acaso, advogado, profissão bem vista perante a sociedade, e pautada no discurso retórico.³⁰

Estas considerações parecem aplicáveis no exame de ‘O Alienista’, cujo narrador nos remete a paradoxos fecundos. A narrativa altamente mirabolante baseia-se, de acordo com o próprio, em testemunhos de cronistas da vila. Lembrando que ‘crônica’ nomeia também um gênero teoricamente não ficcional, tão característico de nossa

²⁸ Machado de Assis: *o enigma do olhar*, 1999, pg. 138.

²⁹ Balas de Estalo, 1885, pg. 444.

³⁰ “The case for Capitu”, de H. Caldwell, 1960, foi retomado por J. Gledson em 1991. Entretanto, Lúcia-Miguel Pereira já havia se avizinjado desta preocupação: “Antes de nascer no espírito de Bentinho, a dúvida nasce no leitor, sem que o autor diga nada. (...) Ciúmes doentios, dolorosos, que o

colonização, somos levados a cair naquela sorte de pergunta suscitada por diversos escritos de Machado: podemos confiar neste narrador ? Cabe a desconfiança ?

Muitos episódios escritos em tom tragicômico podem resultar dos hábitos cultivados pelo escritor ao longo de praticamente toda sua vida: visitas ao teatro, composições, leituras e traduções de textos, além de críticas a peças escritas e encenadas.³¹ De qualquer forma, a combinação de emoções constitui elemento indispensável ao gênero: noção, aliás, que se faz presente desde os povos antigos. Desse modo, a oscilação é um dos recursos mais freqüentemente empregados na criação de eficazes atmosferas de incertezas, realçadas pelo acúmulo de contrastes estabelecidos entre determinadas criaturas.

Característica inerente ao conto, a brevidade é um eficiente recurso para distender providencialmente a distância entre *quem* e *o que* se narra, temporalmente falando. É quase inverossímil o papel do narrador cujos episódios não testemunhou. Personagens e temas assaz complexos como vaidade, poder e liberdade são tratados em curto espaço e extensão, daí o reduzido mas estupefaciente tempo de leitura.³²

A loucura, mote central, está na ordem do dia em Itaguaí, envolvendo direta e indiretamente toda a população, depois de servir como possível alternativa a uma lacuna de prioridades da Câmara de Vereadores.

“Eu, quando vejo um ou dous assuntos puxarem para si todo o cobertor da atenção pública, deixando os outros ao relento, dá-me vontade de os meter nos bastidores, trazendo à cena tão-somente a arraia-miúda, as pobres ocorrências de nada, a velha anedota, o sopapo casual, o furto, a faca anônima (...) É que sou justo, e não posso ver o fraco enganado pelo forte. (...)

fizeram quase assassino e que o levaram à misantropia. Seriam imaginários ? Ou fundados ?” (*op. cit.*, pg. 240).

³¹ Observações sobre os traços da dramaturgia encontram-se no estudo de Eliana F. Cunha Ferreira. Machado de Assis sob as luzes da ribalta, 1998, e Joel Pontes, Machado de Assis e o teatro - entre outros.

³² “Julio Cortázar bem resumiu o conceito de conto em Poe: ‘Um conto é uma verdadeira máquina literária de criar interesse.’ ” *Apud* Gotlib, Nádia Battella. Teoria do conto, 1999, pg. 33.

*Não gosto que os fatos nem os homens se me imponham por si mesmos. Tenho horror a toda superioridade. (...) os homens, eu é que hei de aclamar extraordinários.”*³³

Espaços

A pequena vila de Itaguaí localiza-se no Estado do Rio de Janeiro e não foi escolhida à toa. É suficientemente distante (está a aproximadamente 70 km) da capital e apresenta dimensões territoriais bastante reduzidas. Por extensão, sua população é numericamente pequena:

*“De todas as vilas e arraiais vizinhos afluíam loucos à Casa Verde.”*³⁴

Nesse contexto, o asilo³⁵ constitui evidente obra faraônica. Veja-se que “quatro quintos da população” estiveram encarceradas na “Bastilha da Razão Humana”, e, frente à revolta liderada pelo barbeiro Porfírio, Simão Bacamarte vai até a varanda da requintada casa onde a mesa da sala de jantar comporta cinquenta convivas.

A única referência explícita a algo ainda mais faraônico que o abrigo de dementes será a residência de outro desajuizado, o Mateus, que segundo a classificação de Simão, padecia de “amor das pedras”.

O narrador - que, aliás, não se apresenta e procura manter-se de forma relativamente imparcial diante das ações dos habitantes da vila - alega que o nome ‘Casa Verde’ teria sido empregado em função da novidade representada pelas cores das janelas da construção. Mas, ainda que sua cor³⁶ contrastasse com a de outras casas de Itaguaí, é

³³ *A semana*, 1892, pg. 541.

³⁴ ‘O Alienista’, pg. 256.

³⁵ Casa Verde: Fazenda em que Machado teria terminado a composição de *Dom Casmurro*, publicado em 1899 (de acordo com o polígrafo cedido pelo Município de Itaguaí).

³⁶ *Dicionário de Símbolos*, Cirlot, 1984: “na casa, por seu caráter de vivenda, produz-se espontaneamente uma forte identificação entre esta e corpo e pensamentos humanos (ou vida humana), como reconheceram empiricamente os psicanalistas. (...) A fachada significa o lado manifesto do homem, a personalidade, a máscara. Os diferentes andares concernem ao simbolismo da verticalidade e do espaço. O teto e o andar superior correspondem, na analogia, à cabeça e ao pensamento, e às funções conscientes e diretas. Ao contrário, o porão corresponde ao inconsciente e aos instintos (como, na cidade, os esgotos)” (pg. 141).

possível que Machado tivesse atribuído à Casa de Orates o valor que o ‘verde’ adquiriu: esperança.³⁷

Por outro lado, ‘verde’ simboliza imaturidade; assim, a cor poderia servir a qualificar um local de experiências, amadurecimentos. Hipótese bem menos provável, talvez fizesse referência à Casa Azul, local sagrado dos árabes maometanos a partir do século VII - o que converteria Itaguaí ao mesmo tempo em Meca e cidade não prometida.

A Câmara de Vereadores ganha destaque, no conto, por outro motivo. O espaço, fisicamente falando, representa a nobreza (vereança), e vem citado com maior frequência no decorrer dos treze capítulos. É lá que podemos assistir aos mais divertidos e patológicos casos de falha no caráter.

Reiteradas alusões podem levar o leitor a conceder maior atenção ao local, uma vez que as principais resoluções serão lá adotadas ou aprovadas - vinda e instalação do médico alienista, construção da Casa Verde; cobrança de tributos a partir de cálculos sobre os penachos dos cavalos e, por fim, a entrega do vereador Galvão - séria ameaça de lucidez - devida ou indevidamente internado em seguida, para alegria de seus pares.³⁸

³⁷ A associação entre a cor “verde” e esperança coube a Pierre Brunel (1984). Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (Dictionnaire des symboles, 1974): “eqüidistante do azul celeste e do vermelho infernal, ambos absolutos e inacessíveis, o verde, valor médio, mediatriz entre o quente e o frio, o alto e o baixo, é uma cor refrescante, humana” (pg. 372 – V. 4).

³⁸ Eugênio Gomes (Machado de Assis – influências inglesas, 1976) encontrou semelhanças entre o conto e alguns escritos do irlandês Jonathan Swift: “a influência de Swift, esta, recebeu-a Machado de Assis, provavelmente do ensaio “A serious and useful scheme to make an hospital for incurables”, com o qual Swift sugeriu a criação de um hospital para incuráveis, incuráveis morais: os escrevinhadores, os vadios, os incréus, os mentirosos e, além de tantos outros, os que fossem incuravelmente vaidosos, fátuos e impertinentes. (...) Certo de que a reclusão de tais incuráveis seria universalmente admitida como necessária, dado o número deles em todas as classes e condições de vida, Swift propõe que, além do tributo *per capita* para a manutenção do hospital, fosse criada uma taxa sobre as inscrições e lápides, monumentos e obeliscos em honra dos vivos, de vez que tudo isso trai mentira, orgulho e vaidade” (pg. 40-1).

A Câmara serve de tablado à exposição das fragilidades ideológicas de atores que agem conforme as circunstâncias favoráveis a si mesmos, cujas motivações são interpretadas de outra maneira pelo mantenedor da Casa Verde, Bacamarte.

*“- Sem este asilo (...) pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos.”*³⁹

Em 21 de julho de 1878, lemos do próprio escritor uma das várias referências feitas à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro:

*“Saibam, agora, que a Câmara resolveu autorizar o tesoureiro a comprar uma arca forte para recolher nela as suas rendas. Cáspite ! (...) A primeira convicção política inculcada em meu espírito foi que o município não tinha recursos.”*⁴⁰

As ações de Simão Bacamarte passam pelo crivo e voto da vereança. E aí está uma das grandes ironias: os revolucionários, sob as ordens de Porfírio, utilizam o mesmo espaço físico, outrora reservado aos vereadores, a fim de oficializar suas reivindicações, revestindo-as de tom protocolar, manifesto pela carta de Porfírio aos itaguaienses. As múltiplas razões por que a Câmara é citada tornam necessário relativizar sua importância. O leitor se depara com um espaço de várias tendências e funções.

“Um dos meus velhos hábitos é ir, no tempo das câmaras, passar as horas nas galerias. Quando não há câmaras, vou à municipal ou intendência, onde quer que possa fartar o meu amor dos negócios públicos, e mais particularmente da eloqüência humana. (...) Cada coisa tem uma hora própria, leitor feito às pressas. Na galeria, é meu costume dividir o tempo entre ouvir e dormir. (...) Há dias em que o guarda vem bater-me do ombro.

- *Que é ?*
- *Sai daí, já acabou”*⁴¹

A barbearia congrega a parcela popular. Porfírio é o porta-voz responsável pelo impulso e divulgação, boca a boca – numa época que antecede a chegada da imprensa ao Brasil - dos eventos que têm lugar em Itaguaí, principalmente os que se referiam à Casa Verde, “Bastilha da razão humana”.

³⁹ “O Alienista”, pg. 256.

⁴⁰ Notas semanais, 1878, pg. 391.

⁴¹ A semana, 1892, pg. 558-9.

Os poderosos, na vila, caminham de mãos dadas, reproduzindo o lamentável e verídico dado atestado pelos historiógrafos. No Brasil, as insurreições denominadas populares – vide aquelas que tiveram lugar em várias regiões do país - reúnem disparidades cruéis: a massa serve como pretexto e degrau para interesses de uma minoria, única parcela que efetivamente lucra com as sobras da morte de vários manifestantes assaz crédulos. De acordo com Júlio Chiavenato:

“para explicar a reação do povo, a primeira coisa que o poder faz, e a historiografia oficial confirma, é denunciar as massas como incapazes de analisar criticamente uma situação. A partir daí justifica-se a injustiça e é muito natural a repressão ‘no rigor da lei’. Essa visão falsa ganha força quando destacam-se do povo analfabetos e camponeses com uma mentalidade específica, com crenças peculiares à sua condição social.”⁴²

Os próprios barbeiros, na ordem, Porfírio e João Pina, disputam nas tesouras não somente maior clientela, mas, também, o poder político da cidade, fato que ganha maior relevo em sua correspondência sócio-econômica.

Motivações de personagens tão dúbias se emparelham às sofisticadas primeiras e segundas intenções do médico, contempladas pelo olhar atento de inócuo senhor das intrigas, Padre Lopes - personagem diplomática que estabelece outras formas de conhecimento e poder: religião e tradição.

Há uma hierarquização, naquela sociedade, refletida de acordo com os espaços. A Casa Verde abriga os tratados como marginais; a residência de Simão e a Câmara de Vereadores reúnem, salvo exceções (por ocasião da revolta popular), pessoas dos altos escalões sociais, em cujas mãos está o destino dos supostos dementes e ajuizados do vilarejo.

Quando invadida pelos revoltosos, a importância da Câmara se vê fortalecida: assume definitivamente o estatuto de território-máximo da autoridade política. No estágio imediatamente anterior, a barbearia assistira ao encontro e articulação dos

revoltosos - parcela social menos privilegiada e mais enfurecida sob as ordens de um barbeiro com vistas ao posto de vereador.

Dadas as proporções da narrativa, há menor detalhamento dos espaços domésticos, diferentemente do que se observa nos romances, em que a descrição consistiu em um dos principais expedientes narrativos. Além disso, importantes eventos são explorados em duas ocasiões, ambas na casa do centralizador Bacamarte. A primeira informa as dimensões de sua ‘modesta’ instalação: cinquenta convivas, número que coincide com a quantidade de janelas laterais da Casa Verde, serão acomodados à mesa de jantar. O cenário parece convidar aos discursos inflamados proferidos por Martim Brito, jovem com os mesmos vinte e cinco anos de Evarista, alvo de seus elogios disparatados.

Num segundo episódio, enquanto a mucama Benedita dá pontos num dos numerosos vestidos de seda que sua patroa Evarista trouxera do Rio de Janeiro, o médico se dirige à “varanda da frente”, para ouvir e principalmente calar os manifestantes.⁴³ Ao lado da residência do fausto médico está o Passeio Público da cidade do Rio de Janeiro.

A referência ao Jardim é interessante, considerando-se que o local foi citado em outras relevantes criações de Machado. Pode-se apontar o encontro de Brás Cubas e Quincas Borba (em Memórias Póstumas de Brás Cubas); as referências de Evarista ao parque, em ‘O Alienista’ e, muitos anos mais tarde, em Dom Casmurro, na ocasião em que Bentinho e José Dias fazem conjecturas sobre a ida do primeiro ao Seminário.

⁴² As lutas do povo brasileiro, 1988, pg. 92.

⁴³ Segundo Nicolau Sevcenko (Literatura como missão, 1983), na passagem do Império à República, em 1889, as varandas eram consideradas símbolos arquitetônicos do regime anterior. Esta informação pode ser ilustrada com o famoso ‘dia do fico’ (1821), em que Dom Pedro I, da varanda da casa real, teria proferido à população a resolução de permanecer no Brasil, contrariando os interesses da coroa portuguesa (principalmente as ordens dadas por seu pai, Dom João VI). Há alguma similitude entre o discurso de Bacamarte e do Imperador brasileiro.

Nos três casos o espaço serviu de tablado a reviravoltas nos respectivos enredos, revelando a possível mofa de Machado em relação à prioridade dos assuntos discutidos pelas personagens, bem como ao cultivo da auto-imagem entre homens e mulheres brasileiros, desde que o país almejou a se comportar, ao menos formalmente, de maneira similar aos europeus, revelando gostos forjados pelos passeios e jardins públicos, devidamente vestidos à moda de janotas e *coquettes*.

Leiamos o reencontro de Brás Cubas com um antigo colega de infância e escola, Quincas Borba, ocasião em que este lhe rouba o relógio.

*“Entrava então no Passeio Público, e tudo me parecia dizer a mesma cousa. – Por que não serás ministro, Cubas ? (...) Entrei, fui sentar-me num banco, a remoer aquela idéia. E Virgília que havia de gostar ! Alguns minutos depois vejo encaminhar-se para mim uma cara, que não me pareceu desconhecida. (...)”*⁴⁴

O período transcrito abaixo antecede a conversação entre Bento Santiago e José Dias, envolvendo a não permanência do primeiro no Seminário:

*“Entramos no Passeio Público. Algumas caras velhas, outras doentes ou só vadias espalhavam-se melancolicamente no caminho que vai da porta ao terraço. Seguimos para o terraço. Andando, para me dar ânimo, falei do jardim: - Há muito tempo que não venho aqui, talvez um ano.”*⁴⁵

Considerando loucura e liberdade como temas centrais ou mais imediatos, cumpre investigar o caráter aparentemente supérfluo da vinda e instalação de um médico especialista em alienados, guarnecido e representado por uma instituição em forma de fortaleza. O abrigo do louco poderoso trancafia loucos com outras sedes de poder. Suas proporções refletem a autonomia exagerada do mantenedor, confirmando a importância dos espaços dentre os ingredientes narrativos.

Machado de Assis denuncia comicamente a maior atenção dos políticos a patologias mentais – pois, ainda que existissem, pouco alteravam a rotina dos insanos,

⁴⁴ *Obra completa*, pg. 572. V. 1.

⁴⁵ *Op. cit.*, pg. 834. V.1.

que viviam em liberdade antes da chegada do médico – em lugar de discutir assuntos de maior prioridade.

Tempo

A duração da história ‘pesquisada’ pelo narrador é considerável. Aproximadamente quinze anos separam o regresso de Bacamarte ao Brasil até a sua reclusão e morte. O “filho de Pádua e Coimbra”, amigo de *el-rei* Dom João (Dom João VI, no Brasil) - é apresentado sucintamente. Após completar seus estudos iniciais em medicina, casa-se com Evarista e, “metido” em Itaguaí, obtém o apoio da Câmara de Vereadores para construir em tempo recorde a “sua” Casa Verde.

Daí emprega familiares de seu aliado puxa-saco Crispim Soares - quase um nepotismo - e dedica maior atenção às conclusões oriundas de seus estudos, em visível curso e mutação, sobre a matéria. Nesse sentido, ocorre gradativo aumento de sua autoridade, sempre apoiada, repita-se, pela vereança.

As informações essenciais sobre o “ilustre médico” serão fornecidas pelo narrador, ao operar uma ‘síntese dramática’,⁴⁶ breve resumo a focalizar a personagem central, visando enxugar dados irrelevantes e situar o leitor para a narrativa mais detalhada e cheia de peripécias, disposta em seguida.

O estágio de Simão será marcado por sua própria reclusão no sanatório, após a libertação de todos os prisioneiros, devidamente submetidos a terapias específicas em favor da cura de cada um de seus vícios, convertidos em virtudes. Coroando suas firmes resoluções, o médico admite ser o único habitante da cidade a trazer características não extremadas.

“A casa que abriga os loucos fica, significativamente, na Rua Nova, uma alusão às novas idéias naturalistas e cientificistas que procuravam desvendar, com lógica e raciocínio, o enigma da

⁴⁶ Vide “O conto” In: A criação literária, de Massaud Moisés (1975).

loucura. (...) Itaguaí é (...) o microcosmo criado por Machado para desnudar aspectos do ser humano presentes em todas as cidades e países”⁴⁷

O alienista não perde seu caráter autoritário, ainda que sua autoridade não possa ser configurada como fruto de mera sede de poder ou renome – tão usual em outros tipos canalhas de Machado. De fato, Bacamarte agira à sua maneira em função de não ter encontrado resposta definitiva quando empregara outras hipóteses. Barreto Filho fez considerações a respeito das motivações de Simão, com vistas ao estabelecimento de limites entre a razão e a loucura:

“O poder público sufoca as reações populares, em nome da ciência, aliando-se ao delírio raciocinante do sábio. A religião, encarnada na pessoa do Padre Lopes desempenha em vão o seu papel de lutar pelo bom senso, afrontando os excessos do racionalismo, mas a tragédia coletiva prossegue. (...) Quem conhece a nossa complacência por tudo o que se revista de uma aparência científica, a nossa facilidade em nos empenharmos em tentativas improváveis, quem observa a fragilidade de nossas resistências em face das teorias improváveis (...) em uma palavra, o nosso gosto pelas panacéias, sabe o que Machado de Assis queria estigmatizar na forma alegórica dessa novela.”⁴⁸

Os sete dias para comemorar a inauguração da Casa Verde são relatados em algumas linhas, enquanto a revolta insuflada por Porfírio, bem como as discussões entre os vereadores, na câmara, ganham páginas. Há um evidente gosto do narrador pelas intrigas despertadas nas cabeças da província.

Ao conceder relevâncias diferenciadas conforme o enfoque de determinados assuntos, ilustra-se na própria estrutura da história relatada que a rapidez na aprovação da construção do gigantesco sanatório, assim como a instalação do médico, reproduzem um dado genuinamente ‘brasileiro’: maior ou menor presteza dos políticos segundo o alvo de seus interesses. Para a fundação e manutenção da Casa Verde bastou-se aprovar rápidas medidas mediante miraculosos recursos necessários, na Assembléia da Câmara; já nas tentativas quanto à destituição do alienista, os revoltosos empregaram tempo muito

⁴⁷ Oscar D’Ambrósio. “O desalienante realismo de Machado de Assis” In: Almeida, Arlenice et al. A supremacia do conto, 1994, pg. 115-21.

⁴⁸ Introdução a Machado de Assis, 1947, pg.112-3.

maior, enfrentando dragões enviados pelo vice-rei, além de sacrificar vidas sem que a autoridade do médico fosse efetivamente abalada.

Parece não ter havido tempo, memória ou intenção por parte do narrador em deter-se nos assuntos de outra natureza. A reconstituição da história transcorrida em Itaguaí constitui-se de longos diálogos aparentemente de pouca importância. A obstinação de Bacamarte vem retratada por narrativa enxuta cujo narrador não nos adianta assuntos se não os que estejam relacionados ao tema da loucura. Tornamo-nos leitores ‘bacamartianos’. Nas palavras de Luiz Ribeiro do Valle: “O alienista é de todo indiferente ao que não se relaciona à sua especialidade, isto é, à sua idéia fixa.”⁴⁹

Os recursos de distensão e condensação, referidos acima, podem ser encontrados em diversos contos, como exemplo, ‘Missa do Galo’ – vide os modos de Conceição; ‘A Causa Secreta’ – e as cenas de sadismo extensa e detalhadamente descritas - entre muitos outros.

Ação

Os entraves na relação estabelecida entre Simão Bacamarte e as demais personagens são graves e risíveis. Supondo-se detentor da verdade, o cientista enfrenta a contrariedade da população, uma vez que: “(...) *todas as grandes verdades acham grandes incrédulos*”⁵⁰

O médico esteve contínua e diretamente envolvido, por meio de avais concedidos pelos políticos poderosos da vila de Itaguaí, com a autoridade política. O Doutor Bacamarte⁵¹ tenta obedecer a uma conjunção teoricamente impossível: a razão,

⁴⁹ “Contos” In: _____. Psychologia morbida na obra de Machado de Assis, 1918, pg. 143.

⁵⁰ A semana, 1894, pg. 625.

⁵¹ Bacamarte, “Cavalo mau corredor”, de acordo com o Dicionário de Gírias, de Antenor Nascentes (1953). O sobrenome é originário da língua francesa: “braquemart ou baquemart” – arma de cano curto. Posteriormente serão averiguadas as similitudes entre a Casa Verde e a Bastilha Francesa. O Dicionário Aurélio contém ainda outros sinônimos para o sobrenome: “macaco ou objeto imprestável”.

via ciência, através dos moldes europeus, e o conhecimento das mensagens de Alá, reforçadas pela filosofia de Averróis.

Ora, não é ocioso lembrar que uma das personagens mais ardilosas dentre aquelas criadas pelo escritor tem nome de sabedoria. Sofia, a mulher desejada por Rubião, esposa de seu ‘amigo’ Cristiano Palha (Quincas Borba, 1891), permite refletir que a condição para a existência e êxito dos maus depende consideravelmente da ingenuidade dos bons ou dos menos mal-intencionados: daí Sofia (sabedoria) *versus* sandice, indubitável inversão de valores.

“Não podendo se integrar ao Brasil do interior (Barbacena), ou ainda, não conseguindo integrar o Brasil do interior à Corte, nossa elite tenta um encaixe simbólico na França. Daí se poder entender que a posse de um corpo (Sofia) – impossível na vida real – só se torna possível via França, isto é, por intermédio do delírio que estabelece a passagem para outras terras e nossa imbricação no mundo civilizado”⁵²

O texto nos leva em direção a relativizar a sabedoria de Bacamarte, uma vez que seus procedimentos são tão ambíguos quanto a caracterização dos sujeitos aparentemente bem intencionados. Se prestarmos atenção aos métodos do cientista - considerados abusivos tanto às camadas populares quanto aos nobres da vila – veremos na loucura desculpa bem acabada e mal resolvida para a busca do ‘talvez’: conciliação esdrúxula dos contrastes. Com exceção ao médico, as figuras constituem-se em tipos bastante definidos, marcados, planos, superficiais, previsíveis, convencionais, evocados por uma única frase ou referência.⁵³ A esse respeito, o escritor deixou contos exemplares, constantemente referidos pela crítica - verdadeiros teoremas a desnudar quão tênues são os limites entre vício e virtude.

⁵² Gilberto Pinheiro Passos. Revista Leitura D.O., 1999, pg. 30.

⁵³ Personagens planas e redondas foram definidas por Edward M. Forster em Aspectos do romance, 1969.

Machado parece ter nomeado muitas personagens de acordo com suas características, tanto físicas quanto morais, refletidas nas atitudes por elas adotadas ao longo de diversas narrativas.⁵⁴

*“Conta-se de um homem (...) que não podia achar bons copeiros. De dous em dous meses, mandava embora o que tinha, e contratava outro. Ao cabo de alguns anos chegou ao desespero; descobriu, porém, um meio com que resolveu a dificuldade. O copeiro que o servia então, chamava-se José. Chegando o momento de substituí-lo, pagou-lhe o aluguel e disse: - José, tu agora chamas-te Joaquim. Vai pôr o almoço, que são horas. (...) De um ou de outro modo, a influência dos nomes é certa.”*⁵⁵

Fica a impressão de que há uma disparidade arquitetada entre brevidade narrativa e riqueza de algumas personagens fundamentais ao próprio desenvolvimento do enredo - disparidade que concede ao texto poderoso fôlego de estilo, chamado metalinguagem.

⁵⁴ Conforme Roland Barthes, em Novos ensaios críticos e grau zero da escritura. São Paulo: Cultrix, 1974: “cada nome contém várias ‘cenas’, surgidas a princípio de maneira descontínua e errática, sempre prontas entretanto a se congregarem, formando uma pequena narrativa, pois narrar é sempre e apenas interligar, por processo metonímico, um número reduzido de unidades plenas” (...) Impõe-se (...) que estes nomes sejam bem selecionados – ou descobertos.” (pg. 60-1).

⁵⁵ A semana, 1894, pg. 607

II - Simão Bacamarte

Grande número de intérpretes comprovaram que a ambigüidade é um dos pontos fortes da narrativa machadiana. Em boa parte é à oscilação que se deve o êxito de Dom Casmurro, porque no romance, tanto a história narrada quanto narrador e método narrativo são ambivalentes. O libelo de Bentinho, narrador-protagonista, contra Capitu - em função da suposta infidelidade conjugal por parte daquela - corre paralelamente ao considerável volume de informações periféricas ou centrais, igualmente pautadas por afirmativas e negativas, prós e contras, que dizem respeito não exclusivamente ao tema (infidelidade), mas também, à mesquinharia, pompa e assim por diante.

Se naquele romance o esquema narrativo espelharia a sugestão duvidosa do adultério, em 'O Alienista' já se verifica esboço de procedimento similar. Além dos contrastes entre Simão e as demais personagens há, como exemplo, a inversão do posicionamento de Sebastião Freitas, "o vereador dissidente", bem como as atitudes de Porfírio, revolucionário de fachada.

Abundam rótulos que norteiam a condução da narrativa, marcada pela divergência entre interesses de uns e os ideais de outro (s) e vice-versa. É palmar o confronto entre as motivações do médico e aquelas das demais personagens. As disparidades entre as inclinações do cientista e aquelas adotadas por quem ele mesmo denominou "leigos" - políticos, barbeiros, padre e albardeiro - reforçam as características pouco comuns da criatura central, tipo extraordinário, tanto analisado isoladamente como em relação ao conjunto de personagens criadas por Machado além do conto em questão.

A história situa-se entre o final do século XVIII e início do XIX, conforme atestam as declarações do narrador. Evarista (esposa do médico), Cesária (esposa de Crispim Soares) e comitiva retornam da viagem consentida pelo marido da primeira - ao

Rio de Janeiro - onde tomam contato com o Chafariz das Marrecas e o Passeio Público, obras recém inauguradas.⁵⁶

A estadia na cidade grande dura vários dias, possibilitando aos viajantes contatos com um mundo de frivolidades radicalmente contrastante se comparado à vida provinciana de Itaguaí. Ao retornar à vila, Evarista imediatamente transplanta seu deslumbramento para um estilo de vida notadamente opulento incompatível com os hábitos cultivados anteriormente.

Estas e outras discrepâncias não escapariam ao olhar clínico do marido. Se Machado conhecia as teorias propostas por Charcot, no século XIX, Simão Bacamarte, personagem, assemelha-se a um Pinel abrigado⁵⁷, preocupado em assegurar a construção da Casa Verde, vide os discursos controladamente inflamados frente à Vereança e, mais tarde, no embate de forças com os manifestantes.⁵⁸

Rigoroso até a medula, o médico é apresentado ao leitor em comportamentos polêmicos que vão de encontro à apática e terrificada população da pequena Itaguaí, agora, seu “Universo”.

Em dois romances – um que precede e o outro que se segue a Papéis Avulsos - verifica-se a gama de pressupostos defendidos pelo filósofo Quincas Borba, em contraste

⁵⁶ A construção do Passeio foi iniciada no vice-reinado de Luís de Vasconcelos (1740-1807 - quarto vice-rei do Brasil), em 1779, e concluída em 1783. Dois anos mais tarde (1785), concluiu-se o Chafariz das Marrecas - Cf. Vivaldo Coaracy (Memórias da cidade do Rio de Janeiro, 1988): O Morro das Mangueiras “Foi arrasado por ordem do vice-rei Luís de Vasconcelos, que utilizou o desmorte para aterrar a Lagoa do Boqueirão e constituir o terreno onde criou o Passeio Público de acordo com os planos de Mestre Valentim. Inaugurou assim Luís de Vasconcelos, no Rio de Janeiro, a prática de arrasar morros para abrir espaços livres e arejados e conseguir material de aterro.” (pg. 123). As datas acima são confirmadas por: Fleiuss, Max. História da cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal) – Resumo didático, 1928; Marianno Filho, José. O Passeio Público do Rio de Janeiro – 1979-1783, 1943 e Tourinho, Eduardo. Revelação do Rio de Janeiro, 1964. Na edição de ‘O Alienista’, assinada por Massaud Moisés (1961), afirma-se que o Passeio Público foi terminado somente em 1803.

⁵⁷ Philippe Pinel respondeu pela libertação dos loucos de suas algemas (justamente ao final do século XVIII, após a queda da Bastilha), enfrentando a contrariedade da opinião pública, em seu tempo.

⁵⁸ A câmara de vereadores de Itaguaí não poderia existir naquele tempo, conforme informa o narrador, uma vez que foi inaugurada somente em 1847: “Com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal em 1755 a aldeia ficou sem sua escola e perdeu também a organização de base do aldeamento que era

com a inaptidão de seus ouvintes de plantão: respectivamente, Brás Cubas (em Memórias Póstumas de Brás Cubas) e Rubião (de Quincas Borba).

“Todo prudente obra com conhecimento, mas o tolo espraia a sua loucura”.⁵⁹

As dicotomias fazem relativizar não somente a lucidez, como também a insanidade.⁶⁰ Até que ponto valeram ao Dr. Simão Bacamarte seus métodos de investigação ?

“Eu tornei a voltar-me, e determinei em meu coração saber, e inquirir, e buscar a sabedoria e a razão, e conhecer a loucura da impiedade e a doídice dos desvarios”⁶¹

Na medida que a ambição de um pseudo-revolucionário, o barbeiro Porfírio, relaciona-se à sua postura quando assume o poder político, estabelece-se o limite entre liderança e autoritarismo. Quanto às demais questões - o bem-estar dos habitantes de Itaguaí, por exemplo, parece não haver espaço suficiente para tais abordagens – os limites, refletidos na escolha de um gênero chamado conto, motivaram ou contaminaram a disposição dos temas no texto: tem a loucura pujança para anular ou encobrir todas as outras prioridades da população, enquanto enfeitiça os leitores.

Os políticos ora defendem as polêmicas intervenções de Simão Bacamarte, ora condenam; os revolucionários - liderados inicialmente pelo barbeiro - agridem o médico alienista em frente à sua casa com improperios, para, em seguida sentir fraquejar o ânimo de suas reivindicações, face às palavras deste ilustrado “filho de Coimbra”.

feita pelos jesuítas, mas o povoado subsistiu. Itaguaí passou à condição de Paróquia em 1795” (Polígrafo cit., 2000).

⁵⁹ “Provérbios, 14, 16” (A Bíblia Sagrada, 1956, pg. 448)

⁶⁰ Como bem observou Valentim Aparecido Faccioli (“Várias histórias para um homem célebre” In: Bosi, Alfredo et al. Machado de Assis, 1982): “As posições das personagens são reversíveis, continuamente deslocadas, do alto para baixo e vice-versa; da periferia para o centro e vice-versa; da razão para a loucura e vice-versa; da pobreza à fortuna e vice-versa; do anonimato ao prestígio e vice-versa, etc. Nenhuma posição será validada como definitiva, com estabilidade garantida. (...)” (pg. 44).

⁶¹ “Eclesiastes” 7, 25 (Bíblia Sagrada, 1956, pg. 462).

O próprio líder dos Canjicas (Porfírio), ao assumir o poder, ilustrado pela dissolução temporária da Câmara de Vereadores da vila, em lugar de destituir o cientista, propõe-lhe atitudes de conciliação para enfrentar os revoltosos:

“*Unamo-nos, e o povo saberá obedecer.*”⁶²

O Sanatório é um grande, enorme bem social, construído para abrigar os dementes diagnosticados por Simão Bacamarte. Mas teria a ‘Casa de Orates’, de fato, abrigado insanos ? Essencialmente, não se sabe se foi útil ou maléfica àquela comunidade, pois ajuda a colocar debaixo do tapete outros problemas ou questões. Como se disse, leva-se a crer que o conto fosse uma sutil crítica às questionáveis prioridades políticas.

Bacamarte é uma das personagens mais interessantes de Machado; possivelmente, a mais rica figura dentre aquelas presentes em seus contos. Analogamente, Brás Cubas é o mais inusitado narrador-protagonista de seus romances. Ambas as criaturas, aliás, obedecem a uma conjugação deveras complexa: inverosimilhança - onde já se viu defunto que narre sua vida e médico que se aliene ? - e coerência: as duas narrativas ilustram relações humanas, percepções de tempo, referências espaciais de forma verssímil, coesa. Juracy Saraiva observa a respeito do narrador Brás Cubas que:

“Ao situar-se no reino dos mortos, ele adere ao fictício, ao mundo ilusório de um jogo de aparências, que lhe permite instituir-se como sujeito e auto enunciar-se. A narrativa *post mortem* resulta de uma convenção. Mas, ao desnudar a convencionalidade que lhe dá forma, o defunto-autor rompe com as barreiras que poderiam obstaculizar seu modo de ser, imprimindo-lhe a liberdade de se construir como representação. Ainda que o ato narrativo repouse sobre a inverdade, a verossimilhança o torna pleno, pois só é possível avaliar a vida depois de tê-la plenamente vivido, embora seja possível narrá-la, ao nível ficcional, sem a ter jamais vivido”⁶³

⁶² “O Alienista”, pg. 277. Lê-se no “Eclesiastes” 7, 16: “A sabedoria fortalece ao sábio, mais do que dez governadores que haja na cidade”, pg. 462.

⁶³ Saraiva, Juracy Assmann. O circuito das memórias em Machado de Assis. São Paulo: Edusp, 1983. (pg. 46-7). Para Michel Zeraffa (“Point de vue et personne” In: _____. Personne et personnage. Paris Éditions Klincksieck, 1971): “un roman ne serait esthétique et authentique qu’à condition de ne pas être proposé au lecteur comme un jeu d’échecs aux pièces mues par une main invisible, l’ensemble de

Já o médico tem a plena confiança de Dom João, filho de Maria I, a ‘louca’.⁶⁴

As relações sociais do Doutor da vila cumprem todos os protocolos, ainda que de forma inusitada. É que ao repertório de desempenhos e performances previsíveis e pressupostos pela sociedade – talvez, e por isso mesmo, ideais - contrapõem-se os interesses de Simão. Bacamarte é um paradoxo: cientista racional, (cartesiano, ocidental, frio, lúcido) admirador de canônicos escritos árabes religiosos e filosóficos. As contradições que encerra são índices que bastariam para destacá-lo dentre as personagens.

À ciência personificada em Simão opõe-se a religião católica – daí a já mencionada distinção entre o conhecimento Oriental (Corão e filósofos árabes) e o Ocidental (Bíblia): franca oposição entre a tradição reta representada pelo Padre Lopes, mentor da vila, e o inovador, na incomum figura do Doutor, tirânico restaurador dos bons costumes.

Deixar a Europa por uma vila da província na colônia portuguesa - Brasil; negar os rendimentos obtidos junto à Câmara; declarar-se o único alienado... Sem dúvida, dentre as personagens do conto, Bacamarte é o mais coerente com suas loucas convicções. Atente-se para a aparente solidez de seu caráter, ao custear o tratamento dos doentes.⁶⁵ Um dos poucos pontos aparentemente indiscutíveis é o fato de Simão ser incansável trabalhador. Como citara Machado, em 1878:

*“(...) o que são o trabalho e a liberdade, senão as duas grandes necessidades do homem?”*⁶⁶

l'échiquier étant éclairé d'une lumière venue d'en-haut, ne laissant rien dans l'ombre. Il y a aurait arte et verité, en revanche, si le lecteur, au lieu d'assister à un drame joué sur une scène à l'italienne, était rendu solidaire, complice, de personnages ne voyant chacun du réel qu'un secteur éclairé, coloré par sa subjectivité. L'art du roman serait l'art du perspectivisme.” (pg. 35)

⁶⁴ A sugestiva genealogia da corte portuguesa foi apontada por J. Emílio Major Neto, em Prefácio a “O Alienista” (edição de 1993).

⁶⁵ Para Alfredo Bosi: “A coerência mais pura está no próprio alienista, fiel, do começo ao fim, à miragem da verdade”. *Op. cit.*, pg. 99.

⁶⁶ Notas semanais, 1878, pg. 379.

Na língua portuguesa, costuma-se empregar o advérbio ‘religiosamente’ quando se pretende caracterizar rigor nos hábitos de determinados indivíduos: diz-se, por exemplo, fulano é um estudante que cumpre suas tarefas religiosamente. O que dizer de Bacamarte: cientista religioso ou religioso cientista ?

[Simão Bacamarte] *"Mal dormia e mal comia; e, ainda comendo, era como se trabalhasse, porque ora interrogava um texto antigo, ora ruminava uma questão, e ia muitas vezes de um cabo a outro do jantar sem dizer uma só palavra a D. Evarista."* ⁶⁷

Mudam-se os nomes, mas não as práticas. Pode-se associar a substituição do nome da Câmara de Vereadores por Palácio do Governo, obra de Porfírio, ao episódio vivido pelo confeitiro Custódio, em Esau e Jacó. Ambos os acontecimentos parecem ilustrar que pouco importa mudar placas, fachadas ou denominações, porque o exercício das incoerências políticas – criticadas ou renegadas - se repete.

Há muitos poderes em jogo, no conto. A loucura teria sido motivada pela insana demanda de saber absoluto ? ⁶⁸ Averigüemos quais são as motivações de cada um dos aspirantes ao poder, em Itaguaí – especialmente no caso do barbeiro e dos vereadores - às quais se opõem aquelas de um homem estudado que, voluntariamente, deixou de cumprir os “negócios de el-rei”, em Lisboa ou Coimbra, para cuidar de supostas moléstias mentais, “metido” (é esse o termo empregado pelo narrador) numa pequena - e, por extensão, discreta - vila da província, negando-se inclusive ao recurso da matraca – instrumento tipicamente colonial para a divulgação de notícias e idéias - sugerida por seu escudeiro Crispim Soares.

“Quanto à idéia de ampliar o território da loucura, achou-a o boticário extravagante; mas a modéstia, principal adorno de seu espírito, não lhe sofreu confessar outra coisa além de um nobre entusiasmo; declarou-a sublime e verdadeira, e acrescentou que era ‘caso de matraca’. Há melhor do que anunciar a minha idéia, é praticá-la, respondeu o alienista à insinuação do

⁶⁷ ‘O Alienista’, pg. 258.

⁶⁸ Segundo Massaud Moisés: “Machado de Assis, o modo de ser e de ver”: “Em *O Alienista* há, na verdade, poder e poder. O da Ciência e o da Política. É certo que Bacamarte reúne condições para segurar as rédeas do poder político, já que é da nobreza da terra. Mas ele é acima de tudo, e com mais evidência, expressão do poder da Ciência, pois este lhe bastava.” Jornal da Tarde, SP (01.05.1999).

*boticário (...) Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão.”*⁶⁹

Considerado despótico e “tirano”, tanto pelas personagens quanto pelo próprio narrador, que juízos o médico faria de si mesmo ? Há um elemento diferencial na constituição do caráter deste cientista. Antes da sede de poder ou nomeada – motivações tão usuais de diversos tipos machadianos - em proporções bem maiores que as de seu próprio conhecimento está o poder da ciência, refletido em seus intentos manifestados e cumpridos de maneira esquisita, na cura dos supostos doentes mentais de Itaguaí, cidade maquete de seu mundo, sua insanidade.

*“Há uma grande palavra que diz que todas as cousas são puras para quem é puro”*⁷⁰

A grande dicotomia é que Bacamarte não tem interesse pela publicidade barata ou poder político, embora necessite dele – o poder público instituído e representado pelos vereadores de Itaguaí – para dar prosseguimento aos seus objetos científicos, trazendo para a província uma dose de esclarecimento despótico revestido de ciência desinteressada.

Quanto à terapêutica - no conto, a palavra intitula o capítulo XIII - Machado afirmou, em crônica de 1892:

*“Creio na utilidade da terapêutica; mas que deliciosa cousa é não saber que ela existe, duvidar dela e até negá-la !”*⁷¹

Ao conceder a Itaguaí escala universal, Simão propõe ao mundo representado pelos itaguaienses o seu modelo de sabedoria: a pequena vila constitui-se em estágio de plano muito mais ambicioso: a cura de todos os enfermos mentais do planeta. É curioso que, enquanto porta-voz da ciência, conhecedor da Bíblia e de grandes nomes da cultura Oriental, Simão acabe por se integrar sem adaptação a um painel social muito

⁶⁹ “O Alienista”, pg. 261. Em “Jeremias” 9, 22, lê-se: “Que o sábio não se glorie de sua sabedoria, que o valente não se glorie de sua valentia, que o rico não se glorie de sua riqueza !” (Bíblia, 1989, pg. 1496).

⁷⁰ A semana, 1892, pg. 546.

interessante: a população abriga algumas das típicas profissões do final do século XVIII (Benedita, mucama de D. Evarista; barbeiros, vereadores, o padre, o albardeiro, os almotacés...). As ocupações fazem parte do enquadramento desta história em possível paródia machadiana ao cenário da Corte em vias de adentrar o Brasil⁷² - cujos modos deixaram herdeiros nas várias gerações ulteriores.

Itaguaí está para a cidade do Rio de Janeiro⁷³ assim como esta para o reino de Portugal. A grande cidade viabiliza a transferência de muitos dos questionamentos (teorias) vigentes na Europa do final do século XVIII e início do XIX. Espécie de ponte entre colônia e colonizador, Simão obedece ao paradoxo de algo necessário mas acessório à comunidade itaguaiense. Antes de sua chegada, os supostos loucos viviam soltos às ruas e a vereança provavelmente conhecesse menores índices ou motivos para divergências.

*“A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é argüida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes. Assim é que cada louco furioso era trancado em uma alcova, na própria casa, e, não curado, mas descurado, até que a morte o vinha defraudar do benefício da vida; os mansos andavam à solta pela rua. Simão Bacamarte entendeu desde logo reformar tão ruim costume.”*⁷⁴

Ao buscar limites o médico outorga a Itaguaí uma nova postura. Suas investidas chocam-se com muitos dos vícios lá encontrados. As providências por ele adotadas balizam ao modo do pino central de uma balança de pratos, as frágeis posições - ideologicamente falando - de cada um de seus habitantes, representando várias camadas sócio-econômicas e culturais.

⁷¹ *A semana*, 1982, pg. 544.

⁷² Segundo Nicolau Sevcenko (*op. cit.*, 1983): “Em pouco tempo, e com ajuda dos jornalistas e dos correspondentes em Paris, a burguesia carioca se adapta ao seu novo equipamento urbano, abandonando as varandas e os salões coloniais para expandir a sua sociabilidade pelas novas avenidas, praças, palácios e jardins. (...) frenética agitação de carros, charretes e pedestres, como se todos quisessem estar em todos os lugares e desfrutar de todas as atrações urbanas ao mesmo tempo. Já o dia não bastava para tanta excitação; era necessário invadir a noite, a cuja fruição os novos lampiões a gás e as luminárias do comércio convidavam.” (pg. 37).

⁷³ Cumpre lembrar que a família real instalou-se no Brasil em 1808, alguns anos depois do tempo em que se passam as aventuras vividas em “O Alienista”, portanto.

A partir do momento em que o médico age sobressaem mesquinhas, frivolidades e inconstâncias numa população que constitui versão miniaturizada do mundo, sob o jugo de um demiurgo - espécie de renovado tutor material e espiritual, que cria reunir em si mesmo “teoria e prática”.

*“Nenhuma reforma se fez útil e definitiva sem padecer primeiro as resistências da tradição, a coligação da rotina, da preguiça e da incapacidade. É o batismo das boas idéias; é ao mesmo tempo seu purgatório.”*⁷⁵

O cientista padece de ensimesmamento, vide a busca incessante por sabedoria, sem tempo sequer para obedecer aos impulsos da natureza (alimentar-se, dormir, dialogar com esposa). A opção por tamanho racionalismo leva ao afunilamento de sua percepção quanto à patologia. Daí o vínculo entre o andamento de suas conjecturas - para obedecer aos princípios científicos foi preciso deixar de viver outras sensações - relacionadas intimamente com a redução dos espaços ocupados: de Portugal para Itaguaí; de Itaguaí ao Hospício; de médico sábio a paciente endoidecido: vida e morte.

Os limites impostos pela reclusão de Bacamarte constituem duas faces de um amálgama: de um lado, fim do acesso ao conhecimento; por outro lado, encerramento da tentativa de escutar as fronteiras que separam bons e maus intencionados. Haveria outra conclusão para cientista tão culto, mas afastado da realidade, ou para o narrador? É mediante as fraquezas da maioria que a elaboração da personagem principal ganhará maior destaque: os realces são constituídos nas entrelinhas, sub-repticiamente. O narrador atesta que o médico era deveras frio e paciente:

*“a paciência do alienista era ainda mais extraordinária do que todas as manias hospedadas na Casa Verde; nada menos que assombrosa”*⁷⁶

Para Machado:

*“A paciência, com perdão da palavra, é um biscoito moral, dado pelo céu a muito poucos”*⁷⁷

⁷⁴ “O Alienista”, pg. 254.

⁷⁵ *Notas semanais*, 1878, pg. 384.

⁷⁶ “O Alienista”, pg. 257.

A percepção da loucura ou da lucidez divide ações e especulações de uma personagem que culturalmente é tão ou mais portuguesa do que brasileira. Uma das conseqüências pode estar desenhada no comportamento do médico, de modo a refletir a duplicidade (ou triplicidade) de suas deduções. Conduzidos conforme o ponto de vista das demais personagens e, principalmente, do narrador, somos levados a caracterizá-lo como sem razão, ainda que fosse um ser frio e metódico; racionalista virtuoso. Massaud Moisés bem notou que:

“É difícil, em suma, ficar alheio ao impacto de ‘O Alienista’ (...) O mistério que ronda uma história de absurdos permanece depois que a história se esgota. (...) o conto liga-se a outras obras passadas (...) duas, pelo menos: D. Quixote e Cândido (...) Em ambas, o que se tem é uma espécie de inversão total dos valores habitualmente considerados certos (...) Nas duas obras e nO *Alienista*, a atmosfera é de sátira azêda contra a Humanidade, apegada ao pequeno e esquecida do grande. (...) Bastava êsse conto para dar nomeada a qualquer escritor.”⁷⁸

Machado elaborou uma história de reduzida extensão que corrobora e se escora na providencial falta de precisão do narrador. A constituição lacunar de “O Alienista” deixa consideráveis dúvidas quanto à delimitação temporal: imprecisão cronológica e personagens oscilantes fazem parte de um conluio narrativo contra ou a favor do qual não temos provas definitivas.

*“(...) os bons desejos de alguns ou de muitos não chegarão jamais a criar ou aviventar uma instituição, se esta não corresponder exatamente às condições morais e mentais da sociedade.”*⁷⁹

⁷⁷ Balas de Estalo, 1885, pg. 454.

⁷⁸ Memorial de Aires/ O Alienista, 1961, pg. 174-7.

⁷⁹ Notas semanais, pg. 404 – Crônica de 01 de setembro de 1878.

III - Os alienados

Evarista

*"D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digerida com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; (...) (Bacamarte) não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte."*⁸⁰

Mulher no limiar do século XIX, a esposa do médico caracteriza-se num primeiro momento, por submissão ao marido, refletida em sua discreta inclusão como personagem coadjuvante, na narrativa.⁸¹ À medida que a história caminha, sua participação aumenta e, então, a mulher submissa e temerosa de outrora volta da cidade grande apresentando ingredientes dignos de uma metamorfose: agora é senhora absolutamente fátua. A consorte migra dos receios frente às resoluções adotadas por seu poderosíssimo marido à frivolidade máxima: traz do Rio de Janeiro – viagem “consentida” (o termo é de autoria do narrador) pelo marido - todo um novo ideário que se reflete em seu posicionamento, motivado pela visita à filial da Corte e aos monumentos que aquela cidade acabara de receber.

Além de deslumbres a esposa reboca trinta e sete “vestidos de seda”. Estes dados, associados a outros detalhes de conhecimento do marido serão suficientes para a internação desta, conforme justificaria Simão ao Padre:

“Já há algum tempo que eu desconfiava, disse gravemente o marido. A modéstia com que ela vivera em ambos os matrimônios não podia conciliar-se com o furor das sedas, veludos, rendas e pedras preciosas que manifestou logo que voltou do Rio de Janeiro. (...) Alta noite, seria hora e meia, acordo e não a vejo; levanto-me, vou ao quarto de vestir, acho-a diante de dois

⁸⁰ “O Alienista”, pg. 254.

⁸¹ De acordo com Félicien Challaye (*As grandes religiões*, 1981): “A poligamia deve limitar-se a quatro espôsas. A mulher deve permanecer no lar ou sair velada; continua numa situação inferior. Entretanto, o Islame glorifica a maternidade: ‘O paraíso está ao pé das mães’, diz Maomé (...) O gênio místico da Pérsia soube dar ao Islamismo o que lhe faltava, o ideal terno e sofredor, motivos para chorar, o queixume lacrimoso, a Paixão. Isto é uma necessidade absoluta de toda religião (...) É tão doce chorar sobre um Deus redentor...Este sentimento é quase estranho ao Islamismo árabe, religião puramente viril, feita unicamente para os homens...” (pg. 241-7)

*colares, ensaiando-os ao espelho, ora um ora outro. Era evidente a demência: recolhi-a logo.” (...)- Conto pô-la boa dentro de seis semanas, concluiu ele.”*⁸²

Diga-se, aliás, que a adequação à utilização de roupas bem vistas perante a sociedade já fora mencionada por Machado em crônica de 1878:

*“A casaca por ser casaca, não faz mal nem bem; a culpa ou a virtude é dos corpos, e menos dos corpos que das almas.”*⁸³

A esposa retornara à vila, segundo o narrador, como “a principal esperança de Itaguaí”. Embora continue a desempenhar papel secundário, Evarista ganha tanto maior destaque quanto mais futilmente se comporta. Vejamos como a consorte do médico procedeu frente à possibilidade de que tivesse início a insurreição dos “canjicas”:

“D. Evarista teve notícia da rebelião antes que ela chegasse; veio dar-lhe uma de suas crias. Ela provava nessa ocasião um vestido de seda, - um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro, - e não quis crer.

- *Há de ser alguma patuscada, dizia ela mudando a posição de um alfinete.*

- *Benedita, vê se a barra está boa.*

- *Está, sinhá, respondia de cócoras no chão, está boa. Sinhá vira um bocadinho. Assim. Está muito boa.”*⁸⁴

Evarista agora manda, ao menos em suas crias. É um novo estágio em sua vida: como o marido, julga-se crescentemente autorizada a fazê-lo, tanto por ser esposa do médico quanto por ter vindo da cidade grande, em viagem luxuosa para os padrões da época – devidamente acompanhada por respeitável comitiva.

Este recalque resolvido na transposição de ordens também foi denunciado em Memórias Póstumas de Brás Cubas. No romance, o escravo Prudêncio, outrora maltratado por seu amo Brás Cubas, é surpreendido pelo narrador (Brás) surrando um de seus empregados, quando liberto e dono de uma mercearia. Em Quincas Borba, os

⁸² “O Alienista”, pg. 279-80. Corão, sura XVI, 9: “É Deus Quem mostra o caminho de que alguns se afastam, mas, se Ele quisesse, por lá se encaminhariam todos” (pg. 276).

⁸³ Notas semanais, 1878, pg. 396. N. Sevcenko (*op.cit.*) informa que a casaca e os ternos tinham cores pretas até a virada de 1889. A passagem para República transformou também este hábito, bem como trouxe a substituição das cartolas por chapéus. No conto, embora a ação transcorra no limiar dos séculos XVIII e XIX, o narrador se refere aos chapéus de Porfírio e revoltosos: seria o chapéu um acessório a traduzir a popularidade da insurreição ?

⁸⁴ “O Alienista”, pg. 271.

maus tratos aplicados por Rubião ao cão (Quincas Borba) talvez prenunciassem os castigos que o ex-professor de Barbacena, agora capitalista, receberia por parte de seus amigos, todos rumando à alta sociedade da corte brasileira: quantos pulhas não terão se dado bem, materialmente falando, com a sua providencial exclusão ?

Evarista parece ter se dado conta de que ingresso e permanência em outra classe baseiam-se não somente em nova postura, mas no exercício da autoridade em todas as oportunidades possíveis. A esposa do médico nos revela o novo significado, a nova dimensão que a lei das aparências assumira em sua vida.

Crispim Soares

"(...) boticário da vila, e um dos seus amigos e comensais" ⁸⁵

Espécie de agregado profissional, o boticário constitui a principal fonte de adulação ao médico. Sua amizade inicialmente demonstrada garante vagas a dois de seus sobrinhos, que, uma vez empregados no Sanatório, passam a cuidar de expedientes administrativos, deixando maior tempo para os estudos do cientista. A contratação dos sobrinhos de Crispim ilustra o crescimento bastante rápido das atribuições na Casa Verde, e, por extensão, o volume de trabalho do médico.

"Simão Bacamarte começou por organizar um pessoal de administração; e, aceitando essa idéia ao boticário Crispim Soares, aceitou-lhe também dois sobrinhos, a quem incumbiu da execução de um regimento que lhes deu, aprovado pela Câmara, da distribuição da comida e da roupa, e assim também da escrita, etc." ⁸⁶

É sugestivo que um profissional experiente na manipulação de remédios tenha se aliado ao poderoso médico vindo de Portugal, fato que nos permite ver os limites de

⁸⁵ *Op. cit.*, pg. 254.

⁸⁶ *Idem*, pg. 257. Como observou Roberto Schwarz: "O favor é nossa mediação quase universal (...) No processo de sua afirmação histórica, a civilização burguesa postulava a autonomia da pessoa, a universalidade da lei, a cultura desinteressada, a remuneração objetiva, a ética do trabalho etc. – contra as prerrogativas do *Ancien Régime*. O favor, ponto por ponto, pratica a dependência da pessoa, a exceção à regra, a cultura interessada, remuneração e serviços pessoais." (*Ao vencedor as batatas.*, 1992, pg.16).

uma amizade supostamente desinteressada por parte do boticário: assim como Sebastião Freitas, Crispim alia-se à situação: de adulator do alienista a defensor dos oprimidos, mal representados pelo barbeiro Porfírio.

Em determinada altura dos acontecimentos, o boticário exhibe suas fraquezas. Ao crer que Porfírio subtrairia o poder concedido ao alienista, alia-se formalmente ao barbeiro, depois de muita hesitação...

*“Nunca um homem se achou em mais apertado lance: - a privança do alienista chamava-o ao lado deste, a vitória do barbeiro atraía-o ao barbeiro. (...) não achou Crispim Soares outra saída em tal crise senão adoecer; declarou-se doente e meteu-se na cama.”*⁸⁷

Em decorrência das atitudes ambíguas do boticário:

*“O alienista, desde que lhe falaram da momentânea adesão de Crispim Soares à rebelião dos Canjicas, comparou-a à aprovação que sempre recebera dele ainda na véspera, e mandou capturá-lo. (...) disse (...) aos circunstantes que o terror também é pai da loucura, e que o caso de Crispim Soares lhe parecia dos mais caracterizados.”*⁸⁸

A resolução do boticário aliada à sua demonstração de fúria contra o médico por ter internado sua esposa, Cesária, chegam ao conhecimento do alienista: logo será adotada a providência de interná-lo, em regime semi-aberto – regime que parece se justificar pelo fato de Crispim ser seu bajulador. Regime que funciona como meio termo entre a internação e a liberdade, que reforça a situação de impasse enfrentada pelo próprio adulator. O narrador informara, logo no início da história por ele contada que:

*“Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos nunca estiveram separados um só dia.”*⁸⁹

Desde que esta consideração esteja armazenada na memória do leitor, maior valor será atribuído a esta:

“O Padre Lopes (...) só foi capturado trinta dias depois da postura, a mulher do boticário quarenta dias. (...) A reclusão desta senhora encheu o consorte de indignação. Crispim Soares saiu de casa espumando de cólera e declarando às pessoas a quem encontrava que ia arrancar

⁸⁷ *Idem*, pg. 275.

⁸⁸ *Idem*, pg. 278.

⁸⁹ *Idem.*, pg. 260. Contrastantes são Bacamarte e Crispim, no trato com suas esposas. As diferenças entre Evarista e Cesária são, também, gritantes. A primeira é internada por apresentar excessiva preocupação com a aparência (roupas e colares); a segunda, em função de sua “beleza moral”.

as orelhas ao tirano. Um sujeito, adversário do alienista, ouvindo na rua essa notícia, esqueceu os motivos de dissidência, e correu à casa de Simão Bacamarte a participar-lhe o perigo que corria. Simão Bacamarte mostrou-se grato ao procedimento do adversário, e poucos minutos lhe bastaram para conhecer a retidão dos seus sentimentos, a boa-fé, o respeito humano, a generosidade; apertou-lhe muito as mãos, e recolheu-o à Casa Verde. - Um caso destes é raro, disse ele à mulher pasmada. Agora esperemos o nosso Crispim.”⁹⁰

Padre Lopes

Padre Lopes empresta voz à teologia, mas principalmente, à capacidade de flexibilização mascarada da religião, vivamente contrastada com a firme opinião da ciência e seu “deus de pedra”. Ao personificar a religião, Machado providenciou uma figura que representasse os dogmas instituídos pelo credo católico – signo do pensamento conservador por excelência, Lopes se mostra em contragosto ao paradoxal despotismo do médico progressista. O padre com nome de lobo⁹¹ realça as divergências entre dois conhecedores da fé: um, católico ortodoxo, o outro, cientista voltado aos maometanos. Como bem observou Raymundo Faoro:

“O tecnocrata (...) tem, contra os vereadores, a confiança real, o que fez o padre atuar com cautela, mas sempre discretamente vigilante. O verdadeiro e último comando está longe, em Lisboa, mas, sabem todos, ele, com seus batalhões e suas armas, é o senhor da ordem. O padre Lopes vela e vigia, não somente sobre o rebanho ignaro, mas também, e sobretudo, sobre os condutores intelectuais. (...) O muito estudo vira o juízo, por comprometer a ordem religiosa, ou, senão religiosa, ao menos tradicional, cuja subversão perturba a supremacia do vigário”.⁹²

É sabido que uma das construções mais encontradas no Brasil, principalmente nas cidades do interior, é a igreja, edificação que remonta ao período colonial. À época em que se dão os acontecimentos em Itaguaí, a religião se vê abalada pela presença do cientista com laivos das religiões do mundo oriental. Obliterando a importância de Padre

⁹⁰ *Idem.*, pg. 282-3.

⁹¹ “Lobo – símbolo da coragem entre os egípcios e os romanos. Aparece também como guardião em grande número de monumentos. Na mitologia nórdica (...) aparece (...) como um símbolo do princípio do mal” (pg. 348) Cirlot, Juan-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo, 1984. Para Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, “o simbolismo do lobo (...) comporta dois aspectos: um, feroz e satânico, outro benéfico. Como vê a noite, é símbolo da luz (...) O lobo é considerado divindade infernal desde a mitologia greco-latina” (*Dictionnaire des symboles*. 8ème ed. Paris, 1974 – tradução minha).

⁹² *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, 1974, pg. 438-9. Para Voltaire: “Les prêtres sont dans un État à peu près ce que sont les précepteurs dans les maisons des citoyens, faits pour enseigner, prier,

Lopes, o narrador não faz sequer referências ao local, comprovando quão concentrado está em Bacamarte. O vigário, a outra extremidade do poder em Itaguaí, e representante do baixo clero, habilmente alia-se à esposa do médico desde o princípio:

" - Olhe, D. Evarista, disse-lhe o Padre Lopes, vigário do lugar, veja se seu marido dá um passeio ao Rio de Janeiro. Isso de estudar sempre, sempre, não é bom, vira o juízo." ⁹³

Assim que a comitiva de Dona Evarista regressa de algumas semanas no Rio de Janeiro, o cura, aproveitando-se da calorosa e movimentada recepção nas ruas da vila, puxa-lhe conversa:

" - A propósito da Casa Verde, disse o Padre Lopes (...), a senhora vem achá-la muito cheia de gente.

- Sim ?
- É verdade. Lá está o Mateus...
- O albardeiro ?
- O albardeiro; está o Costa, a prima do Costa, e Fulano e Sicrano, e...
- Tudo isso doido ?
- Ou quase doido, obtemperou o padre." ⁹⁴

A caracterização do Padre aproxima-o de um autêntico e sorrateiro diplomata. Seus julgamentos afiados, aliás, permearão todos os momentos de tensão, no conto. Talvez o único temor manifesto de Bacamarte esteja relacionado ao vigário, denotando respeito algo similar ao temor dos verdadeiros fiéis a Deus.

"Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A idéia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa: mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela, ao bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII." ⁹⁵

Por seu turno, Lopes coloca-se estratégica e invariavelmente, em cima do muro. Eis, novamente, a noção de limite - desta vez, não entre sabedoria e loucura, mas sim, entre crítica e abstenção ou, se preferirmos, entre sinceridade e mascaramento: o vigário tece críticas ao médico, mas fazendo uso de terceiros, como no caso em que confessa a

donner l'exemple; ils ne peuvent avoir aucune autorité sur les maîtres de la maison." (Dictionnaire Philosophique, pg. 354-5).

⁹³ "O Alienista", pg. 255.

⁹⁴ *Idem.*, pg. 266.

⁹⁵ *Idem.*, pg. 255.

Evarista, suas dúvidas quando à sanidade de Bacamarte. Ele representa de fato, a religião, outra fonte de poder situada na época em que a história teria transcorrido - no limiar dos séculos XVIII e XIX, momento histórico das grandes disputas entre a tradição e as novas idéias, entre o dogma do credo religioso e a fé na ciência.

“o padre, historicamente, seria o censor de costumes, sentinela do tirano. Seu poder é temporal, para os gozos da terra e o mando do mundo, com o auxílio da fogueira inquisitorial.”⁹⁶

Daí ser possível concluir que Lopes se mantivera sem opinião declarada, com o fim de efetuar a manutenção do poder instituído e preservado pela fé. Frente ao cientista o padre questiona polidamente seus métodos e teorias:

“ - Com a definição atual, que é a de todos os tempos, acrescentou, a loucura e a razão estão perfeitamente delimitadas. Sabe-se onde acaba uma e onde a outra começa. Para que transpor a cerca ?”⁹⁷

Assim que o barbeiro Porfírio assume o controle político da vila, mudando, inclusive, o nome da Câmara para “Palácio do Governo”, dirige-se a Lopes - representante de outra forma de poder - a fim de intimidá-lo, ao que o vigário, raposa de batinas, inteligentemente responde da seguinte forma:

“ - Em todo caso, Vossa Reverendíssima não se alistará entre os inimigos do governo ? disse-lhe o barbeiro, dando à fisionomia um aspecto tenebroso. Ao que o Padre Lopes respondeu, sem responder: - Como alistar-me, se o novo governo não tem inimigos ?”⁹⁸

Porfírio

“o Porfírio, desde que a Casa Verde começara a povoar-se tão extraordinariamente, viu crescerem-lhe os lucros pela aplicação assídua de sanguessugas que dali lhe pediam: mas o

⁹⁶ Raymundo Faoro, *op. cit.*, pg. 437-8.

⁹⁷ *Op. cit.*, pg. 262. De acordo com Blaise Pascal: “Les hommes sont si nécessairement fous, que ce serait être fou par un autre tour de folie, de n’être pas fou.” *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1954, pg. 1134. Para Bonaparte: “Acreditar que se pode regenerar um povo num instante é um ato de demência” (*Aforismos, máximas e pensamentos*. Rio de Janeiro: Newton, 1997 - tradução de Annie Paulette Marie Cambè, pg. 37). Erasmo de Rotterdam coloca as seguintes palavras, na pena segura pela loucura: “Está escrito no primeiro capítulo do Eclesiastes: é infinito o número de loucos (...) Jeremias explica-se mais claramente ainda, quando diz, no capítulo dez: Todos os homens se tornaram loucos à força de sabedoria. (...) O sábio Eclesiastes afirma ainda, noutra passo, o louco varia como a lua, o sábio é estável como o sol, querendo mostrar que todos os homens são loucos, e que o nome de sábio pertence a Deus exclusivamente (...) Salomão (...) afirma no capítulo sete, a tristeza vive no coração dos sábios, e a alegria no coração dos loucos” (*Elogio da loucura*, pg. 127-8).

⁹⁸ *Idem*, pg. 275.

*interesse particular, dizia ele, deve ceder ao interesse público. E acrescentava: - É preciso derrubar o tirano !”*⁹⁹

O barbeiro simboliza e lidera a revolução de fachada - tudo feito em nome da aparência, um dos complexos brasileiros. A personagem exibe mais de um posicionamento, assim como as outras. A primeira atitude é constituída por brados; as motivações seguintes revelam, por outro lado, sua proximidade da sede de poder.

“Todos, para encenar o papel exterior, se mascaram: (...) mascara-se o revolucionário, na pele do barbeiro. (...) Porfírio, sublevado, alcança o poder supremo de Itaguaí, com a missão de destruir a Casa Verde. Vitorioso, ocupa o lugar da Câmara, para a qual nunca conseguira se eleger em virtude de sua extração humilde, e se põe a governar, esquecido de seu mandato revolucionário. Todos renegam e todos se vingam. A ordem social se apura, filtra-se e se decanta, no fundo, com o exercício da vingança.”¹⁰⁰

Se os cuidados de Evarista para com as aparências podem ser identificados aos deslumbramentos trazidos da cidade grande, nesse critério Porfírio é criatura tão ou mais rica. Sua profissão (barbeiro) consiste em cuidar das aparências de outrem. Prestar serviço em função da aparência dos demais nivela e situa Porfírio como representante da pequena burguesia; e na tentativa de ascender, busca-se suplantando o ‘temor da obscuridade’.¹⁰¹

A burguesia, como se sabe, é a classe que mais ganhou força na transição entre os séculos XVIII e XIX, como bem ilustra a Revolução Francesa. Nesse sentido, não é só o capricho de ocupar a Câmara que motiva Porfírio. Entra em jogo, o desejo de ascender, revelado em sua passageira migração para outra casta: de mero conservador da aparência de caras (e classes) alheias à sua, a líder político. Segundo Marx e Engels:

“todas as classes que aspiram ao domínio (...) têm primeiro de conquistar o poder político, para por sua vez representarem o seu interesse como o interesse geral, coisa que no primeiro momento são obrigadas a fazer. (...) Quando a burguesia francesa derrubou o domínio da aristocracia, tornou desse modo possível a muitos proletários subirem acima do proletariado, mas apenas na

⁹⁹ *Idem*, pg. 268.

¹⁰⁰ Raymundo Faoro, *op. cit.*, pg. 340.

¹⁰¹ “(...) o temor da obscuridade, o abismo da obscuridade é um dos motivos-chaves de Machado, coerentemente com a concepção da sociedade como alma exterior, animada de glória e brilho.” Cf. Raymundo Faoro, *op. cit.*, pg. 501.

medida em que se tornaram burgueses. Cada nova classe, por isso, instaura o seu domínio apenas sobre uma base mais ampla do que a da até aí dominante, pelo que, em contrapartida, mais tarde também o antagonismo da classe não dominante contra a agora dominante se desenvolve muito mais aguda e profundamente. (...) A própria burguesia só com as suas condições progressivamente se desenvolve, cinde-se de novo em diferentes frações segundo a divisão do trabalho, e acaba por absorver em si todas as classes possuidoras precedentes (...) Os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que têm de travar uma luta comum contra uma outra classe; de resto, contrapõem-se de novo hostilmente uns aos outros, em concorrência”¹⁰²

O embate se coloca entre um homem do baixo escalão, preocupado com a aparência e um médico poderoso, concentrando sua autonomia em polêmica moralização da essência dos habitantes. Por um e outro motivo, criam-se verdadeiros entraves ao bem estar social, de forma que o mal estar parece entrar na ordem invertida de todas as coisas – resultado da tão citada confusão entre o interesse público e o privado.

Porfírio reconhece a necessidade de obter argumentos contrários ao alienista, a figura mais poderosa na vila. Para tanto, contamina numeroso contingente de revoltados - muitos dos quais morrerão no confronto com os dragões da guarda real - sempre tendo em mira, um novo *status*, coroadado na ocupação da Câmara de Vereadores. Para concretizar seus intentos o barbeiro faz valer a linguagem protocolar, vide a carta aos itaguaienses, assinada ‘O Protetor da vila em nome de Sua Majestade e do Povo’ – talvez mais uma divertida alusão ao Imperador D. Pedro, que recebeu o título de ‘Defensor Perpétuo do Brasil’, em evento posterior àqueles narrados no conto.¹⁰³

“indivíduos perfeitamente inofensivos na maior parte do tempo podem ser levados a atos de atrocidade quando reunidos em multidão.”¹⁰⁴

¹⁰² Marx, Karl & Engels, F. A ideologia alemã, 1984, pg. 38;58-9 e 82-3.

¹⁰³ Para José Carlos Garbuglio (“A linguagem política de Machado de Assis” In: Bosi, Alfredo et al. Machado de Assis, 1982): “em ‘O Dicionário’ foi o tanoeiro que se viu guindado à condição de ditador (não esquecer que dicionário e ditador têm a mesma raiz), em ‘O Alienista’ é um barbeiro que de repente se vê em posto de direção (também é importante verificar que o barbeiro, antigo sangrador, era uma espécie de médico), como um caudilho vencedor que tem a cidade e os cidadãos em suas mãos. Curiosamente os dois contos são da década de 80, quando os movimentos republicanos se intensificavam e aproximavam do poder com a derrubada da Monarquia, pondo o país nas mesmas condições das republiquetas sul-americanas, entregues à sanha e caprichos de caudilhos sem preparo e sem a menor condição para dirigi-las.” (pg. 475-6).

¹⁰⁴ Durkhém, Émile. As regras do método sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1995 (traduzido por Paulo Neves), pg. 5.

Num segundo momento – quando em vias de assumir o poder político - o mesmo barbeiro, outrora líder dos “canjicas”, propõe um pacto com o médico, para envernizar e aplacar a fúria dos restantes:

*“O que lhe pede é que de certa maneira demos alguma satisfação ao povo. Unamo-nos, e o povo saberá obedecer.”*¹⁰⁵

A inconsistência ideológica não escapará aos critérios nem ao olhar atento de Bacamarte:

*“Quantos mortos e feridos houve ontem no conflito ? perguntou Simão Bacamarte depois de uns três minutos. (...) - Onze mortos e vinte e cinco feridos, repetiu o alienista depois de acompanhar o barbeiro até à porta. Eis aí dois lindos casos de doença cerebral. Os sintomas de duplicidade e descaramento deste barbeiro são positivos (...) Dois lindos casos !”*¹⁰⁶

Seria possível estabelecer paralelos entre Porfírio Caetano das Neves e o pai de Janjão, personagem de ‘Teoria do medalhão’, em que se reafirma o principal critério do alienista para identificar o homem ajuizado: a mediocridade, tanto que ambos os contos - vitrines das máscaras sociais - vêm dispostos em seqüência na mesma coletânea organizada em vida pelo escritor.

Os autores de duas das célebres denominações ao Asilo: “A Casa Verde é um Cárcere Privado” e “Bastilha da Razão Humana” - respectivamente, “um médico sem clínica” e um “poeta local” - não receberam nomes do narrador. Entretanto, dada sua força expressiva, a segunda das afirmações será apropriada pelo barbeiro Porfírio, quando em direção à tomada da Câmara de Vereadores e, posteriormente, pelo inconsistente vereador Sebastião Freitas, que acaba mudando de parecer em relação ao poder concedido pela Vereança a médico e asilo.

¹⁰⁵ “O Alienista”, pg. 277. Encontramos em Platão: “o orador, nos tribunais e nas outras assembléias, não instrui sobre o justo e o injusto, limita-se a fazer com que os outros creiam.” (Górgias, pg. 40). A respeito do tirano: “começa sempre como um protetor do povo” (pg. 257) “o homem se faz tirânico na legítima acepção da palavra quando, por influência da natureza, do hábito ou de ambos, se converte em ébrio, enamorado ou louco.” (pg. 265) “Podemos (...) pressupor a existência de três classes de homens: o filósofico, o ambicioso e o avaro” (A República, pg. 275)

¹⁰⁶ *Idem*, pg. 277.

Porfírio é, depois de Bacamarte, quem mais tomou contato com a Casa Verde: uma vez liberto da “Bastilha”, devidamente escaldado, recusa-se a liderar outra insurreição contra o poderoso médico, alegando ter aprendido a não almejar posição diversa da sua. Se na primeira vez fora internado em decorrência de seus comportamentos violentos, na segunda – de acordo com os novos critérios de Bacamarte – será reconduzido ao cárcere, por mostrar-se ponderado, ajuizado.

“l’ordre social est un droit sacré qui sert de base à tous les autres. Cependant ce droit ne vient point de la nature; il est donc fondé sur des conventions (...) S’il faut obéir par force, on n’a pas besoin d’obéir par devoir”¹⁰⁷

Os vereadores

Os políticos “exemplares” (aspas minhas) partem em busca de melhores oportunidades; o alienista segue no encalço de suas crenças, mesmo porque ser médico traduzia-se em ascender socialmente. É fácil concluir que o poder assume tantas formas quanto seus representantes, no conto e, em se tratando de texto-síntese da obra de Machado de Assis, chega a ser evidente estabelecer vínculos entre estas personagens e muitas outras, que colorem os romances.

Sebastião Freitas retrata comicamente grande parte dos políticos brasileiros, traduzindo a imutabilidade das coisas, as mudanças de superfície.

*“o vereador dissidente tinha o dom da palavra e falou ainda por algum tempo, com prudência mas com firmeza.”*¹⁰⁸

Ora, já dizia a crônica de Machado que:

¹⁰⁷ Jean-Jacques Rousseau, *Du contrat social*, 1946, pg. 42-6.

¹⁰⁸ “O Alienista”, pg. 270. O ‘dom da palavra’ presente em várias figuras machadianas foi habilmente estudado por Maria Nazaré Lins Soares (*Machado de Assis e a análise da expressão*, 1968): “Em ‘O Alienista’, vinga-se Machado dos cultivadores da linguagem enfática, fazendo Simão Bacamarte metê-los na Casa Verde. Nesse conto, temos alguns exemplos notáveis de como o hábito de dar ‘pernas longuíssimas a idéias brevíssimas’ – o gosto da frase pela frase – pode conduzir às raias do desvario. Um abismo parece mediar entre a magra realidade e a linguagem hiperbólica de que fazem uso os personagens para exprimi-la.” (pg. 13-16).

*“Um homem que passe por várias opiniões, e demonstre que só teve uma opinião na vida, esse é a perfeição buscada e alcançada.”*¹⁰⁹

Nessa perspectiva, cumpriria sublinhar como esta personagem se contrapõe ao vereador Galvão - aquele que não julgou correto eximir a Vereança dos novos critérios do médico; aliás o único vereador a ir contra a opinião da Câmara, na sessão em que se votou e aprovou a exclusão dos vereadores, possíveis e prováveis alvos da segunda teoria formulada pelo alienista: a de que os loucos constituíam a minoria da Vila. Em função da coerência de sua manifestação, Galvão foi internado: encaixava-se perfeitamente no perfil dos loucos, de acordo com a nova idéia do médico.

*“O argumento principal deste magistrado é que a Câmara, legislando sobre uma experiência científica, não podia excluir as pessoas dos seus membros das conseqüências da lei (...) – A vereança, concluiu ele, não nos dá nenhum poder especial nem nos elimina do espírito humano.”*¹¹⁰

A reclusão é inevitável. Simão fundamenta-se em seu próprio discurso para fazê-lo. A Câmara, em peso, privilegia o interesse próprio da classe, despachando o único exemplar voltado para o bem comum:

*“(...) cujo acerto na objeção feita, e cuja moderação na resposta dada às invectivas dos colegas mostravam da parte dele um cérebro bem organizado; pelo que rogava à Câmara que lho entregasse. A Câmara, sentindo-se ainda agravada pelo proceder do vereador Galvão, estimou o pedido do alienista e votou unanimemente a entrega.”*¹¹¹

Os métodos de Bacamarte para a classificação das doenças evoluem ao longo de suas experiências com seres humanos da vila; a Casa Verde torna-se fundamentalmente um enorme laboratório de pesquisas.

“não estaria o espírito crítico de Machado de Assis reproduzindo o exagero e a relativa arbitrariedade do furor classificatório da medicina mental do século XIX ?”¹¹²

¹⁰⁹ *A semana*, 1893, pg. 587.

¹¹⁰ “O Alienista”, pg. 282.

¹¹¹ *Idem*, pg. 282. Crônica de 1885: “A razão que me faz amar, sobre todas as coisas deste mundo, a nossa Ilma. Câmara Municipal, é que ali a gente pode dizer o que tem no coração. Cá fora tudo são restrições e cortesias.” - *Balas de Estalo*, pg. 462.

¹¹² A indagação é de José Leme Lopes. *A psiquiatria de Machado de Assis*, 1974, pg. 24. Para Pierre Brunel (1984): “il y a une véritable manie taxonomique chez Simon Bacamarte, mais aussi chez les médecins du XIXe siècle.” (pg. 14).

A população de Itaguaí assusta-se não somente pela autoridade conferida ao médico, mas também por testemunhar a clausura de alguns de seus respeitáveis cidadãos, incluindo o albardeiro Mateus, Costa, a prima do Costa...

Mateus

*“Tinha negócios pessoais. Acabara de construir uma casa suntuosa (...) Esse homem, que enriquecera no fabrico de albardas, tinha tido sempre o sonho de uma casa magnífica, jardim pomposo, mobília rara. Não deixou o negócio das albardas, mas repousava dele na contemplação da casa nova, a primeira de Itaguaí, mais grandiosa do que a Casa Verde, mais nobre do que a Câmara (...) De manhã, com efeito, era costume de Mateus estatelar-se, no meio do jardim, com os olhos na casa, namorado, durante uma longa hora, até que vinham chamá-lo para almoçar.”*¹¹³

Crispim Soares, no afã de adular o médico, chama a atenção deste para o comportamento afetado do albardeiro (Mateus), sujeito que tinha no Padre Lopes e no boticário delator, seus principais amigos. A atitude de Crispim ilustra perfeitamente o ‘salve-se quem puder’, em que se transformara Itaguaí.¹¹⁴ A consequência não tarda:

*“o alienista (...) disse que o albardeiro talvez padecesse do amor das pedras (...) guiou para os lados da casa do albardeiro, viu-o à janela, passou cinco, seis vezes por diante, devagar, parando, examinando as atitudes, a expressão do rosto. O pobre Mateus, apenas notou que era objeto da curiosidade ou admiração do primeiro vulto de Itaguaí, redobrou de expressão, deu outro relevo às atitudes... Triste ! triste, não fez mais do que condenar-se; no dia seguinte, foi recolhido à casa verde”*¹¹⁵

Costa

*“Costa era um dos cidadãos mais estimados de Itaguaí. Herdara quatrocentos mil cruzados em boa moeda de el-rei D. João V, dinheiro cuja renda bastava, segundo-lhe declarou o tio no testamento, para viver ‘até o fim do mundo’. Tão depressa recolheu a herança, como entrou a dividi-la em empréstimos, sem usuras, mil cruzados a um, dois mil a outro, trezentos a este, oitocentos àquele, a tal ponto que, no fim de cinco anos, estava sem nada.”*¹¹⁶

¹¹³ “O Alienista”, pg. 264. Lê-se no Corão, sura XVI, 24-25: “Deus conhece certamente o que ocultam e o que tornam público. Ele não ama os orgulhosos” (pg. 276-7).

¹¹⁴ “(...) muitos, que desconhecem a natureza humana, têm amigos maus a quem deveriam prejudicar e, por outro lado, inimigos bons a quem cumpriria favorecer (...) Deveríamos antes dizer que é amigo aquele que é realmente bom, além de parecê-lo.” (Platão. A República., 1964, pg. 9). Para Voltaire: “Amitié – c’est un contrat tacite entre deux personnes sensibles et vertueuses. (...) les hommes vertueux on seuls des amis.” (Dictionnaire philosophique, pg. 15)

¹¹⁵ “O Alienista”, pg. 265.

¹¹⁶ *Idem*, pg. 262.

O cidadão Costa, estimado na vila por ter emprestado todo o seu dinheiro a diversos outros que não o tinham, é plenamente identificável com o ingênuo Rubião, personagem do romance publicado na década seguinte. Costa, assim como Rubião, é presa fácil dos frágeis limites entre amigos e interesseiros, e, além disso, talvez possa entrar em correspondência com seu tio, D. João V cujo governo, segundo os historiadores, foi marcado por extrema opulência.

Mas não é somente o esbanjamento que está sendo avaliado pelo médico. Cumpre curar o gastador, e, de uma tacada só, afastar um novo rico que não soube se adaptar às novas condições.

*“Alguns foram ter com o alienista. Bacamarte aprovava esses sentimentos de estima e compaixão, mas acrescentava que a ciência era a ciência, e que ele não podia deixar na rua um mentecapto. A última pessoa que intercedeu por ele (porque depois do que vou contar ninguém mais se atreveu a procurar o terrível médico) foi uma pobre senhora, prima do Costa.”*¹¹⁷

Note-se que é o narrador quem julga “pobre” a prima, corroborando a opinião das personagens quanto à suposta tirania do médico. A adjetivação confirma a oposição entre a credulidade por parte desta senhora e a autoridade de Bacamarte - e será reafirmada, logo a seguir, pela repetição dos qualificativos: “pobre” e “mísera senhora”, nas mãos do frio e ardiloso cientista, ricamente caracterizado:

*“Bacamarte espetara na pobre senhora um par de olhos agudos como punhais. Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse à própria esposa do vice-rei e convidou-a a ir falar ao primo. A mísera acreditou; ele levou-a à Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados.”*¹¹⁸

Nesse sentido, observemos as artimanhas do narrador - responsável pela apresentação da história de maneira a exercer influências diversas em nossas considerações relativas às personagens. Aquele que narra não só expõe mais de uma característica de cada figura. É a ele que devemos a organização das intrigas entre o

¹¹⁷ *Idem.*, pg. 263.

¹¹⁸ *Idem.*, pg. 263.

Padre Lopes e o médico. Embora reitere a cada página que a história narrada segue as versões das crônicas da cidade, elegeu episódios que invariavelmente relativizam tanto as boas quanto as más intenções dos habitantes. A prisão da prima do Costa, aliás, levou os cidadãos a outras mirabolantes suposições:

*“Ninguém queria acabar de crer, que, sem motivo, sem inimizade, o alienista trancasse na Casa Verde uma senhora perfeitamente ajuizada, que não tinha outro crime senão o de interceder por um infeliz. Comentava-se o caso nas esquinas, nos barbeiros; edificou-se um romance, umas finezas namoradas que o alienista outrora dirigira à prima do Costa, a indignação do Costa e o desprezo da prima. E daí a vingança. Era claro. Mas a austeridade do alienista, a vida de estudos que ele levava, pareciam desmentir uma tal hipótese. Histórias! Tudo isso era naturalmente a capa do velhaco. E um dos mais crédulos chegou a murmurar que sabia de outras cousas, não as dizia, por não ter certeza plena, mas sabia, quase que podia jurar.”*¹¹⁹

Há muitos boatos atestados pelos cronistas (via narrador), que servem a macular a imagem de alienista e alienados. O vigário, refletindo o sentimento geral da população, alimenta o desejo de ver seu rival (o cientista) internado no sanatório. É o mesmo Padre que chamará ao médico de “modesto” – virtude que leva Bacamarte ao arremate. Bacamarte: reclusão e morte.

“Simão Bacamarte achou em si os característicos do perfeito equilíbrio mental e moral; pareceu-lhe que possuía a sagacidade, a paciência, a perseverança, a tolerância, a veracidade, o vigor moral, a lealdade, todas as qualidades enfim que podem formar um acabado mentecapto. (...) sendo homem prudente, resolveu convocar um conselho de amigos, a quem interrogou com franqueza. A opinião foi afirmativa.

- Nenhum defeito ?
- Nenhum, disse em coro a assembléia.
- Nenhum vício ?
- Nada.
- Tudo perfeito ?
- Tudo.
- Não, impossível, bradou o alienista. Digo que não sinto em mim essa superioridade que acabo de ver definir com tanta magnificência. A simpatia é que vos faz falar. Estudo-me e nada acho que justifique os excessos da vossa bondade. A assembléia insistiu; o alienista resistiu; finalmente, o Padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador:
- Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: - a modéstia”¹²⁰

¹¹⁹ *Idem*, pg. 263-4.

¹²⁰ *Idem*, pg. 287.

Martim Brito

É preciso que se defenda a importância das personagens secundárias no conto. Martim Brito é um dos convidados a integrar a mesa de cinquenta lugares, no jantar de recepção oferecido por Simão Bacamarte à comitiva que retornava de viagem ao Rio de Janeiro. A mesa de tantos lugares, o encontro entre os principais da vila, o jantar, tudo é índice de opulência, e parece corresponder gastronomicamente às afetações dos recém-chegados.

Pouco antes da refeição, o Padre Lopes se aproximara de Dona Evarista (a consorte do médico) com o claro intuito de se aliar à “principal esperança de Itaguaí”, ou seja, contra os métodos do cientista. E quais seriam as intenções de Martim Brito ?

“Um dos oradores (...) rapaz de vinte e cinco anos, pintalegrete acabado, curtido de namoros e aventuras, declamou um discurso em que o nascimento de D. Evarista era explicado pelo mais singular dos reptos. ‘Deus, disse ele, depois de dar o universo ao homem e à mulher, esse diamante e essa pérola da coroa divina (e o orador arrastava triunfalmente esta frase de uma ponta a outra da mesa), Deus quis vencer a Deus, e criou D. Evarista” ¹²¹

Outro boato é formulado a cerca do alienista. Algumas das senhoras convidadas acreditam que a atenção do médico para com o jovem fosse motivada por ciúmes em relação a Evarista, em função dos excessivos termos proferidos pelo orador. A especulação errara de longe as atitudes do médico:

“(...) o alienista sorria agora para Martim Brito e, levantados todos, foi ter com ele e falou-lhe do discurso” ¹²²

Como se vê, tanto as senhoras quanto o rapaz estavam enganados. Outras eram as motivações do cientista:

“ – Pobre moço ! pensou o alienista. E continuou consigo: - Trata-se de um caso de lesão cerebral: fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo...” ¹²³

¹²¹ *Idem*, pg. 267.

¹²² *Idem*, pg. 267.

¹²³ *Idem*, pg. 267.

Talvez a menor atenção concedida por parte dos leitores de ‘O Alienista’ às personagens coadjuvantes seja a causa do ostracismo a que são submetidas tais figuras machadianas. Cumpre averiguar quais as razões para um discurso laudatório hiperbólico a uma mulher “nem bonita nem feia”: ou os elogios foram proferidos com sinceros sentimentos por parte do rapaz, em relação à esposa do médico (o que seria um atrevimento), ou constituíam tentativa de obter os préstimos da jovem senhora, no intuito de angariar forças contra os aterrorizantes procedimentos de seu marido. Ainda que o rapaz nutrisse algum sentimento por Evarista, díspares são estas emoções se consideradas à luz de seu discurso absolutamente retórico. Em outras palavras: veja-se quão longo é o hiato entre a autenticidade e o cálculo.

Quanto às manifestações de espontaneidade, muitas vezes são descritas cenas das lágrimas de Evarista, vide a despedida da comitiva que parte ao Rio de Janeiro dos maridos Crispim e Bacamarte; o temor frente aos revolucionários; a reclusão do médico... O próprio boticário sentiria bastante a ausência de sua esposa.

"- Adeus ! soluçaram enfim as damas e o boticário" ¹²⁴

Observe-se que determinados episódios foram construídos com o fim de estabelecer de forma cabal o contraste entre as paixões e a ciência: salientam, portanto, o rigor nos métodos aplicados pelo médico, enfatizando a postura deste ser, instalado bem acima das fraquezas humanas. A contraposição entre médico e boticário é amplificada pela montaria de cada um deles, como em Dom Quixote.

"E partiu a comitiva. Crispim Soares, ao tornar a casa, trazia os olhos entre as duas orelhas da besta ruana em que vinha montado; Simão Bacamarte alongava os seus pelo horizonte adiante, deixando ao cavalo a responsabilidade do regresso. Imagem vivaz do gênio e do vulgo ! Um fita o presente, com todas as suas lágrimas e saudades, outro devassa o futuro com todas as suas auroras." ¹²⁵

¹²⁴ *Idem*, pg. 200. “Aquele que chora reserva lágrimas que facilmente verte” (Hegel, Georg Wilhelm Friedrich. Os pensadores. São Paulo: Abril, 1980, pg. 265).

¹²⁵ *Idem*, pg. 259. Segundo La Rochefoucauld: “A constância dos sábios não é mais que arte de encerrar no peito a própria agitação” (Máximas e reflexões, 1994, tradução de Leda T. da Mota, pg. 18).

Gil Bernardes

Personagem que foge à regra dos já desregrados exemplares pintados por Machado, no conto, uma vez que o rapaz tentara escapar ao médico:

“Um desses furtivos chegou a ser preso a duzentos passos da vila. Era um rapaz de trinta anos, amável, polido, tão polido que não cumprimentava alguém sem levar o chapéu ao chão; na rua, acontecia-lhe correr uma distância de dez a vinte braças para ir apertar a mão a um homem grave, a uma senhora, às vezes a um menino (...) Tinha a vocação das cortesias.”¹²⁶

O narrador emprega novos juízos ao se referir ao temeroso e frustrado alienado:

“Pois o Gil Bernardes, apesar de saber estimado, teve medo quando lhe disseram um dia que o alienista o trazia de olho.”(...) na madrugada seguinte fugiu da vila, mas foi logo apanhado e conduzido à Casa Verde.”¹²⁷

Prestando maior atenção ao trecho acima, nota-se que a referência aos olhos de Simão Bacamarte reveste-se de precisão ainda maior, uma vez que ao *olhar* se aligutina a informação de que Gil Bernardes foi *logo* apanhado e recolhido ao asilo.

¹²⁶ *Idem*, pg. 268. A título de curiosidade, diga-se que houve uma única fuga promovida na Bastilha Francesa - façanha realizada por Henry Masers de Latude, recapturado em Holanda. O jovem passou 35 anos conhecendo os presídios da França, quando regida por Luís XV (na segunda metade do século XVIII), conforme Danillo Nunes. A bastilha e a revolução. Rio de Janeiro: Record, 1989.

¹²⁷ *Idem*, pg. 268.

IV – Construção dos Contrastes

Chegamos a este capítulo munidos de diversas sub-teses e pistas em número que por si só evidencia a amplitude de hipóteses sugeridas pelo conto. Deve-se dizer que parte do próprio título deste trabalho, ‘contrastes’, não por acaso, é termo recorrente dentre aqueles que se debruçaram sobre o assunto Machado de Assis.

Provavelmente muitos terão assinalado em Dom Casmurro o desnível sócio-econômico entre Bentinho e Capitu, amplificado na nítida disjunção ideológica entre Dona Glória e a futura nora.

Em Quincas Borba, evidencia-se o contraste entre o ingênuo Rubião e o sórdido casal Sofia/Palha.¹²⁸ Rubião assegura sua porção anticonvencional em função das posses. E fazendo uma aproximação, nesse sentido, Rubião e Simão levam uma vida, de início, aparentemente normal. Mas o que é norma ? Simão supõe ser lúcido - daí ser louco ? Ao pressupor a loucura, Bacamarte revela que os limites na matéria são de difícil visualização, porque ele mesmo corre à margem dos padrões - ao menos, considerando que fosse o habitante mais poderoso da vila.

No romance anterior a Papéis Avulsos já se constata o emprego do recurso, na disposição de duas figuras: Brás Cubas, canalha enriquecido, e Quincas Borba, filósofo empobrecido. Não há contraste, por outro lado, entre os cônjuges ‘amigos’ de Rubião... Palha e Sofia formam, provavelmente, um dos casais mais ajustados e ‘equilibrados’ de Machado, revelando que as maldades, pequenas ou grandes, têm como parceiro imediato o cálculo.

Foi visto que a assimetria entre personagens é delineada com regular frequência, em ‘O Alienista’. Podemos visualizá-la na notável escala de oposições entre o médico e a cidade: sábio *versus* vulgo, razão *versus* loucura... A formulação segue divergências

gritantes entre a casca do ideal altruísta, mal disfarçado pela ciência aparentemente desinteressada de Bacamarte, e o interesse - mais egótico que social - de Porfírio e Sebastião Freitas.

“Contrastar uma teoria é submetê-la à prova. O processo inclui um aspecto puramente lógico (comprovar a consistência da teoria etc) e um aspecto empírico (comprovar se o conteúdo informativo da teoria está de acordo com a experiência).”¹²⁹

A construção dos contrastes certamente foi arquitetada pelo escritor. Simão não só difere da galeria de personagens convencionais criadas por Machado; reúne em si mesmo, elementos díspares, daí ter à disposição motivações opostas, conhecimento de outras culturas capazes de fazer dançar teorias e mais teorias de sua especialidade.

Em mesmo plano das oposições explicitadas no nível formal, caminham as reações ao poder. Uma das primeiras lições a tirar de ‘O Alienista’ é que o poder não admite questionamentos. Ao poderoso, como disse Maquiavel, não convém ser brando ou sair do lugar-comum, mesmo porque a expectativa de quem está na camada de baixo não muda: o rodízio entre as classes sociais leva quem sobe a experimentar a posição e os trejeitos típicos daquele que comanda – é que deixar de obedecer constitui-se máxima gratificação.

Evarista deslumbra-se frente à sensação de poder, contrastando com a postura de Bacamarte, único a questioná-lo sem se contaminar de todo, uma vez que o poder do cientista vem introjetado, aceito e reafirmado pelos outros - do rei ao padre local.

O núcleo motivador das teorias de Bacamarte parece ser averiguar as razões para determinados comportamentos em sociedade. Afinal, já que o conto leva o nome de ‘O Alienista’, cumpre lembrar que o verbo ‘alienar’ tanto admite o sentido de alienar aos outros quanto a si mesmo.

¹²⁸ Rubião, personagem, de acordo com Alfredo Bosi e Roberto Schwarz, do tipo “ingênuo”.

¹²⁹ M. A. Quintanilla, Breve Dicionário Filosófico, pg. 64.

De forma geral, as personagens mais marcantes de Machado¹³⁰ são sustentadas por discursos tão misteriosos ou imprevisíveis quanto elas mesmas. Estas contraposições encontram-se em vários níveis e servem de apoio à alternância das próprias convicções, princípios ou reações.

Em suas memórias póstumas, Brás afirma que Virgília interrompeu o caso extraconjugal para acompanhar o marido em viagem a outro Estado, manifestando o poder da obediência às práticas convencionalmente aceitas. O Casmurro relata o contraste entre seu namoro com Capitolina em relação ao casamento, antecipando a configuração da problemática conciliação de beleza, inteligência e dinheiro em vida repleta de suspeitas, no futuro.

Social, econômica e culturalmente, a presença do alienista se contrapõe sensivelmente à condição das demais personagens.¹³¹ Sua residência, por exemplo, perde apenas para a morada do albardeiro Mateus, cuja profissão também destoa das dimensões de sua casa. Os critérios de Simão concedem ao albardeiro a primazia de ser uma de suas primeiras e famosas vítimas dentre os alienados providos de nome, recolhidos ao Manicômio: a incessante admiração por sua casa bem como a afetação frente aos olhares dos demais invejosos cidadãos de Itaguaí seriam justificativas definitivas para a internação.

¹³⁰ Em oposição às calúnias irradiadas por Silvio Romero (Machado de Assis, 1897). Como observou Renard Pérez (“Machado de Assis e a sua circunstância” In: Machado de Assis. Obra completa, 1992. Vol. 1) “Era então Machado de Assis, com 51 anos de idade, o maior escritor brasileiro, opinião, poder-se-ia dizer, aceita por unanimidade, não fosse a voz destoante de um Sílvia Romero, que nunca pudera esquecer as restrições que Machado fizera à sua poesia, por volta de 1880.” (pg. 87).

¹³¹ Segundo Pierre Brunel (*op. cit.*, 1984) “Machado de Assis organise la présentation non pas autor de l’aliéné, mais autor de l’alieniste” (pg. 9) Para Monique Plaza (A escrita e a loucura. Lisboa: Estampa, 1989): “O conceito de loucura nasce sempre de um antagonismo entre as produções de um indivíduo e os critérios de inteligibilidade de um grupo. Ora acontece que estes critérios se baseiam não numa totalidade simbólica quase legítima para cada um de nós, mas numa norma grosseiramente definida para servir interesses particulares. A loucura serve então para designar a oposição de um indivíduo a esta norma, os seus actos de rebelião e de dissidência” (pg. 103).

Em vários sentidos, Bacamarte não poderia ser comparado a Evarista. O cientista frio e cultivador dos ensinamentos de Maomé e Averróis convive com esposa apática, submissa e frívola. Os dois posicionamentos de Evarista, por sua vez, fazem coro ao jogo duplo apresentado pelo vereador Sebastião Freitas, bem como à aparente neutralidade sustentada pelo Padre Lopes – projeto de personagem acabada no Conselheiro Aires, não por acaso, diplomata que responde pela voz narrativa no derradeiro romance escrito por Machado, em 1908.

Em suma: às inconstantes atitudes de cada uma das personagens corresponde a dicotômica e paranóica mania classificatória do médico: ser *versus* parecer. A essas contraposições somam-se os já mencionados recursos empregados pelo narrador (distensão ou condensação); desníveis sócio-econômicos; polarizações no âmbito político e assim por diante. Este rol de contrastes faz da loucura tema perfeitamente ajustável a ilustrar a própria configuração do texto machadiano.

Nesse sentido, faz justiça interpretarmos a insanidade como matriz temática do ‘talvez’ machadiano. Entre o egoísta e o santo assoma o doido, semilúcido, a evidenciar quão fortes são os liames que nos atam à prática convencionalmente aceita, de tal forma repisada, a criar um quê de coerção.

As assimetrias não dizem respeito somente ao áspero duelo entre essência e aparência, entre ser e ter. No fundo, parecem constituir a principal motivação para os estudos do médico, sorte de juiz de valores por sinal não plenamente equilibrado, mas afinado com um parcial e muito relativo senso de justiça - ainda que valor, justiça e equilíbrio sejam termos de temerária conceituação.

Há que se considerar, ainda, as reformulações promovidas pelo cientista em suas teorias. Os elementos contrastáveis terminam por enaltecer, demarcar ainda mais estreitamente os limites entre convenção social e individual. O realce nos vários níveis -

exemplificados ao longo deste trabalho - conduz o leitor a gracejar dos infortúnios alheios e, por outro lado, autoriza-o a ponderar sobre a resistência dos pilares que supostamente servem a equilibrar sujeito e coletividade: os cálculos.

Talvez o maior obstáculo de Bacamarte fosse questionar unilateralmente a ordem de todas as coisas. É compreensível o temor frente à perda dos privilégios, por parte dos itaguaienses, mormente porque a determinação partia de um elemento semi-estrangeiro (novo contraste com a província), guarnecido pelo poder da sabedoria, mas também, e principalmente, da Realeza.

Considerando o intervalo entre a publicação de Memórias Póstumas de Brás Cubas, e 'O Alienista', pode-se afirmar que Bacamarte - outro Napoleão da ficção machadiana - ilustra de forma acabada a teoria da 'errata pensante', formulada pelo defunto Brás.

A loucura encontra variadas formas na ficção do escritor, e denuncia a impossibilidade de adaptação de determinadas figuras, ao mundo. Não é à toa que Brás, Quincas, Rubião e Bentinho ocupem lugar de destaque em sua galeria. No outro extremo, a contrabalançar este mundo de incertezas de ordem 'psíquica' - inveja, ciúmes e egoísmo - surgiu Capitu, de lucidez verossímil, impecável.

Os vícios, de maneira geral, são encontráveis em grande quantidade de textos, mas, particularmente, neste conto, assim como em 'Igreja do diabo' e 'Teoria do medalhão', elevados à categoria de virtudes, porque o 'meio-termo' - talvez um outro significado para virtude - parece conduzir inexoravelmente à loucura ou, em certos casos, à tão temida obscuridade.

Simão é ou pretende ser homem de virtudes e prova quão polêmica é a tarefa de se manter entre extremos, ora trancafiando cidadãos sem motivos facilmente comprováveis, ora meramente invertendo os critérios para a seleção não natural, mas

artificial, baseada em razões da razão científica. A Casa Verde funciona como uma guilhotina gigante, abrandada porque desprovida de lâminas. Instituição em forma de ferramenta a auxiliar as tarefas do médico na sofrível distinção entre seres racionais, cabeças da província repletos de inconvenientes.

O papel do narrador

Quando contamos ou relatamos uma história, acontecimento; quando reproduzimos uma cena, ambiente ou situação, somos levados naturalmente a tirar partido ou proveito da situação. É essa impressão que provavelmente levou a crítica a encontrar a chave para reavaliar o livro autobiográfico de Bento Santiago contra Capitu.

Ora, a ‘veracidade’ de um relato é cada vez mais passível de ser relativizada quanto mais distante se encontra o narrador dos fatos ou testemunhos que relata. Esse parece ser o caso do narrador de ‘O Alienista’. Nosso ‘historiador’ não tem nome, profissão, idade, endereço ou vínculo afetivo com nenhuma das personagens. A voz narrativa apresenta-se de longe, implicitamente logo na primeira frase : “Dizem as crônicas da vila de Itaguaí...”

É essa ‘voz do além’ que recontará a história envolvendo o regresso de um médico ao Brasil, e a reação da terrificada população de modesta vila em que o doutor se metera: palco miniaturizado da Revolução Francesa, evento que, de acordo com as informações reconstituídas pelo narrador, nos permite dizer que ocorreu contemporaneamente aos alardes da província brasileira.

A narrativa ora aproxima, ora nos afasta das personagens. Os elementos narrativos intercalam-se. Há sumário e cena, onisciência e objetividade: a matéria narrada aporta tanto personalidades e acontecimentos históricos quanto anedotas.

É apropriado afirmar que este narrador, embora em terceira pessoa, aproxima-se do ponto de vista de outros célebres juízes narradores de suas biografias, principalmente Brás Cubas. Tanto o tema da loucura quanto os procedimentos narrativos e a possível indefinição do gênero conduzem-nos através do tom de incerteza; tom, aliás, essencial para o êxito do conto.

Se couber falar em julgamentos, teremos de acrescentar algo à afirmação de Pierre Brunel de que a narrativa gira em torno do alienista. Para tanto é imprescindível nos apropriarmos dos expedientes narrativos que nos induzem sorrateiramente a consolidar juízos emitidos pelo narrador. É este emblemático ser, afastado temporalmente da biografia de Simão Bacamarte, que auxilia a promover a absolvição ou a condenação de médico e demais personagens.

Não nos são reveladas as motivações pelas quais o narrador apresenta a história, provavelmente porque não é esse o dado mais relevante: o que está em jogo é o exercício de narrar. Portanto, prestemos atenção ao narrador, elemento essencial em despertar efeitos e impressões motivadas pelo conto. Há indícios a comprovar que o narrador comete alguns lapsos. Ele se encaixaria entre os pacientes de Bacamarte ou acompanharia o cientista em seu isolamento ?

Vamos aos indícios. O primeiro deles diz respeito à alternada distância entre narrador e eventos narrados. Ora, apesar de reafirmar a todo instante que se baseia em crônicas (ou seja, em documentos da vila), o narrador logo se aproxima das personagens, a ponto de misturar-se à voz daquelas. Esta confluência de vozes é manifesta e pode ser comprovada pela alternância entre discursos diretos, indiretos e indiretos livres, além de breves monólogos - formas de narrar espalhadas democraticamente que conferem paradoxalmente estranha uniformidade ao texto.

Aquele (a) que reconstitui uma história não se comportaria dessa forma. E aí parece estar a primeira grande brincadeira de Machado de Assis: demolir os limites entre o dado histórico – admitindo de brincadeira que Bacamarte e os demais tivessem existido – e a anedota. A afirmação seguinte é de Josué Montello:

“Machado de Assis, mais raciocínio que sentimento, não parece viver com as suas personagens (...) O que faz o narrador é testemunhar-lhes os tormentos, com uma curiosidade divertida e mórbida, raramente convertida em adesão ou solidariedade comunicativa.”¹³²

Por outro lado, o conto é um passa-tempo, como o próprio Machado adverte em Várias Histórias. Particularmente ‘O Alienista’ parece ter constituído, além de divertimento, matéria de severos cálculos, porque em se tratando de conto com tais dimensões, consegue prender o leitor de forma hipnotizadora, sem que se saiba se o fascínio é exercido por uma personagem em particular; pelo enredo ou pelo final abrupto; ou ainda, pela conjunção de todos esses e outros fatores.

Diversos procedimentos narrativos contribuem para cuidados com relação ao narrador criado por Machado, a divertir-se em manipular os inusitados fatos ocorridos na vila. Vários diálogos reconstituídos são antecédidos ou finalizados pelo tom judicioso deste ser desprovido de identidade.

*“O momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens, e isto pelo contraste das duas naturezas, ambas extremas, ambas egrégias. D. Evarista soltou um grito, balbuciou uma palavra, e atirou-se ao consorte, de um gesto que não se pode melhor definir do que comparando-o a uma mistura de onça e rola. Não assim o ilustre Bacamarte; frio como um diagnóstico, sem desengonçar por um instante a rigidez científica, estendeu os braços à dona, que caiu neles, e desmaiou.”*¹³³

A divertida inverossimilhança – se pudermos chamar assim - é, portanto, de três níveis: a) a postura do narrador não condiz com a seriedade alegada pela pesquisa que realizou; b) os dados relativos a Itaguaí são inverídicos ou exagerados, vide dimensões e tempo para construção da Casa Verde; c) a intimidade entre narrador e personagens é

¹³² O Presidente Machado de Assis, pg. 40-1.

excessiva. Acrescente-se a esses fatores, a aproximação entre os eventos de Itaguaí à Revolução Francesa.

“O texto de Machado é quase sempre baseado na paródia. No entanto, o narrador, sempre ambíguo, parodia ao mesmo tempo que negaceia o conflito das duas vozes. Fica, ambivalentemente, entre a paródia e a estilização, sem se pronunciar por uma nem por outra. Parodiam-se tipos sociais e caracteres individuais, históricos ou literários; personagens parodiam personagens; personagens se parodiam a si próprias; operam-se paródias de paródias; sistemas parodiam sistemas; doutrinas parodiam doutrinas...”¹³⁴

Por se tratar de conto voltado ao desenho de personagens com alusão a eventos históricos, percebe-se que alguns dados espaciais ou temporais, sugeridos ou mencionados, não receberam desenvolvimento devido pelo narrador, repita-se, baseado em crônicas. É que detrás das lacunas esconde-se o perfeito expediente para que se estabeleça a aparente menor relevância de determinados recursos estruturais - tempo e espaço - revelando que apesar de retomar os documentos da vila, o narrador se concentrou mais detidamente em caracteres e atitudes das figuras. Nesse ponto, ele se destaca grandemente ao sistematizar as intrigas que cerceiam as personagens.

“ – D. Evarista voltava a cabeça a um lado e outro, curiosa, inquieta, petulante. O vigário indagava do Rio de Janeiro, que ele não vira desde o vice-reinado anterior; e D. Evarista respondia entusiasmada, que era a cousa mais bela que podia haver no mundo. O Passeio Público estava acabado, um paraíso, onde ela fora muitas vezes, e a Rua das Belas Noites, o chafariz das Marrecas... Ah ! O chafariz das Marrecas ! Eram mesmo marrecas, - feitas de metal e despejando água pela boca fora. Uma cousa galantíssima. O vigário dizia que sim, que o Rio de Janeiro devia estar agora muito mais bonito. Se já o era noutro tempo ! Não admira, maior do que Itaguaí, e de mais a mais sede do governo...Mas não se pode dizer que Itaguaí fosse feio; tinha belas casas, a casa do Mateus, a Casa Verde...”

*- A propósito de Casa Verde, disse o Padre Lopes escorregando habilmente para o assunto da ocasião, a senhora vem achá-la muito cheia de gente.”*¹³⁵

É relativamente simples ver a dimensão significativa do verbo ‘escorregar’. O vigário fica revestido de um ar sinuoso, escapadiço, meio cobra, meio lobo, padre Lopes.

Ao narrador interessa julgar, abrigado pela distância, sucessos e insucessos dos demais, comprazendo-se em nos apontar quão capaz é de se fazer dúbio ou em desnudar

¹³³ “O Alienista”, pg. 266.

¹³⁴ Riedel, Dirce Côrtes. Metáfora, o espelho de Machado de Assis, pg. 6.

a ambigüidade das personagens. Ele bem ilustra, sem explicar de todo, a própria loucura implacavelmente perseguida pelo alienista.

No campo das personagens, justapõem-se nos pratos da balança chamada juízo - sem necessariamente atingir o equilíbrio - lapsos de caráter dos alienados, de um lado, e o punhado de estranhas certezas do médico, do outro - cientista que, conforme o próprio narrador, admite e defende o aspecto evolutivo como elemento a revelar a marcha da ciência, sua ciência.

A linguagem utilizada pelo narrador confirma estas hipóteses. Ora, como ele é o responsável por articular dados de outra época que não a sua, e eventos que não testemunhou diretamente, cabe o compromisso, ou não, com a reprodução da verdade. Como se disse, talvez os eventos não tenham a mesma importância que as figuras. Dados históricos podem ser desculpas cheias de rendas para trazer o que realmente tem graça: desatinos, inversão de valores e abuso das várias formas de poder, inclusive a artimanha de narrar. Quando Bacamarte explica a Crispim o “mistério de seu coração” - expressão, não nos esqueçamos, salientada pelo narrador - utiliza-se de linguagem que reforça seu egocentrismo.

*“O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade.”*¹³⁶

O período acima contém vários elementos interessantes. Bacamarte emprega uma série de pronomes possessivos – ‘minha obra’, ‘seus diversos graus’, ‘meu coração’ – índices de autoridade inquestionável e protegida pelos dragões da guarda real.

O verbo ‘crer’, associado ao pronome demonstrativo ‘isto’ – ‘Creio que com isto’ (...) – demonstra um certo esforço por parte do médico em representar alguma

¹³⁵ *Op. cit.*, pg. 266.

modéstia; mas logo é contradito. Na oração seguinte, provavelmente mais sincera, lemos: ‘*presto* um bom serviço à humanidade’ – denotando a verdadeira pretensão do cientista: curar a humanidade. O estigma provinciano parece ter infectado o doutor, fosse antes de deixar o Brasil, ou quando se deu o seu regresso. Ora, justifica-se: Simão vive rodeado de adutores e encorajamentos que partem de todos os níveis: da sede do reino de Portugal aos habitantes mais simplórios da vila.

O fato de Bacamarte ser ou não, tirano, parece não importar tanto quanto verificar como é constituída a tirania neste conto. Tirana é a maioria das personagens e o narrador - o que torna ainda mais intrigante a narrativa e coloca o texto em lugar de honra dentro da ficção machadiana, uma vez que lá estão desnudadas as barreiras entre quem narra, o que se narra e de quem se narra.

Uma coisa é certa: nossas impressões do conto são magistralmente conduzidas, induzidas pelo narrador, ora objetivo ora intrometido; ora de perto ora ao longe; ora confiável ou improcedente. Narrador louco que pede a matéria que narra.

Prós e Contras

Por trás da brincadeira, a alegoria; do narrador desfigurado, a imprecisão do gênero, do tema; por trás da ciência e da religião, a crítica ao dogmatismo, à tirania dos bons costumes tão requestados pela tradição como garantia de sobrevivência - a esmagar os desprotegidos - auto-justificada pela lei de ‘humanitas’.

O autoritarismo de Simão é continuamente abrilhantado ou relativizado pelos avanços e recuos do narrador. O leitor atento pode observá-lo em várias passagens, quando, em suas mãos, personagens recebem adjetivações e caracterizações a revelar artilosidades, tramóias e interesses. Antes do médico, ou melhor dizendo, por de trás

¹³⁶ *Idem*, pg. 256. Os grifos são adicionais.

está a voz narrativa, julgando a todos, incluindo ao cientista, em posição de juiz supremo, municiado de autoridade superior inclusive aos fatos narrados. Quando não se aproxima das figuras de forma indiscreta, revelando detalhes de seus pensamentos mais secretos e miúdos, afasta-se estrategicamente retomando o papel de narrador semi-objetivo. Uma das raras cenas domésticas envolvendo médico e esposa revela os lucros do principal da vila com o asilo psiquiátrico.

“Simão Bacamarte pegou-lhe na mão e sorriu, - um sorriso tanto ou quanto filosófico, além de conjugal, em que parecia traduzir-se este pensamento: ‘ Não há remédio certo para as dores da alma; esta senhora definha, porque lhe parece que não a amo; dou-lhe o Rio de Janeiro, e consola-se.’ E porque era homem estudioso tomou nota da observação.”

Às objeções de Evarista, frente aos gastos com a viagem, arremata o médico:

“ – Que importa ? Temos ganho muito, disse o marido. Ainda ontem o escriturário prestou-me contas. Queres ver ? E levou-a aos livros. D. Evarista ficou deslumbrada. Era uma via láctea de algarismos. E depois levou-a às arcas, onde estava o dinheiro.”¹³⁷

Além das contraposições entre personagens ou entre suas atitudes, há outras no nível do discurso, dando forma não somente ao tom autoritário, mas também, às demais incertezas vislumbradas ao longo da história. Enquanto Itaguaí vem sendo polemicamente restaurada do ponto de vista político, através da reclusão dos antigos revoltosos, aumenta a abrangência dos critérios para reclusão, como num cerco estratégico, político.

“Tudo era loucura. (...) ninguém escapava aos emissários do alienista. (...) Se um homem era avaro ou pródigo ia do mesmo modo para a Casa Verde; daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. Alguns cronistas crêem que Simão Bacamarte, nem sempre procedia com lisura, e citam em abono da afirmação (que não sei se pode ser aceita) o fato de ter alcançado da Câmara uma postura autorizando o uso de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda pessoa que, sem outra prova documental ou tradicional, declarasse ter nas veias duas ou três onças de sangue godo. Dizem esses cronistas que o fim secreto da insinuação à Câmara foi enriquecer um ourives, amigo e compadre dele; mas, conquanto seja certo que o ourives viu prosperar o negócio depois da nova ordenação municipal, não o é menos que essa postura deu à Casa Verde uma multidão de inquilinos; pelo que, não se pode definir, sem temeridade, o verdadeiro fim do ilustre médico. Quanto à razão determinativa da captura e aposentação na Casa Verde de todos quantos usaram o anel, é um dos pontos mais obscuros da história de Itaguaí; a opinião mais verossímil é que eles foram

¹³⁷ *Op. cit.*, pg. 259.

*recolhidos por andarem a gesticular, à toa, nas ruas, em casas, na igreja. Ninguém ignora que os doudos gesticulam muito.*¹³⁸

Pode ser ocioso questionar se o cientista procedeu com lisura, em Itaguaí: cada um tem papel bem definido a cumprir. No caso do narrador, chega-se à perfeição da indefinição. Para ilustrar o deslumbre frente às novidades importadas da Europa, criou-se Evarista, dona dos comentários superficiais dos avanços arquitetônicos na cidade grande; a fim de expor o rápido enriquecimento de determinados setores da população colonial, surgiu o albardeiro.

¹³⁸ *Idem*, pg. 279. As arbitrariedades de Bacamarte revelam algo bastante grave: loucos e ajuizados estiveram, ao longo da história da psiquiatria, nas mãos de homens de poder inconstestável. Foucault demonstrou que a definição de ‘loucura’ variou consideravelmente ao longo dos tempos.

V - Contextualizações

Grosso modo as teorias de Bacamarte são três: após vários anos de estudo, a primeira supunha que a loucura acometesse a maioria dos habitantes de Itaguaí. Diante da assustadora quantidade de casos encaminhados à Casa Verde, Simão entende inverter o método de investigação e classificação dos doentes mentais. Assim, na contagem posterior, a minoria - menos de um quinto da população - foi internada e posteriormente curada.

*“Compreende-se que, pela teoria nova, não bastava um fato ou um dito para recolher alguém à Casa Verde; era preciso um longo exame, um vasto inquérito do passado e do presente.”*¹³⁹

A terceira e última teoria pressupunha a exclusão de si mesmo em relação ao meio social que pesquisava tão metodicamente. Nestes termos, Simão representa a única ou mais séria revolução. Suas motivações ajudam a relativizar as causas da esfarrapada insurreição liderada por Porfírio – o barbeiro com sede de nomeada que conduziu a massa constituída por três centenas de revoltosos, em Itaguaí.

Trata-se de conto dos contrários. Desde sua instalação na pacata e modesta vila, Bacamarte representou grande ‘novidade’, servindo mesmo de alternativa ao engrossar a pauta da câmara de vereadores, chacoalhando a rotina de seus habitantes.

Na Bíblia, os doze apóstolos representavam ocupações diferentes - batista, carpinteiro, pescador etc - em ‘O Alienista’, cada personagem será imbuída de um papel com atribuições e estereótipos bem definidos: haverá apenas um, no máximo dois exemplares de diferentes profissões, na vila, contribuindo para o caráter sintético do conto: João, barbeiro; Mateus, albardeiro; Simão, médico.¹⁴⁰ É como se algumas das

¹³⁹ “O Alienista”, pg. 282.

¹⁴⁰ O novo Dicionário da Bíblia, publicado no Brasil em 1962, traz referências a duas personalidades bíblicas com o nome Simão: um deles, Simão Pedro, discípulo e apóstolo de Jesus Cristo. O outro,

profissões mais representativas da Palestina tivessem servido ao Senhor, e aquelas mais significativas da província brasileira, pudessem ser submetidas às teorias em prol do conhecimento absoluto e irrevogável do Deus Bacamarte.¹⁴¹

Há, é claro, outros elementos além da distinção entre razão e loucura: Brasil e Portugal; Império e República; Conservadorismo e Liberalismo; reclusão e liberdade de modos... Relações de assimetria teriam sido esboçadas através da gritante oposição entre o espírito conciliador brasileiro - manifestado desde os séculos XVIII e XIX - e o determinismo do médico, filho da Europa, amigo do colonizador brasileiro, Dom João, rei de Portugal ? Dado relevante é a justificativa de Bacamarte ao convite de el-rei¹⁴² para que permanecesse em Portugal, matriz da colônia Brasil:

“filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (...) Estudara em Coimbra e Pádua (...) Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo el-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia. - A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.”¹⁴³

A sumária apresentação de Evarista é a segunda providência do narrador. Em seguida, chegamos a uma das dúvidas não respondidas: a quem cabia a infertilidade - à esposa ou ao marido ? O fato é que, a exemplo de Brás Cubas, Simão Bacamarte não teve “a quem transmitir o legado de sua” loucura.¹⁴⁴

Simão Mago, que “iludia o povo de Samaria insinuando ser ele um grande vulto (vers. 9). Sendo em essência um charlatão oriental, Simão cultivava a lenda de que era uma emanção divina” (pg. 1256).

¹⁴¹ Pierre Brunel (*op. cit.*, 1984) denominou Simão, ‘Deus de sua Ítaca’.

¹⁴² A recusa de Bacamarte antecipa a negativa do futuro imperador D. Pedro I a seu pai, o mesmo Dom João, no episódio do “fico”, em 1822.

¹⁴³ *Op. cit.*, pg. 253. As Universidades européias diferenciavam-se quanto aos conteúdos transmitidos aos alunos. Em Pádua (Itália), local mencionado pelo narrador, teve bastante força o estudo sobre Averróis (o filósofo consultado por Bacamarte) até meados do século XVII. Conforme E. Renan (*Averroès et l’averroïsme*, 1866): “L’université de Padoue mérite une place dans l’histoire de la philosophie (...) Le péripatétisme arabe, personnifié dans Averroès, se cantonne (...) dans le nord-est de l’Italie, et y traîne son existence jusqu’en plein XVIIe siècle. (pg. 322) “C’est surtout l’étude de la médecine qui contribua à fonder à Padoue le règne des Arabes.” (pg. 326). Ora, não serão peripatéticos os procedimentos de Simão Bacamarte ? “*Todo o tempo que lhe sobrava dos cuidados da Casa Verde, era pouco para andar na rua, ou de casa em casa, conversando com as gentes, sobre trinta mil assuntos, e virgulando as falas de um olhar que metia medo aos mais heróicos*”, pg. 260.

¹⁴⁴ A dinastia de Bacamarte não teve seqüência, contrariamente à de Borgonha: D. João VI é filho de Maria I (a louca), e pai de D. Pedro I - Imperador de comportamentos no limiar da loucura, segundo

Consideremos, ainda, a frequência com que foram empregados vocábulos de etimologia árabe no conto, e o paralelismo de vários detalhes na trajetória do cientista em relação à biografia de Maomé, profeta dos árabes - não por acaso, lido e relido pelo médico no intervalo de seus estudos e tarefas decorrentes das formulações sobre a razão e a loucura.

Sob o ponto de vista do narrador e de diversas personagens, o cientista é um anti-herói. Entretanto, justapor o médico ao nível do suposto herói Porfírio revela quão tênues são os limites destas definições. Afinal, poderia o barbeiro que fez da população de Itaguaí autêntica massa de suas manobras, ser assim considerado ?

“(...) nem todas as coisas de um país podem aclimatar-se a outro.” ¹⁴⁵

Nazaré Lins Soares e Luiz Costa Lima mostraram que a batalha maior está localizada na oposição de dois níveis de linguagem: a de Bacamarte – autoritário, frio, bem ou mal intencionado cientista, braço direito de el-rei - *versus* Porfírio, pequeno burguês impulsivo mas com uma vertente notadamente calculista.¹⁴⁶ Não nos esqueçamos da “revolta dos canjicas”, liderada pelo barbeiro sequioso de poder político - provável alusão às insurreições ocorridas no Brasil, no século XVII e, principalmente, no XVIII.¹⁴⁷

Simão: Maomé e Bonaparte

A alusão à cultura árabe é fato merecedor de atenção. De acordo com as fontes consultadas, o profeta tinha 25 anos ao se casar com uma viúva rica, 15 anos mais velha

Tobias Monteiro, em História do Império: o Primeiro Reinado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1982.

¹⁴⁵ Balas de Estalo, 1884, pg. 434.

¹⁴⁶ Observou Luiz Costa Lima em "O palimpsesto de Itaguaí", de 1976: "Que representam afinal as reviravoltas da teorização de Bacamarte senão maneiras de retardar um desfecho que seria uma acusação à fatuidade da ciência ?" (pg. 31-2).

¹⁴⁷ A primeira metade do século XVIII é período de apogeu e queda na extração de ouro, nas Minas Gerais, fato - entre outros - que levou a várias revoluções no Brasil, incluindo a frustrada Inconfidência Mineira (1789-92) e as posteriores revoltas de base 'popular'.

que ele. Já a personagem (Bacamarte), é financeiramente estabelecida, tem 40 anos, e sua esposa, Evarista, tem 25; além disso, nada afirma que seja mulher de valioso dote, embora viúva de um juiz-de-fora. Esta inversão de dados reais, na ficção, segue em direção aos estreitos limites entre o dogmatismo da ciência e da religião.¹⁴⁸

O mensageiro maometano – autor do Corão, obra de cabeceira de Simão Bacamarte – foi acusado de demente, ao longo da vida, em razão da maneira pela qual, embora semi-analfabeto, fizesse referências escritas a Alá. No conto, muitas são as passagens em que o narrador diz apoiar-se em testemunhos dos cronistas, para referir os diversos boatos - por vezes, infundados, segundo o próprio narrador - que tiveram lugar na vila, com o poder de moldar a seu gosto, em acordo com discretas intervenções, a imagem deixada em nós, leitores, de médico laborioso e revoltosos justamente enfurecidos.

Maomé enfrentou violenta oposição de grande parcela da população de Meca, em sua jornada; Bacamarte assistiu a objeções dos habitantes, a ponto de ser argüido por discursadores de lábia similar à sua: os vereadores, o barbeiro e o padre.

Averróis (1126 – 1196), uma das leituras prediletas de Simão - foi médico e jurista, tendo maior notoriedade como um dos mais representativos filósofos árabes. Estudou seriamente a obra de Aristóteles, em particular as distinções formuladas pelo grego quanto à razão (alma, matéria etc). Averróis supunha a intelectualidade como sendo coletiva. Esta concepção seria duramente combatida por São Tomás de Aquino,

¹⁴⁸ Cf. História da loucura na idade clássica, 1978, de Foucault: “parece que no mundo árabe bem cedo se fundaram verdadeiros hospitais reservados aos loucos: talvez em Fez, já no século VII, talvez também em Bagdá por volta do fim do século XII, certamente no Cairo no decorrer do século seguinte; neles se pratica uma espécie de cura da alma na qual intervém a música, a dança, os espetáculos e a audição de narrativas fabulosas. São médicos que dirigem a cura, decidindo interrompê-la quando a consideram bem sucedida. (...) por toda parte surgem na Europa, quase na mesma época, instituições de um tipo novo, como a Casa dos Maníacos de Pádua (1410) ou o asilo de Bérghamo.” (pg. 120) “talvez sob influência do pensamento e da ciência árabes, os loucos foram colocados em estabelecimentos que lhes

em vista do considerável número de católicos seguidores das idéias do árabe, na Idade Média.

“a partir do século XIII, São Tomás de Aquino tinha compreendido que era necessário deixar ao poder político a sua autonomia e não o confundir com o poder da Igreja. Para ele, a Cidade, com a condição de não oprimir a religião, possui a sua própria esfera de influência e deve fazer respeitar as leis que promulga. Esse nascimento do espírito laico (...) encarna-se primeiro nas cidades italianas e no movimento comunal.”¹⁴⁹

O filósofo árabe defendia a ‘sabedoria demonstrativa, adquirida no bom lugar’, ou seja, onde só têm acesso os indivíduos considerados aptos, não devendo ser propagada na massa do povo. As teorias do filósofo seguiam várias direções, sendo as mais importantes: 1. facilitar a sua compreensão de Aristóteles para o vulgo e 2. elaborar um novo método que consistiu na evidenciação dos procedimentos da demonstração (utilizados pelo Corão) para expor os dogmas da Religião, método fundado em dois princípios: ‘observar o sentido aparente do texto, ao mesmo tempo em que se leva em consideração a intenção do Legislador’. Daí a relação entre sabedoria (filosofia) e religião - cada uma delas procederia de seus próprios princípios, utilizando o seu método próprio de raciocínio, embora visassem ao mesmo objetivo: incitar à virtude. Averróis concedeu maior importância à medicina teórica: ‘uma prática que se exerce a partir de princípios verdadeiros, e não somente por experiência e às apalpadelas’. O filósofo comparava o mundo a uma teia de aranha tecida pela causalidade. Essencialmente o mundo seria harmonioso. Descobrir essa ordem que reina no mundo o homem constituiria seus conhecimentos.¹⁵⁰ Não é à toa que o referido filósofo constituísse uma das predileções de Bacamarte:

eram especialmente destinados e dos quais, alguns, sobretudo na Europa meridional, aproximavam-se bastante da categoria dos hospitais” (pg. 124).

¹⁴⁹ Hélène Védrine. As filosofias do Renascimento. 2ª ed. Mem Martins: Europa – América, 1986, pg. 89.

¹⁵⁰ Abed al-Jabri, Mohammed. Introdução à crítica da razão árabe, 1997. Para Hobsbawn: “Em termos puramente numéricos, é evidente que todas as religiões, a menos que estivessem em decadência, tinham a possibilidade de se expandir com o aumento da população. (...) duas delas demonstraram uma

“- Morra o alienista ! bradavam as vozes mais perto. D. Evarista, se não resistia facilmente às comoções de prazer, sabia entestar com os momentos de perigo. Não desmaiou; correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico escrutava um texto de Averróis; os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que ele lhe desse atenção; à terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente. (...) O alienista atendeu então; os gritos aproximavam-se, terríveis, ameaçadores; ele compreendeu tudo. Levantou-se da cadeira de espaldar em que estava sentado, fechou o livro, e, a passo firme e tranqüilo, foi depositá-lo na estante. Como a introdução do volume desconcertasse um pouco a linha dos dois tomos contíguos, Simão Bacamarte cuidou de corrigir esse defeito mínimo, e, aliás, interessante.”¹⁵¹

Há alguma semelhança entre o episódio acima - início da esquentada reviravolta fulcral dos opositores contra o ilustre e gelado Bacamarte - e outro, verídico, referente ao ilustre Philippe Pinel - lembrando que o francês foi questionado pela comunidade médica, em seu tempo. Mesmo alguns métodos de ambos os especialistas, o ficcional e o real, guardam equivalências.

[Pinel] “Ao tomar a chefia (do Bicêtre), adotara uma atitude científica, francamente moderna sob o ponto de vista médico. (...) examinava minuciosamente cada enfermo, para o que organizou um registro onde classificava os doentes, prescrevendo tratamento específico para cada sintoma. Rompia, pois, com os princípios tradicionais que preconizavam purgantes, sangrias e algemas para loucos”.¹⁵²

Parece ter existido, de fato, uma tentativa por parte de Machado em fazer com que Bacamarte fosse caracterizado de maneira a parodiar mais de uma personalidade ou conceitos referentes às doenças mentais.

“Os alienados foram alojados por classes. Fez-se uma galeria de modestos, isto é, dos loucos em quem predominava esta perfeição moral; outra de tolerantes, outra de verídicos, outra de simplices, outra de leais, outra de magnânimos, outra de sagazes, outra de sinceros, etc.”¹⁵³

O método classificatório de Simão retoma aqueles inaugurados por um ilustre médico grego:

particular aptidão para o expansionismo (...): o islamismo e as seitas protestantes (...) O fermento e a expansão do islamismo eram tais que, em termos de história puramente religiosa, podemos, talvez, melhor descrever o período que vai de 1789 a 1848 como o período de renascimento do islamismo mundial” (pg. 244-7).

¹⁵¹ “O Alienista”, pg. 271.

¹⁵² Silva, Valmir Adamor da. História da loucura, pg. 66-7.

¹⁵³ “O Alienista”, pg. 284.

“Com Hipócrates tinha-se conhecimento de dois tipos de indivíduos: irascíveis e plácidos. Esses tipos subdividiam-se em vários subgrupos (...) Com os estudos de Charcot, porém, as ciências psicológicas começaram a interessar-se de maneira mais profunda pela constituição psíquica humana e seu respectivo correspondente somático. Nasceu então a concepção de personalidade, constituição e caráter.”¹⁵⁴

Já Philippe Pinel é reconhecido por ter libertado os loucos das correntes e introduzido métodos terapêuticos que permitiam um maior contato entre médico e pacientes, como, por exemplo, os diários passeios ao ar livre. Subversão mordaz ou acaso, se Pinel rompeu os grilhões dos doentes mentais, Bacamarte os encarcerou, curiosamente empregando métodos similares, transformando a matéria loucura em possível alegoria da inadequação ou rejeição de idéias estrangeiras no solo brasileiro.

“individualizar os excluídos, mas utilizar processos de individualização para marcar exclusões – isso é o que foi regularmente realizado pelo poder disciplinar desde o começo do século XIX: o asilo psiquiátrico, a penitenciária, a casa de correção, o estabelecimento de educação vigiada, e por um lado os hospitais, de um modo geral todas as instâncias de controle individual funcionam num duplo modo; o da divisão binária e da marcação (louco-não louco; preigoso-inofensivo; normal-anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhecê-lo; como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante, etc).”¹⁵⁵

Não nos furtemos a observar que ‘Simão’ vem do grego e ‘Bacamarte’, da língua francesa. Certamente não foi por acaso que o médico, aquele “Hipócrates forrado de Catão”, recebeu nomes de origens etimológicas tão diversas.

Além de antecipar os métodos de Pinel, o sobrenome de Simão guarda correspondência com o de Bonaparte, militar reconhecido por ter reorganizado seu país após a Revolução Francesa. Já em Itaguaí, Simão serviu de estopim da revolução, tanto no aspecto psiquiátrico quanto no político... De acordo com Antonio Paim:

“Antecedendo de meio século a providência adotada por Napoleão, o marquês de Pombal destrói a universidade medieval, erguendo em seu lugar uma nova universidade, constituída à volta da ciência. (...) Na pregação pombalina encontram-se duas outras dimensões que marcariam o cientificismo brasileiro, a saber: 1ª) a ciência é competente para promover a riqueza; e 2ª) é possível formular-se política e moral científicas. (...) A elite formada sob Pombal não só introduziu a ciência na cultura portuguesa – rompendo o cordão de isolamento que a mantivera

¹⁵⁴ Valmir Adamor da Silva, *op. cit.*, pg. 113-4.

¹⁵⁵ Michel Foucault, *op. cit.*, pg. 176 e 197.

afastada do resto da Europa, durante quase dois séculos - como admitiu a possibilidade da moral e da política científicas. O legado pombalino seria preservado na Real Academia Militar, que se tornou o primeiro reduto positivista no país e de onde provinha Benjamim Constant.”¹⁵⁶

No conto, Martim Brito elogiou sem cuidados ao Marquês de Pombal e foi internado. Sua reclusão recoloca uma das numerosas perguntas despertadas pela história: o jovem teria sido recolhido ao asilo em função de suas desmesuras ou por ter defendido o Marquês ?

Alegoria política

Historicamente falando, a tomada de poder é, de modo geral, disputa entre quem detém e quem necessita. Esse é um dos temas centrais de ‘O Alienista’, e seu narrador compara a disputa na mais que discreta província de Itaguaí aos eventos que tiveram lugar ao final do século XVIII, na França.

Quando a Bastilha Francesa foi derrubada, a denominada classe burguesa - o terceiro estado, ou seja, a classe com que os itaguaienses poderiam ser identificados - tomou o poder naquele país, apresentando firmes oposições aos privilégios do clero e nobreza instituídos. Como não poderia deixar de ser, a ascensão do terceiro estado trazia no bojo outras divisões mais significativamente manifestas nas alas dos girondinos *versus* jacobinos.

Os Girondinos constituíam o que os historiadores denominam aliados ao espírito conservador dentre os reformadores; ou seja, comerciantes na trilha do enriquecimento tomaram o poder sem incluir todas as parcelas que constituíam, de fato, o terceiro estado: camponeses, artesãos etc. Ao grupo dos jacobinos, considerado o mais radical, atribuem-se vários massacres de vultos da história francesa, em razão de sua luta contra a manutenção dos girondinos, no poder. O principal motivo para a divergência

¹⁵⁶ História das idéias filosóficas no Brasil, 1984, pg. 434; 448-9.

entre as duas alas era a simpatia dos jacobinos pela classe dos menos favorecidos - mal atendida e não prevista na concepção político-social dos rivais.

A menção ao nome de Napoleão Bonaparte, no conto, não é gratuita:

*“O barbeiro Porfírio, ensinado pelos acontecimentos, tendo ‘provado tudo’, como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma coisa, porque Napoleão não provou a Casa Verde, o barbeiro achou preferível a glória obscura da navalha e da tesoura às calamidades brilhantes do poder; foi, é certo, processado; mas a população da vila implorou a clemência de Sua Majestade; daí o perdão. João Pina foi absolvido, atendendo-se a que ele derrocara um rebelde. Os cronistas pensam que deste fato é que nasceu o nosso adágio: - ladrão que furta ladrão, tem cem anos de perdão; - adágio imoral, é verdade, mas grandemente útil.”*¹⁵⁷

Após vertiginosa escalada no exército francês, o ex-jacobino Napoleão foi convidado por um amigo da ala dos girondinos a fim de reorganizar o território em favor da unidade político-administrativa do país. É dele a afirmação abaixo:

*“As revoluções são comparáveis aos mais repugnantes estrumes que favorecem o crescimento dos mais belos vegetais.”*¹⁵⁸

De que trata ‘O Alienista’ ? É plausível imaginarmos seu criador servindo-se da Revolução Francesa (1789-1799), como mote para a criação de um texto alegórico com nítidos pontos de aproximação relacionados ao período. Sabe-se que o conto foi publicado em folhetins entre 1881 e 1882, alguns anos antes do primeiro centenário do evento citado ou sugerido pelo próprio narrador, algumas vezes. A consideração seguinte antecede o ‘V Capítulo’, intitulado muito sugestivamente ‘O terror’:

*“Verdade, verdade; nem todas as instituições do antigo regímen mereciam o desprezo do nosso século”*¹⁵⁹

O trecho seguinte ratifica a principal fonte histórica de Machado, via narrador:

*“Já não eram trinta, mas trezentas pessoas que acompanhavam o barbeiro (...) A ação podia ser restrita, - visto que muita gente, ou por medo, ou por hábitos de educação, não descia à rua; mas o sentimento era unânime, ou quase unânime, e os trezentos que caminhavam para a Casa Verde, - dada a diferença de Paris a Itaguaí, - podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha.”*¹⁶⁰

¹⁵⁷ “O Alienista”, pg. 281.

¹⁵⁸ Bonaparte, Napoleão. Aforismos, máximas e pensamentos, pg. 38.

¹⁵⁹ *Op. cit.*, pg. 261. Palavras do narrador.

¹⁶⁰ Os trechos constam respectivamente das páginas 261 e 271.

Encontrado o tema e procedendo-se organização do enredo e constituição das personagens, a idéia talvez fosse ilustrar em tom de brincadeira tanto o dogmatismo científico, reforçado pela cultura maometana do médico, filho da idade do esclarecimento, quanto as insânias que cercam aqueles que detêm ou disputam pelo poder político.

Ao lado da paródia ao movimento ocorrido na França, as referências a profissões e cargos da época colonial brasileira se fazem presentes no conto, aproximando-o simultaneamente de dados ligados às insurreições ocorridas por aqui. A trajetória dos itaguaienses ocorre no limiar entre as fases colonial e a imperial. Mas, escrito no final do século XIX, provavelmente apontava para a relativização da importância da cultura francesa, enquanto pólo cultural do Brasil, no período. Conforme Nelson Werneck Sodré:

“O que vinha, nos tempos coloniais e no início da fase autônoma, da França, assumia um sentido revolucionário, subversivo mesmo, e era perseguido, escorraçado, malvisto. Da França nos vinha, agora, o que distinguia, o que dava o timbre melhor, todo o envoltório do saber.”¹⁶¹

A vitória dos canjicas, em ‘O Alienista’, encontra par em outro relevante fato verídico, dentre os episódios que antecederam a queda da Bastilha, em Paris, protagonizadas pela luta entre o marquês de Launay – comandante da bastilha – e a milícia popular. Os revoltosos franceses, prestes a serem derrotados, receberam o reforço de uma centena de guardas, provocando a gradativa aliança dos demais soldados responsáveis pela segurança da prisão. Launay ficou isolado e, em seguida, as pontes levadiças que davam acesso ao castelo-forte foram baixadas.¹⁶²

“A derrota dos Canjicas estava iminente, quando um terço dos dragões – qualquer que fosse o motivo, as crônicas não o declaram, - passou subitamente para o lado da rebelião. Este inesperado reforço deu alma aos Canjicas, ao mesmo tempo que lançou o desânimo às fileiras da legalidade. Os soldados fiéis não tiveram coragem os seus próprios camaradas (...) O

¹⁶¹ História da literatura brasileira, edição de 1976, pg. 348.

¹⁶² Conforme Danillo Nunes. A Bastilha e a revolução, pg. 94-5.

*capitão estava de um lado, com alguma gente, contra uma massa compacta que o ameaçava de morte. Não teve remédio, declarou-se vencido e entregou a espada ao barbeiro.”*¹⁶³

Dragões eram forças militares profissionais enviadas pelo Reino a Minas Gerais, a partir de 1719. Serviam ao controle da entrada e trabalhos dos escravos, bem como a combater distúrbios e guardar o transporte das cargas de ouro. Não podemos esquecer de que Evarista, esposa de Simão, enviudara justamente de um juiz-de-fora - outra profissão característica da época - magistrado indicado pela Coroa a presidir a Câmara nas cidades maiores.¹⁶⁴

Não faltou uma Bastilha da província, nem a referência aos novos parques da cidade do Rio de Janeiro, tampouco a confusa luta de classes – de um lado, barbeiros e demais populares; de outro, o médico, sempre adulado pelo boticário, profissão em voga, no período. Entre as principais facções da vila, vem o padre, moderador ou conservador que se afilia a nenhum dos lados, escondendo-se sob instituição supraterrana, a igreja,¹⁶⁵ abrigando-se à boa distância das disputas mundanas pelo poder.

O próximo barbeiro a experimentar a breve sensação de supremacia, na vila de Itaguaí, defende-se de Porfírio com os seguintes recursos, descritos no capítulo X, nomeado não por coincidência, ‘A Restauração’.

*“Duas horas depois caía Porfírio ignominiosamente, e João Pina assumia a difícil tarefa do governo. Como achasse nas gavetas as minutas da proclamação, da exposição ao vice-rei e de outros atos inaugurais do governo anterior, deu-se pressa em os fazer copiar e expedir: acrescentam os cronistas, e aliás, subentende-se, que ele lhes mudou os nomes, e onde o outro barbeiro falara de uma câmara corrupta, falou este de ‘um intruso eivado das más doutrinas francesas, e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade’, etc.”*¹⁶⁶

¹⁶³ *Op. cit.*, pg. 273.

¹⁶⁴ Informações de Boris Fausto. *História concisa do Brasil*, 2001, pp 54-5 e 34.

¹⁶⁵ Segundo Donatello Grieco (*História sincera da inconfidência mineira*, 1990) na Conjuração Mineira (1789), havia vários eclesiásticos ligados, direta ou indiretamente, aos inconfidentes. Dentre eles, destacou-se o nome de José Lopes de Oliveira, deportado para Lisboa, em 1796, acusado de cúmplice do levante, como criminoso de lesa-majestade de primeira cabeça. Coincidência ou não, no conto o padre se chama Lopes.

¹⁶⁶ *Op. cit.*, pg. 278.

Se a cada um cabe um papel, a Câmara de Vereadores poderia representar alguma das supremas instituições políticas de Paris, em funcionamento no final do século XVIII: talvez a Assembléia Nacional, instância de proteção ou semi-proteção ao então rei francês Luís XVI, decapitado posteriormente nos anos do ‘terror’ (1793-4). Ora, lembremos que, no conto, a maioria dos deputados quer escapar aos critérios do alienista – possível paródia da resistência dos deputados franceses à perda de seus privilégios, na ocasião em que se avizinhava a Revolução naquele país.

E por falar em atuações, há que se verificar alguma correspondência entre a reconhecida e ferina sabedoria de Voltaire, um dos famosos prisioneiros da Bastilha Francesa, e Padre Lopes - importante e mordaz cidadão de Itaguaí, inimigo velado do poder concedido ao médico - aprisionado na Casa Verde. Ambos, filósofo e padre, acabaram por compor textos relevantes enquanto privados de liberdade.

Num outro sentido, Bacamarte está mais para Bonaparte - inclusive pela estranha coincidência sonora de seus sobrenomes - do que para Luís XVI, monarca levado, tomado e decapitado pela facção dos jacobinos. Os barbeiros, a seu modo, os vereadores Sebastião e Galvão... todos os pares parecem dividir-se em duas facções: uma de Danton’s contra a outra, de Robespierre’s; ou, em outro nível, de *sans coulottes* versus Luís XVI...

A repetição de eventos e procedimentos, no conto, parece constituir-se nova alusão aos frustrados movimentos de massa insurrecionais que permearam os séculos XVIII e o XIX, no país.¹⁶⁷

*“(...) seria perigoso acostumar a multidão ao desrespeito da lei e da autoridade. A multidão tem a mesma lógica das crianças.”*¹⁶⁸

¹⁶⁷ As idéias revolucionárias foram transplantadas para o solo brasileiro através de estudantes, principalmente de direito, que passavam longas temporadas no referido continente. Segundo E. Hobsbawn: “A era revolucionária (...) fez crescer o número de cientistas e eruditos e estendeu a ciência em todos os seus aspectos.” (pg. 304) (*A era das revoluções: Europa 1789-1848*, 1989).

¹⁶⁸ *Balas de Estalo*, 1885, pg. 440.

A multidão obedece a determinados expedientes, quanto à sua constituição e movimentações, sendo ou não massa de manobra.¹⁶⁹ A denominação “revolta dos canjicas” é explicada pela referência ao apelido do barbeiro, canjica. Mas esta mesma justificativa poderia nos levar a perguntar se a revolta teria sido assim nomeada por estar calcada em representantes populares - daí a referência ao milho, matéria prima com que se fazem guloseimas bastante populares. José Garbuglio supôs que:

“Na verdade, os rebelados chamam-se canjicas porque são fáceis de conduzir e de dominar, de impulsionar e reter. (...) contrapondo-se a essa camada, está o alienista impassível como um deus de pedra, querendo encontrar e demarcar a zona limítrofe da razão humana. Encarnando a Ciência, Simão Bacamarte se converte em entidade distante, fria e intocável e se coloca acima do bem e do mal.”¹⁷⁰

Pode ter havido intuito por parte de Machado em fazer referência ao líder Tiradentes,¹⁷¹ não por acaso, mártir e símbolo de um movimento baseado na revolta de base burguesa e popular: a Inconfidência Mineira – insurreição, aliás, que refletiu os acontecimentos que antecederam a queda da Bastilha, em França, no mesmo período. Além das referências ao movimento francês de 1789, cumpre lembrar que Dom João, titular da coroa portuguesa a partir de 1792, em virtude do afastamento de Dona Maria I (a louca), é quem convidara a Bacamarte, no conto, para que permanecesse em Portugal.

Avisado ou não pela boca miúda, Simão encaminha à Câmara de Vereadores ofício desistindo do estipêndio aprovado pelos vereadores bem como da renda fornecida pelos familiares, para a cura dos enfermos. Esta resolução confunde os revoltosos que se haviam dirigido à vereança, argumentando contra o despotismo do médico, “visto que os

¹⁶⁹ Conforme George Rudé (*A multidão na História*, 1991): “o estudo da multidão pré-industrial sugere que ela se amotinou visando a objetivos precisos e raramente empenhou-se em ataques indiscriminados a propriedades ou pessoas. (...) Igualmente (...) foram mais as autoridades do que a multidão que se destacaram por sua violência contra a vida” (pg. 272-5).

¹⁷⁰ “Apresentação” In: Machado de Assis. “O Alienista”, pg. 6-7. Em *Gíria Brasileira*, 1953, Antenor Nascentes define “canjica” como fileira de dentes.

¹⁷¹ O principal líder dos inconfidentes mineiros, Joaquim José da Silva Xavier (o Tiradentes), foi preso no tempo em que o vice-rei Luís Vasconcelos e Souza (1779-1790) representava el-rei, no Brasil. O vice-

loucos, ou supostos tais, não eram tratados de graça”. Nesse momento, Sebastião Freitas, enamorado da denominação dada pelo barbeiro, “Bastilha da razão humana”, muda de parecer e, enquanto argumenta contra os colegas vereadores, a insurreição cresce do lado de fora.

Se a atitude do médico provinha de cálculo, antevendo a revolta dos populares da vila, não se pode saber. Mas, de algum modo, pode ser aproximada das manobras adotadas por homens de confiança da coroa portuguesa, à época da Inconfidência Mineira, quando foi ordenada a suspensão da derrama (cobrada a partir de 1763) pelo Visconde Barbacena, devidamente municiado pelas denúncias de Joaquim Silvério dos Reis.

“O visconde, astuto, suspende a derrama. Sem a derrama os inconfidentes perdem o maior motivo para sensibilizar o povo e estimular o apoio à revolta. Percebendo-se descobertos, embora ainda não sabendo a gravidade, os inconfidentes dão o primeiro passo. Vão ao palácio de Barbacena e cumprimentam-no pela suspensão da derrama, na tentativa de eliminar suspeitas, ignorando que ele já conhecia o papel de cada um na conspiração.”¹⁷²

Determinados aspectos da sociedade brasileira, nos diversos estágios de nossa história, dialogam com vícios de outros países, e assemelham-se tão paradoxais quanto a própria loucura, abordada, não por acaso, no conto, em íntima associação com o poder político.

“Era o único alienista daqui e d’além mar, para o bem e para o mal. Como duvidar dos seus diagnósticos, se os pacientes e o povo em geral não conheciam parâmetros que pudessem oferecer garantias de opinião” ? (...) não estranha que Simão Bacamarte causasse medo nos circunstantes, mesmo porque entre eles grassava o respeito religioso à Medicina, e por via dela, à Ciência em geral. (...) Embora parece plausível (...) a teoria peca pelo seu radicalismo e por pressupor que se saiba o que seja a razão (...) O tom de sátira é patente: como se os extremos, ou antes, duas teologias se tocassem eletricamente, a ver qual delas açambarcava o domínio das mentes de Itaguaí.”¹⁷³

rei sucessor, D. José Luís de Castro, seria o provável responsável pelas ordens dadas aos Dragões (Cavaleiros da Ordem Imperial) para deitar balas aos revoltosos, Canjicas.

¹⁷² Chiavenato, Júlio José. *As lutas do povo brasileiro*, 1988, pg. 29.

¹⁷³ M. Moisés. “*O Alienista*, de Machado, uma paródia de ‘D. Quixote’ ?” *Jornal da Tarde* 08/01/2000.

Não é gratuito o fato de a impossível conjunção entre liberalismo e conservadorismo, neste país, ter sido implacavelmente denunciada por vários pensadores brasileiros. Segundo Emília Viotti Costa:

“Na primeira fase, o liberalismo é antes de tudo, instrumento de luta contra a Metrópole. Os liberais se opõem à Coroa portuguesa na medida em que se esta se identifica com a Metrópole. A luta contra o absolutismo aqui é, aqui, em primeiro lugar, luta contra o sistema colonial.(...) Durante as discussões da Constituinte ficou manifesta a intenção da maioria dos deputados de limitar o sentido do liberalismo e de distingui-lo das reivindicações democratizantes. Todos se diziam liberais, mas ao mesmo tempo se confessavam antidemocratas e antirevolucionários.”¹⁷⁴

A mesma questão, aplicada em relação ao romance Quincas Borba, foi abordada por Teresa Pires Vara:

“desnuda o problema da mutilação do ser e da perda da subjetividade social (...) o romance coloca em xeque as raízes mais profundas do problema da mutilação do espírito do mundo capitalista, evidenciando as contradições geradas numa economia de produção escrava, que mascara as relações humanas, como forma de manter a fachada liberal construída pela elite europeizada”¹⁷⁵

Lembrando que ‘O Alienista’ sugere o ambiente vivido na província no limiar entre os séculos XVIII e XIX, podemos chegar à idéia de que Machado tenha visado mostrar que as tramóias sócio-políticas de seu tempo – o Segundo Império -mantivessem estreito vínculo com a conjuntura da era colonial. Estamos na época da matraca - didaticamente apresentada pelo narrador:

*“Naquele tempo, Itaguaí, que como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dous modos de divulgar uma notícia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara e da matriz; - ou por meio de matraca. Eis em que consistia este segundo uso. Contratava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando, tocava a matraca, reunia-se gente, ele anunciava o que lhe incumbiam (...)”*¹⁷⁶

¹⁷⁴ “A consciência liberal nos primórdios do Império” In: _____. Da Monarquia à República: momentos decisivos, 1977, pg. 111 e 116. Em fins do século XIX, dizia José Veríssimo: “No Brasil (...) não se pode dizer que haja alguma coisa organizada. Não o estava o próprio Estado, apesar de sessenta anos de monarquia, não o estava como ainda não está a Igreja, e menos ainda o academicismo, o oficialismo, em suma qualquer desses elementos da vida nacional que alhures são um obstáculo à intrusão de certas idéias” (Estudos de literatura brasileira. 1ª série. São Paulo: Edusp, 1976, pg. 62).

¹⁷⁵ A mascarada sublime. São Paulo: Duas cidades, 1976, pg. 17.

¹⁷⁶ “O Alienista”, pg. 261.

Simão Bacamarte não só vive seus dias de glória e autoritarismo, no limiar dos séculos XVIII e XIX, mas, principalmente, ilustra a transição entre o período colonial e o joanino, iniciado com a chegada da família real, em 1808, em fuga aos ataques das tropas napoleônicas.

“Antes da vinda de D. João VI para o Brasil, apresentávamos uma vida intelectual reduzida e sem expressão própria, em consequência da política da Metrópole. Não tínhamos meios de comunicação, desconhecíamos as exigências mais primárias da civilização (...) O Rio de Janeiro, nos primeiros anos de permanência da corte entre nós, ainda se encontrava em estado social bem atrasado (...) É certo que D. João VI apressou a emancipação espiritual do Brasil com as reformas culturais que realizou (...) Concomitantemente com as reformas (...) verificou-se a eclosão do sentimento antilusitano, expressão inicial do próprio sentimento patriótico que havia de estimular o movimento romântico e nacionalista que se manifestaria logo mais.”¹⁷⁷

A loucura parece externar a inconstância dos atos públicos ocorridos no país, inclusive os rodízios dos líderes políticos luso-brasileiros, fossem eles rainha louca, príncipes regentes ou ainda, revolucionários do Brasil contrários à nação portuguesa. Ao abordar assuntos políticos, Machado - a exemplo do que fez em grande parte de suas crônicas – provavelmente contou não somente com privilegiada memória e cultura, mas também, com suas próprias experiências, principalmente se levarmos em conta o hábito, atestado por ele mesmo, de freqüentar Sessões da Câmara Municipal do Rio de Janeiro:

*“Sabe o leitor o que lhe trago aqui ? Uma pérola. Não acredita ? Já esperava por isso (...) Pesquei-a agora mesmo na costa da Câmara Municipal. Gosto daqueles mares, às vezes tempestuosos, às vezes banzeiros, mas sempre fecundos.”*¹⁷⁸

O interesse desta crônica, em particular, reside no diálogo entre autor e leitor, revelando a constante afetação do cronista habituado desde cedo a escrever ficção, transfigurando a realidade: um cronista divertindo-se à maneira de um narrador.

Poder e marginalidade

Foi dito que todas as personagens em ‘O Alienista’ são inconstantes, com exceção do próprio médico que não muda, embora reformule seus pressupostos a

¹⁷⁷ Castello, José Aderaldo. Manifestações literárias do período colonial, 1975, pg. 189-97.

respeito da loucura. Por outro lado, muitas vezes tem-se a impressão de que o excesso de firmeza e o rigor do cientista estão lá para encobrir suas próprias incertezas. Nesse sentido, o equilíbrio serviria como coluna de apoio aos pratos de uma balança feita de faltas (itaguaienses) ou excessos (Bacamarte), não necessariamente nessa ordem. Simão desequilibra a ordem, ou desordem vigente, ao mostrar que o equilíbrio pode ser confundido com a mera polarização entre uns e seus contrários.

“Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância (...) Existe em nossa sociedade outro princípio de exclusão: não mais a interdição, mas uma separação e uma rejeição. Penso na oposição razão e loucura. Desde a alta Idade Média, o louco é aquele cujo discurso não pode circular como o dos outros (...) Jamais, antes do fim do século XVIII, um médico teve a idéia de saber o que era dito (como era dito, por que era dito) nessa palavra, que, contudo, fazia a diferença.”¹⁷⁹

Os pratos com medidas e desmedidas estão em movimento perene. Crispim Soares é um adulator (balança conforme o vento); Sebastião Freitas muda de posição em relação a seus pares, conforme a conveniência (opondo-se, aliás, a Galvão, único a defender a idéia de submissão dos políticos às novas propostas teóricas propostas pelo médico). Evarista, a esposa temerosa, encanta-se com a opulência da capital e roupas trazidas de lá; o albardeiro passa os dias fabricando albardas ou contemplando sua casa, ou seja: entre a profissão rasteira e a sublime quimera. Também estão lá Martim Brito – admirador da ‘feiúra’ de D. Evarista, hiperbólico por excelência; Porfírio – revoltado com e pelo poder público, e o Padre Lopes – amigo do poder que se coloca em cima do muro, quando possível, a articular intrigantes questões a relativizar as razões do alienista sem razão, conforme observara à esposa daquele.

¹⁷⁸ Balas de Estalo, 1885, pg. 438. Machado de Assis foi revisor dos discursos de deputados publicados no Jornal do Comercio, no final da década de 1860.

¹⁷⁹ Foucault, Michel Jean Pierre. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996, pg. 9-12.

Não se pode negar ou afirmar tacitamente que Simão tenha sido ético ou não¹⁸⁰ em suas averiguações, embora comportasse obediência espantosa aos rigorosos métodos¹⁸¹ por ele mesmo teorizados – métodos que se colocam em posição anterior à autonomia da personagem: ele está convencido de que os critérios para a seleção e cura dos ‘doentes’ está absolutamente correta - até que cada teoria fosse invertida - a ponto de fazer-se refém de sua própria e derradeira experiência. É, alijando o peso moral desta afirmação, um homem de meias virtudes: virtudes¹⁸² que, de um modo ou de outro, entrarão em choque acirrado com as posturas inconsistentes das demais personagens, afastando-o, paradoxalmente do universo a que se propusera dissecar. O conceito de virtude é invertido.

*“Vejam os leitores a diferença que há entre um homem de olho aberto, profundo, sagaz, próprio para remexer o mais íntimo das consciências (eu, em suma), e o resto da população. Toda a gente contempla a procissão na rua, as bandas e bandeiras, o alvoroço, o tumulto, e aplaude ou censura, segundo é abolicionista ou outra coisa; mas ninguém dá a razão desta coisa ou daquela coisa; ninguém arrancou aos fatos uma significação, e, depois, uma opinião. Creio que fiz um verso.”*¹⁸³

De Simão Bacamarte para Machado de Assis: em crônica de 31 de maio de 1896 (A semana), o escritor comenta a fuga de loucos do Hospício dos Alienados, no Rio de Janeiro.

“Ou confiança nas leis, ou confiança nos homens, era convicção minha de que se podia viver tranqüilo fora do Hospício dos Alienados. No bond, na sala, na rua, onde quer que se me deparasse pessoa disposta a dizer histórias extravagantes e opiniões extraordinárias, era meu costume ouvi-la quieto. Uma ou outra vez sucedia-me arregalar os olhos, involuntariamente, e

¹⁸⁰ A ética está sendo considerada aqui, segundo Aristóteles (A ética, 1968).

¹⁸¹ Os ‘métodos’ de Bacamarte parecem parodiar o seguinte argumento de René Descartes, provável leitura de Machado de Assis: “Dieu m’a fait la grâce d’être instruit dès mon enfance, et me gouvernant en toute autre chose suivant les opinions les plus modérées et les plus éloignées de l’excès qui fussent communément reçues en pratique en pratique par les mieux sensés de ceux avec lesquels j’aurais à vivre.” (Discours de la méthode, pg. 40)

¹⁸² Considerando os dois significados para a palavra: 1) virtude no singular - ‘meio termo’ ou ‘qualidade’, como entendiam os filósofos gregos da Antigüidade (bom senso, ponto médio entre qualidades extremas). “Desde que a virtude resulta de justa medida em cada ação (...) abstando-nos dos prazeres sensuais, tornamo-nos temperantes: uma vez temperantes, podemos abster-nos mais que os outros.” (Aristóteles. *op. cit.*, pg. 62-5). 2) A outra definição, concordando com Voltaire: “La vertu n’est pás un bien, c’est un devoir; elle est d’un genre différent, d’un ordre supérieur.” (Dictionnaire Philosoiphique, pg. 54).

¹⁸³ Bons dias, pg. 488. Crônica de 11 de maio de 1888.

o interlocutor, supondo que era admiração, arregalava também os seus, e aumentava o desconcerto do discurso. Nunca me passou pela cabeça que fosse um demente.(...) Uma vez que se foge do hospício dos alienados (e não acuso por isso a administração) onde acharei método para distinguir um louco de um homem de juízo ? (...) Não posso deixar de desconfiar de todos.”

Talvez o maior mérito de Machado esteja em nos fazer enxergar pequenos e reais defeitos típicos, comuns à humanidade através da exposição dos vícios concernentes à grande maioria de suas personagens. Certamente planejadas em seus mínimos detalhes, suas figuras vivenciam situações inusitadas mas espantosamente verossímeis.

“ao domínio da sátira (...) pertencem os episódios desenrolados na modorrenta vila de Itaguaí e narrados no conto ‘O Alienista’. Mas a sátira é apenas um processo literário de que o escritor se utiliza muitas vezes, não para mascarar, senão justamente para desmascarar a fisionomia de determinado momento ou de determinado meio. Ela se torna mesmo indispensável como elemento na verificação de certas versões demasiado bonitas da história oficial.”¹⁸⁴

Simão Bacamarte é uma das personagens mais densamente apresentadas por Machado de Assis - o que pode ser atestado pela lista de contrastes já citados entre o médico e a população da vila de Itaguaí, mas também em relação as demais criaturas machadianas.

“É no cenário de uma cidade pequena, onde o convívio obrigatório revela o lado egoístico e mesquinho dos atos humanos, que pratica e expande a sua ciência o Dr. Simão Bacamarte, de loucura mansa como o Quixote, mas por antonímia, pois que o racionalismo, e não o devaneio é que o leva ao desatino. Nem lhe falta o Sancho, na figura do farmacêutico, que se aproveita da amizade para empregar parentes, e insinuar a própria esposa e um sobrinho na comitiva de madame Bacamarte, em viagem de recreio (...). Para contrastar o grande homem, lá está a esposa, que o ama e lhe admira o saber, desde que permaneça abstrato, teórico, sem aplicação.”¹⁸⁵

Um dos principais sistemas do médico Simão é observar o caráter de seus pacientes - o que nos coloca diante de grave dilema, porque este critério invariavelmente vem matizado pelas tão limítrofes noções de etiqueta, bons modos e nobreza. Sua visão de longo alcance sente a necessidade de tentar encontrar uma síntese entre uns e outros supostos defeitos encontrados nos asilados. Para tanto, dirige sua internação como se

¹⁸⁴ Pereira, Astrojildo. Machado de Assis - Ensaios e Apontamentos Avulsos, 1959, pg. 38.

¹⁸⁵ M. Cavalcante Proença. In: Machado de Assis. O Alienista e outras histórias, 1996, pg. 13.

outorgasse a prova final da flexibilização de seu ‘esclarecimento’. A conclusão vem antecedida por posicionamento que evita cair-lhe o queixo, na severa contemplação de si mesmo.

*“Em pé, diante de uma janela, com o cotovelo esquerdo apoiado na mão direita, aberta, e o queixo na mão esquerda, fechada, perguntou ele a si: - Mas deveras estariam eles doudos, e foram curados por mim, - ou o que pareceu cura não foi mais do que a descoberta do perfeito desequilíbrio do cérebro ? (...) não havia loucos em Itaguaí; Itaguaí não possuía um só mentecapto. Mas tão depressa esta idéia lhe refrescara a alma, outra apareceu que neutralizou o primeiro efeito; foi a idéia da dúvida. Pois quê ! Itaguaí não possuía um único cérebro concertado ?”*¹⁸⁶

Devoto da sede de conhecimento, o “egrégio cientista” abre e enterra o período da história por ele protagonizado, entre o final do século XVIII e início do XIX. Sujeito inclassificável, tanto do ponto de vista psiquiátrico quanto político, desloca os elementos da ‘ordem’ colonial no Brasil apontando para a idéia de que a transição, por mais efêmera que seja, subverte e leva vítimas e teorizadores à beira da loucura, mal equilibrada nos frágeis limites de nosso espírito ‘conciliador’.

“Caractère (...) C’est ce que la nature a gravé dans nous. Pouvons-nous l’effacer ? grande question.”¹⁸⁷

¹⁸⁶ “O Alienista”, pg. 286-7.

¹⁸⁷ Voltaire, Dictionnaire Philosophique, pg. 61.

VI – A tirania dos bons costumes

“Aos vinte anos, começando minha jornada por esta vida pública que Deus me deu, recebi uma porção de idéias feitas para o caminho. Se o leitor tem algum filho prestes a sair, faça-lhe a mesma coisa. Encha uma pequena mala com idéias e frases feitas, se puder, abençoe o rapaz e deixe-o ir.”

Na apresentação do trabalho salientou-se que ‘O Alienista’ seria nosso ponto de partida e chegada. Este capítulo tenciona abordar brevemente a outros textos a fim de visualizar a recorrência de alguns temas presentes na obra machadiana - também percebidos no conto supracitado, espécie de matriz temática.

Começamos por ‘Teoria do Medalhão’, diálogo em que um pai, logo após o jantar em comemoração aos vinte e um anos de seu filho, Janjão, faz uma série de recomendações quanto à manifestação do “fenômeno do medalhão”, provavelmente vislumbrado pelo jovem no decorrer de sua vida.

Atenção ao título: para começo de conversa, trata-se de uma ‘teoria’ – muito de acordo com as teorias que propunham vincular ciência natural e humanidades, na segunda metade do século XIX. O conto apresenta palavras e índices estatísticos tipicamente cientificistas, confirmando esta hipótese.

Medalhão, aumentativo de medalha: objeto composto por metais nobres ou não, com duas faces - uma em que se inscreve determinada certidão e a outra, lisa. Sem perder o significado ‘ornamento’ de vista, a palavra equivale ainda a ‘figurão’, indivíduo que comporta e exhibe um rol de características e respectivos procedimentos apreciados perante a sociedade: boas maneiras, discrição, neutralidade nas opiniões, comentários amenos, visando assuntos supérfluos: antes forma que conteúdo.¹⁸⁸

¹⁸⁸No Dicionário Aurélio lê-se: “Indivíduo nulo, sem valor real, porém guindado a posições relevantes pelo dinheiro ou pela influência de boas amizades, jeitosamente conseguidas.” (pg. 903).

Das frases feitas

Composição atípica dentre o conjunto de contos de Machado, em ‘Teoria do Medalhão’ há somente duas personagens a conversar mais à vontade, sem a costumeira interferência do narrador. Além disso, a cena tem lugar em um único e pouco enfatizado espaço doméstico: é na sala de jantar que o pai outorga conselhos a Janjão.

A manifestação de autoridade por parte do pai dura o tempo da conversa – uma hora antes do período de repouso. Ele chega a ponto de dizer que “guardadas as proporções” seus conselhos valeriam pelo Príncipe, de Maquiavel.¹⁸⁹ A irônica justaposição parece revelar que à tirania política liga-se aquela outra, chamada ‘obediência às práticas da convenção social’.

*“(...) se, realmente quer popularidade, abra mão de planos complicados; limite-se a fazer anunciar, por meio de alusões engenhosas (...)”*¹⁹⁰

Falou-se em autoridade porque o diálogo efetivamente não ocorre: o pai receita e o filho escuta. Quando este pergunta, visa ao esclarecimento de dúvidas quanto à teoria. A conversa entre dois homens desnuda a manutenção de prática da esfera patriarcal: transmissão de uma geração a outra de relativos conteúdos e valores da época. Os objetos chegam com o sabor do cultuado ‘Empirismo’: se assimiladas e revalidadas por Janjão, pode-se supor que as experiências práticas dos ensinamentos seriam transmitidas - ou reproduzidas, para manter-me fiel aos termos evolucionistas - às gerações seguintes com a mesma força da herança genética.

¹⁸⁹ Ambos os discursos - de pai para filho ou de autor para príncipe - visam à conciliação, não por coincidência. São produtos de autores que viveram sob égides monárquicas oscilando eles mesmos, vez ou outra, como é sabido, para o regime republicano de forma igualmente conciliatória, em busca de cargos novos, amizades favorecedoras de acordos e demais facilidades. Maquiavel equilibrou-se entre a República Florentina (quando nomeado seu secretário) e os Médicis (quanto estes retomaram o poder); Machado, quatro séculos mais tarde, em função de sua desfavorável condição sócio-econômica, é reconhecido por ter galgado um a um, os patamares públicos e políticos, contando com sua habilidade diplomática - “aos saltinhos”, nas palavras de Augusto Meyer, aludindo aos métodos da sutil Capitu.

¹⁹⁰ Balas de Estalo, 1885, 470; na página anterior: Balas de Estalo, 1885, pg. 448 (epígrafe do capítulo).

A teoria, na prática, pressupõe subserviência. Estamos diante de diálogo que não comporta os elementos básicos de um diálogo; temos um jovem maior de idade, sem poder para exercer os arbítrios decorrentes de sua maioridade, cerceado pelo pai que o convida para uma conversa em prol dos bons modos. E o que são ‘bons modos’ ?

No contexto descrito por Machado de Assis, cumpre prestar atenção à data em que pai e filho conversam. Janjão nasceu em 1854 e o diálogo ocorre no ano seguinte. Ora, há dois dados importantes e, certamente, não passaram despercebidos ao escritor. O primeiro: a década de 70 conheceu uma grave crise nos escalões eclesiásticos brasileiros. A chamada ‘crise do catolicismo’ vinha associada à ferrenha importação de idéias advindas da Europa, principalmente através do positivismo de Auguste Comte - autor involuntário do emblema de nossa bandeira – contaminando o ideário nacional.¹⁹¹

Tais eventos, associados à promulgação da ‘lei do ventre livre’, 1871, e combinados à aceleração no desenvolvimento econômico brasileiro desde os idos dos anos 60, provavelmente abasteceram as classes dominantes com sentimentos e projeções bastante otimistas. Não é por acaso que o discurso do pai de Janjão procurasse defender, mesmo, o caráter conciliatório – um dos ingredientes do rol de comportamentos convencionais outorgado a seu filho.

Não é curioso que Janjão tivesse nascido somente quatro anos depois de promulgada a ‘lei do ventre-livre’ ? Ora, a referida lei não libertou, na prática, nenhum dos filhos dos escravos, do mesmo modo que a personagem não dispõe de autonomia (independência), frente a seu pai. A ‘nova idéia’ baliza o período. Nas palavras de Afrânio Coutinho:

¹⁹¹ Disse Auguste Comte: “Uma sistematização real de todos os pensamentos humanos constitui pois nossa primeira necessidade social, igualmente quanto à ordem e ao progresso.” (“Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo”, pg. 97).

“De modo geral, 1870 marca no mundo uma revolução nas idéias e na vida, que levou os homens para o interesse e a devoção pelas coisas materiais. (...) intelectualmente, a elite apaixonou-se do darwinismo e da idéia da evolução, herança do romantismo e, de filosofia, o darwinismo tornou-se quase uma religião; o liberalismo cresceu e deu os seus frutos, nos planos político e econômico; o mundo e o pensamento mecanizaram-se, a religião tradicional recebeu um feroz assalto do livre-pensamento (...) Spencer viu a sociedade como um organismo em evolução, e a luta pela existência como um constante antagonismo entre as forças sociais. (...) Em conformidade com a estética geral do Realismo, os ficcionistas brasileiros dão maior interesse à pintura de personagens, à caracterização e à descrição de sua vida, do que à organização da trama.” (...).¹⁹²

A mediocridade costuma andar de par com publicidade, e esta, fortalecida em função da contínua preocupação com as aparências, regra número um. No ano seguinte à publicação de Papéis Avulsos, o escritor indagava:

*“Sobe-se de carteiro a milionário; não se sobe de milionário a príncipe. Entretanto, dado o caso de vocação (porque a natureza diverte-se às vezes em andar ao invés da sociedade), como há de um homem que sente ímpetos régios, combinar o sentimento pessoal com a paz pública?”*¹⁹³

Ele cuidou do assunto em crônica posterior:

*“(...) se os medalhões são numerosos, pergunto eu (...) – Também eles não são filhos de Deus ? Então, porque um homem é medíocre, não pode ter ambições e deve ser condenado a passar os seus dias na obscuridade ?”*¹⁹⁴

A sede de nomeada, tão freqüente entre várias personagens criadas pelo escritor, é tratada com troça, em 1885:

“Como é possível que hoje, amanhã ou depois, tornem a falar em crise ministerial, venho sugerir aos meus amigos um pequeno obséquio. Refiro-me à inclusão de meu nome nas listas de ministérios (...) é para ter o gosto de reter o meu nome impresso, entre outros seis, para Ministro de Estado. Ministro de quê ? De qualquer coisa: contanto que o meu nome figure,

¹⁹² Introdução à literatura no Brasil. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Distribuidora de livros escolares, 1968. Conforme João Pacheco: “Tudo se põe em questão – testemunha Silvio Romero, ao falar desse período. Em 1870 está em plena efervescência a Escola do Recife. Mais ou menos por essa época esgrime idéias no Ceará a Academia Francesa.” (O realismo, 1967, pg. 12-13). Ainda a esse respeito: “Folhetins, operetas e romances vindos da França difundiam no Império a imagem de um modo de vida rural, conservador e equilibrado, entrelaçado de aldeias e pequenas cidades nas quais o padre e o militar (...) apareciam como personagens de prestígio (...) Daí a influência conjunta por intermédio de autores franceses e dos círculos francófilos, de três correntes de pensamento e de prática social que, numa certa medida, se completam no cotidiano do Segundo Reinado: o positivismo, o kardecismo e a homeopatia.” (Cf. Alencastro, Luiz Felipe de. “Vida privada e ordem privada no Império” In: Novais, Fernando A. História da vida privada no Brasil: império, 1997 - V. 2, pg. 43-4).

¹⁹³ Balas de Estalo, 1883, pg. 423.

¹⁹⁴ *Idem*, pg. 425.

*importa pouco a designação. (...) Tenho alguns parentes, vizinhos e amigos, uns na corte e outros no interior, e desejava que eles lessem o meu nome nas listas ministeriais(...)*¹⁹⁵

Poderíamos fazer desfilarmos grande número de textos de autoria de Machado em que estes tópicos são descritos ou mencionados. É o tema que mais chama a atenção na leitura do conto ‘O segredo do Bonzo’, oportunidade em que somos apresentados aos ‘pomadistas’ - nome derivado do líder dos seguidores. Em notas dispostas ao final da coletânea, o próprio escritor ressaltou que o significado de ‘pomada’ relacionava-se à aparência, em sua época.

“A um príncipe, portanto, não é necessário que de fato possua todas as sobreditas qualidades; é necessário, porém, e muito, que ele pareça possuí-las. Antes, ousar dizer que, possuindo-as e praticando-as sempre, elas redundam em prejuízo para si, ao passo que, simplesmente dando a impressão de possuí-las, as mesmas mostram toda a sua utilidade. Da mesma forma, tu, conquanto aparentes ser o que és – piedoso, fiel, humano, íntegro e religioso – deves estar preparado e apto para, em caso de necessidade, demudar-te no teu contrário.”¹⁹⁶

Em O príncipe também é abordada a proeminência da lei das aparências. Sendo ‘lotéricas’ as chances de um cidadão vir a ser um príncipe ou medalhão, cumpre galgar os degraus obedecendo à “inófia mental” e contando com a mediocridade generalizada dos demais.

“O Segundo Império, assentado na escravidão e no comércio de bens primários, manteria por largos anos a estrutura de base herdada da colônia com as eventuais correções de rota exigidas pelo imperialismo inglês. (...) o meio do século (não por acaso, a idade de nascimento de Janjão) assistiu ao pacto de conciliação dos dois partidos, o Liberal e o Conservador. (...) Ser medalhão é atingir aquela plenitude do vazio interior que estava nas dobras da teoria da normalidade do finado Dr. Bacamarte (...) a ‘teoria do medalhão’ conhece o valor preciso da propaganda cujo papel é ostentar a forma vencedora, a única que interessa à *persona* social”¹⁹⁷

Há, é claro, boas diferenças entre as propostas do pai de Janjão e aquelas afirmadas por Maquiavel. No conto, o filho ouve conselhos de que se devem evitar as

¹⁹⁵ *Op. cit.*, 1885, pg. 452.

¹⁹⁶ Maquiavel. O Príncipe - Capítulo XVIII, pg. 101.

¹⁹⁷ Alfredo Bosi *op. cit.*, 1999, pg. 58; 92-3. Segundo Raúl Castagnino (A análise literária: introdução metodológica a uma estilística integral., 1971): “(...) *Persona* (ae) era a máscara de madeira usada pelos atores gregos nos amplos cenários ao ar livre; aumentava-lhes a figura, magnificava-lhes a voz (...) Por transporte semântico, depois, a palavra designou a configuração externa do ser, o contorno, o físico, o material. Por outro lado, caráter denotou o traçado interno, o interior, o moral, o espiritual, segundo surge o capítulo XV da Poética (XX) aristotélica. (...) O caráter se revela por uma conduta exterior,

polêmicas ou a manifestação de idéias próprias reveladoras de algum pensamento contrário ao usualmente aceito por aqueles seres influentes - ao redor ou no centro das atenções do futuro candidato a “medalhão”. Maquiavel, ao contrário, sugere tomada de posição, firmeza, principalmente quando fala das relações entre o príncipe e seus aliados: militares, políticos e demais súditos.

“Os que não estão habituados a assoalhar o íntimo dos indivíduos que conversam, chocam-se com a acuidade machadiana. Não lhes acudiu nunca a suspeita de que a mesma obstinação, que é a firmeza mais insana, assenta muita vez nas mais sérias vacilações espirituais, e é uma como cartada cega, à ventura. (...) A firmêza é não raro uma afetação, para uso externo. Lá dentro, no imo d’alma, lá está a revolta do Eu contra exteriorizações hipócritas.”¹⁹⁸

Idéias e subversões da etiqueta

“Na generalidade dos casos, natureza e convenção opõem-se uma à outra (...) Quanto às leis (...) são feitas pelos fracos e pela grande massa, que agem exclusivamente no seu próprio interesse, fixando o que é digno de louvor e o que é digno de censura. Para assustarem os mais fortes, aqueles que têm possibilidades de se superiorizarem, e para não se deixarem ultrapassar por eles, dizem que toda a superioridade é vergonhosa e injusta e que a injustiça não é mais do que querer estar acima dos outros. Como não têm valor, sentem-se felizes (...) por colocar todos ao seu nível (...) Mas a própria natureza (...) demonstra que é justo que o melhor esteja acima do pior e o mais forte acima do mais fraco.”¹⁹⁹

Em ‘O anel de Polícrates’ (outro conto de Papéis Avulsos, 1882) há uma apologia em torno de tema diverso. Reiteradas vezes lê-se a afirmação: “*Nesta vida, quem não for cavaleiro que o pareça*”. As personagens “A” e “Z”, estabelecem uma correlação entre as atitudes de Xavier - rapaz que lançava idéias brilhantes de sua autoria contando com o retorno das mesmas e, conseqüentemente, o reconhecimento de seu brilhantismo – e Polícrates, que tendo lançado um anel ao mar, assistiu ao seu retorno no mesmo local em que o fizera. Xavier ‘lançou’ a célebre frase “quem não for cavaleiro que o pareça”, onde a vida é comparada ao cavalo indomável, mas não pôde contar com

sujeita aos costumes impostos pelo meio familiar, social, pela moda, a educação, a idade etc. A conduta o personagem a realiza por ordem do caráter.” (pg. 138-9).

¹⁹⁸ Cândido Jucá Filho. O pensamento e a expressão de Machado de Assis, 1939, pg.24-5.

¹⁹⁹ A opinião é de Cálicles, em debate com Sócrates. *Apud* Platão, Górgias, pg. 118.

compensações nem com os créditos, porque a idéia acabou sendo irradiada por seus conhecidos de forma que se ignorasse sua verdadeira autoria.

A apropriação de idéias alheias é descrita em ‘Evolução’ (Relíquias de Casa Velha, 1906): conto em que Inácio diz a Benedito: “O Brasil é um país que engatinha”, referindo-se à implantação gradual das estradas de ferro, no país. Ao retornar de uma viagem, vê a sua frase reproduzida no discurso inaugural de seu amigo (Benedito), que aos poucos se apropriara de sua metáfora.

Em ‘Fulano’ (Histórias sem Data, 1884), Beltrão, homem com manias de publicar todo e qualquer bem que fizesse a outrem, deixa um testamento a seu amigo, o narrador, que surpreso, ouve do magistrado que abre o documento a declaração de que o falecido optara por doar trinta contos de réis à estátua de Pedro Álvares Cabral ao invés de deixar a quantia a uma pessoa.

Camacho, editor do jornal ‘Atalaia’ (Quincas Borba, 1891), é mais uma dentre as figuras que lidam de outro ângulo de vista com a publicidade: ele vigia o lucro. Como não podia deixar de ser, constitui um dos degraus da escadaria de logros a que Rubião é submetido, quando este recém capitalista salvara uma criança do atropelamento. As motivações de Camacho são embasadas pela necessidade de angariar assinaturas para a sobrevivência de sua folha, daí a exagerada importância à nota por ele publicada.

Convém lembrar, ainda, a personagem João Maria do conto ‘Habilidoso’, de 1885, que, apesar de ser algo talentoso para as artes, não teve a sorte na divulgação de suas habilidades, sequer nos jornais da cidade em que morava. Ao final do conto vemos o artista contemplado por quatro garotos do beco em que mora, atentos à pintura de uma de suas réplicas da Virgem Maria – singela reprodução, discreto final.

Dois pacientes de Bacamarte, vitimados pelo excesso de modéstia, são curados, quem diria (?), através da propaganda. O primeiro julga-se reconhecido grande poeta

quando Simão - que recusara o emprego da matraca para a divulgação de suas teorias científicas – providencia o alarde de seu “talento”, na vila:

*“Houve um doente, poeta, que resistiu a tudo. Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve idéia de mandar correr matraca, para o fim de o apregoar como um rival de Garção e de Píndaro (...) Outro doente, também modesto, opôs a mesma rebeldia à medicação; mas não sendo escritor, (mal sabia assinar o nome) não se lhe podia aplicar o remédio da matraca. Simão Bacamarte lembrou-se de pedir a ele o lugar de secretário da Academia dos Encobertos estabelecida em Itaguaí”*²⁰⁰

A noção de publicidade vem colada à etiqueta, aos bons modos. Dinheiro e sociedade fazem o par ideal da tirania - não aquela do cientista dono da verdade, mas relacionada aos denominados bons costumes.

‘As bodas de Luís Duarte’ (1873) descreve os preparativos e respectivas ansiedades da família Lemos, em vias de casar a filha Carlota com o titular do conto. No período de uma tarde e uma noite tomamos contato com grande variedade de personagens calcadas em meio às delicadas noções de etiqueta, um dos motes da história. Duas figuras chamam a atenção: o tenente Porfírio, comensal indispensável que entrava a compor discursos laudatórios em todas as mesas; e Eduardo, jovem músico e poeta, de coração puro, sugestivamente mantido à margem pelas demais personagens, sensivelmente contraposto ao sociável tenente.

A relativização dos conceitos inerentes aos ‘bons’ e ‘maus’ perpassa muitos dos contos de Machado. Em ‘Verba testamentária’ (1882), Nicolau, à hora de sua morte, solicita que seu caixão seja confeccionado pelo Sr. Joaquim Soares, modesto marceneiro. Talvez tenha sido sua forma de vingar-se contra quem nutriu incurável inveja desde a

²⁰⁰ “O Alienista”, pg. 285. A referência às Academias Literárias do Brasil, no século XVIII, é digna de nota. Segundo José Aderaldo Castello: “Contam-se, na época em que o Barroco é a tendência dominante e em apoio dela, várias academias a cuja existência efêmera se associam os programas ambiciosos de atividades literárias históricas e em alguns casos científicas. Aponta-se como a primeira, em Portugal, fundada em 1628, a Academia dos Singulares, a que se seguem várias outras com denominações que tão bem exprimem o gosto que as preside” (Manifestações literárias no período colonial, pg. 99).

pequena infância; ou tentativa de evitar a continuidade do mal que o afligira, após a morte. Não deixa de ser original a forma de seu protesto.

‘Galeria póstuma’ (1883) é um pequeno e cortante retrato de Joaquim Fidélis, personagem que resgata, de algum modo, as atitudes de Brás Cubas. Este senhor muito bem visto por todos os seus conhecidos, morre subitamente, após ter comparecido a uma festa - cenário ideal para o encontro de todas as formalidades. Nos dias seguintes, seu sobrinho Benjamim, reunido a vários amigos do falecido, encontra um diário em que Fidélis faz comentários nada elogiosos, justamente a respeito dos sujeitos mais curiosos em conhecer o conteúdo de suas anotações.

Em ‘A segunda vida’ (1884), o Padre Monsenhor Caldas escuta apreensivo à longa narrativa do ensandecido José Maria, que alega ter nascido duas vezes. Ao final do conto, a narrativa não nos permite saber se o Padre continuou vivo ou foi assassinado por José Maria. Teria o padre uma segunda vida ?

Outro padre assiste às fofocas narradas no conto ‘Entre santos’ (1886) – os santos incorporam-se às estátuas que os representam, numa Capela. Há relatos interessantes denunciando vários dentre os vícios dos seres humanos, inclusive a história de um fiel chamado Sales. Após ver sua esposa restabelecida de grave moléstia, e em razão de ser muito avaro, teme prometer algo que lhe custe somas em dinheiro. Depois de muitas justificativas ao santo de mesmo nome (São Francisco de Sales), converte ‘sales’ literalmente em negociação, e contabiliza a promessa: mil ave-marias e padrenossos.

“Poucas serão as suas obras – romance ou conto – em que não se nos depare um delirante ou um anormal, desses que inventam mundos imaginários, para seu refúgio, para seu prazer ou para seu tormento...”²⁰¹

²⁰¹ Peregrino Junior. Doença e constituição de Machado de Assis, 1938, pg. 142.

Eclesiástico dos mais interessantes é aquele apresentado em ‘Frei Simão’, publicado nos folhetins em 1864, e incluído em Contos Fluminenses, de 1870. Trata-se da história de um jovem (Simão) que, tendo seu amor correspondido pela prima-agregada (Helena), será ‘exilado’, enviado a outra cidade, na província por obra de seus pais.

“(...) o amor e o poder são as duas forças principais da terra”²⁰²

A transferência de Simão de sua cidade para a província ocorre paralelamente à transferência frustrada de seu amor à prima para Deus. Da mesma forma, a reclusão no convento parece ilustrar a gradativa perda de sanidade, e auto-exclusão: talvez Simão pretendesse fugir de si mesmo, ou do conhecimento da verdade. Além dos limites impostos pelas dimensões do Convento, pode-se estabelecer correspondências entre sanidade e luz - antes de sua reclusão no convento; e, posteriormente, entre escuridão e insanidade: falta de esclarecimento.

Insto que seja dada a devida atenção à noção de ‘limite’, em Machado. Há situações que colaboram a consolidar uma fórmula paradoxal cujos resultados alcançados são, sempre... impasses: Helena, a prima de Simão, agregada - pobre, menos favorecida - e prima de mesmo sangue. Delimitado pelos muros de um mosteiro, detido pela manobra de seu pai, fortemente pautado pela credulidade, Simão (então frei) passa a rezar missas e em visita à família, transcorridos alguns anos, reencontra Helena, bem viva e casada com um lavrador: momento de todas as verdades.

Há personagens que agem de acordo com aquilo que lhes convêm, independentemente dos juízos que os demais façam ou deixem de fazer; há outras, a

²⁰² A semana, 1892, pg. 538. Em “Eclesiastes” 1, 18 - lê-se: “na muita sabedoria há muito enfado; e o que aumenta em ciência aumenta em trabalho” (Bíblia Sagrada, pg. 459). Joaquim Alves de Aguiar estudou a importância dos espaços domésticos em Dom Casmurro, no ensaio “Sob as ordens de mamãe: aspectos da pedagogia doméstica em Dom Casmurro”, incluído na Bibliografia.

grande maioria, que agem estritamente dentro de um rol de expectativas previsíveis, e bem vistas perante a sociedade.

“Esta estranha tendência na obra de Machado de Assis na deformação das coisas, em uma época literária de idéias de harmonia, de ordem e de intimidade com a realidade, tem um sentido de apontar o demonismo, a desarmonia e a incerteza face ao fechamento do cientificismo do seu tempo.”²⁰³

Muitos dos temas despertados pela leitura de ‘O Alienista’ e ‘Teoria do medalhão’ estão presentes, ainda que de forma pontual, em vários outros escritos do gênero. A preocupação com as aparências está em ‘O espelho’: Jacobina, como Alferes da Guarda Nacional, depende gradativamente mais da bajulação de familiares e demais pessoas de seu meio, para sentir um esquisito equilíbrio entre as almas exterior e interior, visualizando sua imagem no espectro de forma cada vez menos nítida quanto maior fosse o tempo em que permanecesse sozinho, sem a companhia dos aduladores. Se era ou não do espelho, a responsabilidade da imagem turva, a farda efetuou o remendo.

“(…) é mais fraco, e acaba mal, sempre aquele que age aberta e desprotegidamente na sua relação com o outro. O vencedor, ao contrário, é aquele que correu firmemente para o interesse individual, para o *status*; e que, em situações de risco, não deixou jamais cair a máscara”²⁰⁴

Alberto, narrador de ‘Um esqueleto’ (1875), tivera aulas de alemão com o Dr. Belém, homem que guardava o esqueleto de sua primeira esposa em casa, apesar de se ter casado novamente. Alberto e Marcelina – a segunda esposa de Belém - assustados e apaixonados, são flagrados pelo doutor, que então dispensa a jovem para fugir com o esqueleto da primeira esposa. Para novo espanto dos espectadores e dos leitores, o narrador afirma aos amigos que a história era inverídica.

Em ‘O machete’ (1878) Inácio, músico desde a infância, perde sua esposa para um de seus colegas, também músico, que compartilhava os saraus que o primeiro freqüentava. A melancolia – culpa da ingenuidade - transforma-se em loucura.

²⁰³ Freitas, Maria. E. P. de. O grotesco na criação de Machado de Assis e Gregório de Matos, 1981, pg. 24.

Os leitores de Machado enfrentam – salvas as proporções – dilemas muito similares aos de um célebre ‘médico especializado em patologias mentais’, o Dr. Simão Bacamarte: afinal, como reconhecer e/ou classificar os ‘seres’ com que nos deparamos, garantindo que não haja injustiça, nestas conclusões? Como disse Constancio Alves:

“Todos são mais ou menos malucos. Maluco é Braz Cubas. Maluco é Quincas Borba. Maluco é Rubião. A obra do romancista parece-me que poderia, sem impropriedade, ser representada em resumo por aquele hospício de Itaguahy, do famoso conto (...) Doidos, doidos, todos doidos. Mas porque a Machado de Assis repugnava a violencia, o alarido, o excesso, mesmo na loucura, todos os seus loucos são mansos”.²⁰⁵

Dessa forma, Bento Santiago, ‘casmurro’ narrador de si mesmo, poderia, ou não, ser considerado louco ? Aos olhos do Dr. Simão Bacamarte, estaria Bentinho agrupado na ‘galeria dos loucos mansos’ ?

Rubião sonhava explicitamente com o capital - “Que era, há um ano ? Professor. Que é agora ? Capitalista. Olha para si, para as chinelas (umas chinelas de Túnis, que lhe deu recente amigo, Cristiano Palha).”²⁰⁶ Ex-professor oriundo de Barbacena, comportava uma série de idéias condizentes com o desejo de vir a se constituir homem rico, admirador das conveniências, não por acaso, vindo a apaixonar-se por uma bela e sedutora senhora que, na prática, mantinha-se atenta a procedimentos e mecanismos de negociação com vistas à ascensão social.

“Toda espécie animal sobrevive à medida que consegue adaptar-se ao meio, transformá-lo à sua imagem e semelhança e ser transformado por ele. Ocorre que o meio ambiente do homem é o

²⁰⁴ Alfredo Bosi, *op. cit.*, 1999, pg. 112.

²⁰⁵ “Machado de Assis” In: _____. *Figuras*. Rio de Janeiro: Anuario Brasileiro, 1921, pg. 45.

²⁰⁶ *Quincas Borba. Obra Completa*, pg. 643. A descrição da indumentária de Rubião resgata outra, a de Bacamarte: “Agora, se imaginais que o alienista ficou radiante ao ver sair o último hóspede da Casa Verde, mostrais com isso que ainda não conheceis o nosso homem. Plus Ultra ! era a sua divisa. (...) – Vejamos, pensava ele; vejamos se chego enfim à última verdade. Dizia isto, passeando ao longo da vasta sala, onde fulgurava a mais rica biblioteca ultramarina de Sua Majestade. Um amplo chambre de damasco, preso à cintura por um cordão de seda, com borlas de ouro (presente de uma Universidade) envolvia o corpo majestoso e austero do ilustre alienista. A cabeleira cobria-lhe uma extensa e nobre calva adquirida nas cogitações quotidianas da ciência. Os pés, não delgados e femininos, não graúdos e mariolas, mas proporcionados ao vulto, eram resguardados por um par de sapatos cujas fivelas não passavam de simples e modesto latão.” (pg. 286)

próprio homem. Somos um ser social, portanto nossa sobrevivência depende da possibilidade de transformar o outro e de ser transformado por ele (...)" ²⁰⁷

Em geral, nas obras de Machado temos a conjunção do jovem rico em correspondência a uma jovem bela e interesseira. Ele busca a realização afetiva ou a repleção de caprichos estéticos: ao seu lado uma companhia digna de ser apresentada em festas e aos respectivos convivas. A esposa, em geral mais jovem, realiza o sonho de ascender de classe social, condição materializada na aquisição de jóias, propriedades e títulos devidamente providenciados pelo parceiro, par de um contrato social silenciosamente mantido e pouco questionado.

Veamos o casal Cristiano Palha e Sofia. Ela, irresistivelmente bela, capaz de levar Rubião (não por acaso, endinheirado) à loucura; o marido, um frustrado comerciante que ‘subloca’ a esposa ao amigo em contrapartida aos ‘empréstimos-doações’ daquele. Há, de certa forma, um outro contrato, aqui: ‘devo-lhe, não nego; pago com minha mulher’. Vale a consideração de Antônio Paulo Graça:

“Palha continua adequado ao modelo. (...) Mas Rubião distancia-se do modelo que lhe foi imposto. Evidentemente ele não é um capitalista típico. Entretanto não o é por ter objetivos maiores, digamos assim, iluministas. Mas por pura mediocridade” ²⁰⁸

O que convém ao jovem Palha ? A bela mulher, os bons negócios, a ascensão social, o título nobiliário: o poder. Mostrar-se e exibir suas posses, incluindo mercantilizar a esposa. Tudo integra seu desejo, quiçá insano, de aparentar o que não corresponde, necessariamente, ao mérito de seu conteúdo. O que convém ao materialista? Dinheiro, dinheiro, amor. E para isso, fará tudo o que puder e o que não puder: seus limites são mais ou menos abrangentes conforme a disponibilidade e a

²⁰⁷ Wanderley Codo, O que é alienação, pg. 86. Cf. Platão, A República (ed. cit.): “A humanidade inteira repete em côro que a temperança e a justiça são boas, mas penosas e difíceis de praticar; e que, em troca, os prazeres do vício e da injustiça são fáceis de conseguir e, se os temos como vergonhosos, é unicamente porque assim o impõem a opinião geral e a lei.” (pg. 39)

²⁰⁸ “O arquiteto de ruínas” In: ____ *op. cit.*, pg. 121.

extensão de sua renda. Ao ingênuo, por outro lado, convém o amor, amor, amor. Como salientou José Aderaldo Castello:

“o fundamento inicialmente reconhecido pelo romancista é o amor como aspiração selecionada da existência humana; a segunda é alimentada pelas ambições do poder. Mas pode haver uma terceira, determinada pela procura de fusão daquelas ‘duas forças principais da terra’, o amor e o poder, ou da sobreposição da segunda à primeira, equilibrando-se ou gerando conflitos, no mundo machadiano. A conciliação, porém, é muito pouco freqüente”²⁰⁹

Rubião é um tipo de estorvo para seus comensais e amigos: vítima inexorável dos modos de Sofia e do sentinela Camacho, dono do jornal Atalaia. Segundo John Gledson:

[Machado] “pretendia que seu personagem retratasse, através de seu inconsciente e de sua incipiente loucura, os conflitos não apenas do provinciano que enfrenta uma sociedade metropolitana, despojado de armas, mas cheio de dinheiro e com uma filosofia louca, mas os conflitos com os quais estava aturdida a sociedade brasileira, mesmo em níveis dos quais essa sociedade não poderia ter inteira consciência. De certa maneira (...) Rubião era um ‘inconsciente coletivo’.”²¹⁰

Considerando vários contos e os romances machadianos, a grande maioria dos tipos age de forma similar. Estabelecem-se amizades à espera de favores que tragam a reboque, dinheiro, poder, influência para maior independência. Atípicas, nesse sentido, são todas aquelas que fogem à regra e, neste grupo situam-se tanto os loucos quanto os lúcidos em demasia, como Helena - personagem central de bem urdido romance da primeira fase machadiana - ou Dona Carmo, reencarnação de Carolina, esposa do então viúvo Machado de Assis.²¹¹

Ao cientista Bacamarte - terceira modalidade de relativa e relativista convenção - preocupa-lhe o saber, com letras maiúsculas, o que deixa a esposa Evarista ‘bem nutrida com as carnes de porco de Itaguaí’ em evidente segundo plano. O doutor parece

²⁰⁹ Realidade e ilusão em Machado de Assis, 1969, pg. 63.

²¹⁰ Machado de Assis: Ficção e história, 1986, pg. 81.

²¹¹ A troca de correspondência entre Machado e Mário de Alencar, poucos meses antes da morte do escritor é reveladora (8.02.1908): “Aproveito a ocasião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de Carmo, nada confie a ninguém; fica entre nós dois.”

não ter consciência de que seus métodos pecam gravemente pelo incômodo à sociedade em que está inserido.

A loucura traduz com êxito graves ambigüidades. Um ser ensandecido vive, mas vive morto: excluído. Na impossibilidade de contornar um problema, chega-se à insanidade, prenúncio da morte: alienação, exclusão absoluta.²¹²

“Se a loucura conduz todos a um estado de cegueira onde todos se perdem, o louco, pelo contrário, lembra a cada um sua verdade; na comédia em que todos enganam aos outros e iludem a si próprios, ele é a comédia em segundo grau, o engano do engano. (...) O que anuncia esse saber dos loucos ? Sem dúvida, uma vez que é o saber proibido, prediz ao mesmo tempo o reino de Satã e o fim do mundo; a última felicidade e o castigo supremo, o todo-poder sobre a terra e a queda infernal.” (...) Sem dúvida, entre as formas da razão e as formas da loucura, grandes são as semelhanças. E inquietantes: como distinguir, numa ação prudente, se ela foi cometida por um louco, e como distinguir, na mais insensata das loucuras, se ela pertence a um homem normalmente prudente e comedido ?”²¹³

Peculiaridade comum a estes célebres insanos é, sem dúvida, o caminho da decadência, anunciado e precedido por questionáveis períodos de glória. Rubião, personagem mais detalhadamente apresentada, induz-nos a um extremo sentimento de melancolia, frente à inexorabilidade completa de um terrível ciclo: retornar a Barbacena, sua cidade natal, com menos posses e condições mentais que antes. Bacamarte, embora municiado com o poder concedido pelas autoridades do reino e de Itaguaí, concretiza a missão de chegar ao seu consenso de loucura: louco de si mesmo. Quincas Borba, aquele com que tomamos contato através de outro insano, Brás Cubas, dono de uma idéia fixa - desenvolvia suas teorias sobre ‘humanitas’, à medida que afundava socialmente.

Aproximados pela tragicidade, os loucos consolidam um dos mais vigorosos silogismos machadianos: o sucesso depende grandemente das conformações do indivíduo

²¹² Diz Wanderley Codo: “alienação é ser e não ser ao mesmo tempo (...) De um lado (intrinsecamente ao próprio processo) ocorrem dois movimentos, o de ruptura do indivíduo com o seu próprio destino e o de reconstrução de uma unidade nova, uma síntese da ruptura anterior, que, de certa forma, rerepresenta as possibilidades de rompimento dessa mesma alienação” (*op. cit.*, pg. 70 e 85).

²¹³ Foucault, Michel Jean Pierre. História da loucura na idade clássica, 1978, pg.14-35.

às leis sociais, ainda que nefastas, como observou Raymundo Faoro. Árduas são as provas para aqueles que se diferenciam frente ao ‘script’ de ações mensuráveis.

*“Os homens reunidos em sociedade (relevem-me este tom meio pedante) estão virtual e tacitamente obrigados a obedecer às leis formuladas por eles mesmos para a conveniência comum. Há, porém, leis que eles não impuseram, que acharam feitas, que precederam as sociedades, e que se hão de cumprir, não por uma determinação de jurisprudência humana, mas por uma necessidade divina e eterna. Entre essas, e antes de todas figura a da luta pela vida.”*²¹⁴

²¹⁴ Balas de Estalo, 1884, pg. 432. Observou Terry Eagleton: “ ‘A motivação da sociedade humana é, em última análise, econômica’. Foi Freud e não Karl Marx quem disse isso (...) O que tem dominado a história humana até agora é a necessidade de trabalhar; e para Freud, essa dura necessidade significa que precisamos reprimir algumas de nossas tendências ao prazer e à satisfação.” (Teoria da literatura: uma introdução , pg. 182-3).

VII - Implicações dos Contrastes

“Leitor assíduo de Pascal, e no entanto privado do consolo da religião, que recusou por um ato de probidade intelectual, restou a Machado de Assis, sem o socorro da fé cristã, a visão desventurada da existência – o pessimismo congênito, que selou a sua afinidade com o de Schopenhauer. (...) De nada valem os indivíduos senão pela força comum que os habita: entre o estripado e o estripador a diferença é aparente, do mesmo modo que, segundo nos diz o filósofo de ‘O mundo como vontade e representação’, a mosca que zumbe nesse momento em torno de mim não se diferencia na realidade de outra mosca que acabou de nascer ou que vai morrer esta noite. (...) O que prevalece na forma do discurso narrativo machadiano é o tom dubitativo – a esquiua e equívoca maneira de narrar, reticente e desconfiada, que também pode ser enganadora e enganosa, pondo em causa a própria capacidade de representação da realidade. A escrita é como a diplomacia – descobre e encobre, observa o dúbio narrador de Esaú e Jacó.”²¹⁵

Machado de Assis apresenta-nos narradores que oscilam e personagens inconstantes, ingredientes que fazem parte de uma de suas receitas prediletas: expor as veleidades, frivolidades e fraquezas de caráter, comuns – em maior ou menor grau – a todos os seres humanos. As denúncias são articuladas com vistas à política, psicologia, cultura e sociedade, e fundadas no engenho textual do escritor aprimorado, talvez, em razão de suas experiências com o teatro, fosse como espectador, crítico ou dramaturgo.

*“Não gosto de caras tristes, como não gosto delas alegres; - um meio-termo entre o Caju e o Recreio Dramático é o que vai comigo.”*²¹⁶

Em algumas personagens é possível vislumbrarmos traços do próprio Machado, que se assumia como homem diplomático.²¹⁷

*“o cinismo, que é a sinceridade dos patifes, pode contaminar uma consciência reta, pura e elevada, do mesmo modo que o bicho pode roer os mais sublimes livros do mundo.”*²¹⁸

Barreto Filho dedicou importante estudo aos elementos trágicas presentes na obra de Machado. Outros argumentos também são encontrados por Eliana Cunha Ferreira e Joel Pontes, já mencionados neste trabalho.²¹⁹

²¹⁵ Nunes, Benedito. No tempo do niilismo e outros ensaios, 1993, pg. 129-31 e 138-9.

²¹⁶ Bons dias, 1888, pg. 492.

²¹⁷ Balas de estalo, 1885, pg. 441: “A arte de dizer as coisas sem parecer dizê-las é tão preciosa e rara, que não resisto ao desejo de recomendar dois modelos recentes.” A afirmação se referia a projetos de lei que haviam dado entrada à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, em março de 1885.

²¹⁸ Balas de estalo, 1885, pg. 443.

É que tudo, em Machado, parece convergir para a ambigüidade: tanto os contrastes de umas personagens em relação a outras e entre as atitudes de cada uma delas, quanto determinados fluxos e refluxos da narrativa, que nos fazem chegar ora ao sorriso desatado, ora à reflexão mais grave.²²⁰

*“Não sei quando começou este uso de dar palmas nas galerias. (...) O Presidente da Câmara bradava sempre: ‘As galerias não podem fazer manifestações!’ Mas era como se não dissesse nada. Na primeira ocasião, tornava a palmear com a mesma força. Vieram vindo depois os bravos, os apoiados, os não-apoiados, uma bonita agitação. Confesso que eu nem sempre sabia das razões do clamor, e não raro me aconteceu apoiar dous contrários. Não importa; liberdade, antes confusa, que nenhuma.”*²²¹

Apreciador do ‘miúdo’, o escritor soube justapor num mesmo nível de importância, detalhes aparentemente comezinhos a dados refletidos em estruturas mais complexas que implicam várias e vastas conseqüências. Daí a relevante confissão:

*“Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. (...) A vantagem dos míopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.”*²²²

Como exemplo, no momento em que a multidão liderada por Porfírio clama pela retirada do poder ao alienista, Evarista - ignorando os alardes de Benedita e do moleque de recados, em atenção aos brados da população contra os métodos do alienista – insiste em orientar a mucama quanto aos trabalhos de costura.²²³ Enquanto isso, como

²¹⁹ Em Machado de Assis sob as luzes da ribalta, Eliana Ferreira parte em defesa do escritor, ao elogiar suas atividades como dramaturgo. A opinião da autora choca-se com as considerações anteriormente formuladas por vários outros biógrafos e críticos machadianos.

²²⁰ Como observou Lúcia Miguel-Pereira: “Humorista é, afinal, quem corrige uns pelos outros os excessos da simpatia e da crítica, quem distingue no drama os elementos de comédia e na comédia os aspectos dramáticos, quem compreende os contrastes da vida e das criaturas.” (“Machado de Assis” In: _____ . Prosa de ficção – de 1870 a 1920, 1957, pg. 97).

²²¹ A semana, 1892, pg. 560.

²²² A semana, 1897, pg. 772.

²²³ Comentou Eugenio Gomes: “A sutileza com que o romancista utiliza alguns pormenores expressivos contribui para sublinhar a delicadeza de um dado instantâneo psicológico particularmente embaraçoso. A atitude e os gestos, entre os indivíduos, serão sempre os mesmos, mas os efeitos podem ser colhidos de maneira diferente conforme a índole, o espírito e as tendências do observador. Veja-se a situação de quem procura concentrar as suas idéias, ou disfarçar as suas reações mais íntimas, fixando os olhos em algum ponto. Olhar para o bico do sapato, em tais circunstâncias, era um gesto comum entre as pessoas do tempo, encontrando-se reflexos deste hábito na ficção de Machado de Assis” (Machado de Assis, pg. 53).

se renunciasse o ato de D. Pedro I, Simão profetiza ao povo de Itaguaí: “diga ao povo que fico”.²²⁴

“ – Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada.”

A revolta liderada pelo pseudo-revolucionário barbeiro Porfírio Caetano das Neves, e a proposta feita por ele ao médico “déspota, violento, Golias” apresenta ingredientes inequívocos, segundo o próprio alvo – o alienista - da necessidade de sua internação, assim como de todos os revoltosos. O médico tem a sede de ordenar o universo a seu modo; seu criador, de certa forma, tinha laivos de civilizador.

“Qualquer um de nós teria organizado este mundo melhor do que saiu”²²⁵

As duas faces de Machado

Na denominada primeira fase dos escritos machadianos, constata-se uma tendência por parte do autor mais direcionada ao panorâmico, aos arrufos e intrigas domésticas que, de uma forma ou de outra, serão resolvidas ou arranjadas; na segunda fase, entretanto, os narradores de Machado - muito mais intrometidos que no estágio anterior - exibem-nos personagens cada vez mais desnudas, inseridas de tal modo em seu meio social, que as relações entre as classes se faz em mais e mais nitidamente montada, arquitetada em função do poderio econômico. Em carta a José Veríssimo, de 15 de dezembro de 1898, lê-se:

“O que você chama a minha segunda maneira naturalmente me é mais aceita e cabal que a anterior, mas é doce achar quem se lembre desta, quem a penetre e desculpe, e até chegue a catar nela algumas raízes dos meus arbustos de hoje.”

²²⁴ “O Alienista”, pg. 272. Ao contrário do “fico” de D. Pedro I, que obteve considerável apoio popular a fim de que não partisse para Portugal, as manifestações de Simão Bacamarte feriam violentamente as intenções da população itaguaiense desde que o médico regressara daquele país.

²²⁵ A semana, 1896, pg. 727.

A crítica machadiana parece ter encontrado várias formas de se colocar em assimetria. Não se pode afirmar se tais divergências ganharam maior espaço em razão da necessidade de cada pensador ou comentador obter a *sua* notoriedade, o *seu* reconhecimento, a *sua* independência.

“Vaidade de vaidades ! diz o pregador, vaidade de vaidades ! é tudo vaidade.”²²⁶

Tais manifestações, de uma forma ou de outra, caminham de acordo com os tempos: não há dúvida de que as várias décadas trouxeram maiores contribuições concordantes ou não à interpretação da obra do escritor. De qualquer maneira, avolumou-se o número de estudiosos e, com eles foi reforçado um certo maniqueísmo crítico: assim, não haverá enfoques diferenciados apenas, mas, principalmente, batalhas em busca de verdades e raras relativizações.

Uma das grandes polêmicas é a divergência dos críticos em referência a um suposto maior talento de Machado nos romances quando comparado a suas habilidades ‘menores’, ainda que evidentemente presentes, nos contos. Assim se manifestou Lúcia Miguel-Pereira:

“No conto, obrigada a encolher-se, a trama ganha em coesão, em resistência (...) O romance é a vida, o conto é o caso, a anedota. A própria natureza do gênero exige uma certa limitação, uma tendência a ver de perto, à moda dos míopes. O episódio, para ter realce, requer os vidros de aumento da análise minuciosa, que no romance perturbam a visão do conjunto. E esse parece ter sido o modo de trabalhar de Machado (...) Se Machado fosse pintor, certamente seus estudos valeriam mais do que as grandes telas”²²⁷

Para José Veríssimo:

“nossos mais íntimos sentimentos e mais peculiares idiosincrasias, acha-se tudo superior e excelentemente representado, por um milagre de transposição artística, nos seus contos.”²²⁸

A eles se opõe Temístocles Linhares:

²²⁶ “Eclesiastes” 1, 2 - pg. 459 (Bíblia Sagrada, 1956).

²²⁷ Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. 6ª ed., 1988, pg. 225-6. Em Prosa de ficção, a autora observou que: “o acento tônico da obra de Machado de Assis está mais nos pormenores do que nas linhas gerais. (...) Será certamente esta a razão da supremacia do contista sobre o romancista. Foi como contista que o escritor deu toda a sua medida, e algumas das melhores páginas de seus romances são contos que nêles se intercalam” (pg. 99).

²²⁸ “Machado de Assis” In: _____. História da literatura brasileira, 1954, pg. 352.

“Quando tratamos das personagens machadeanas, as que ocorrem sempre e em primeiro lugar são as de seus romances (...) É certo que os contos também nos põem diante de figuras curiosas e profundas, mas, dada a rapidez ou fluidez com que elas perpassam pelos nossos olhos, nós as esquecemos muito mais depressa que as romanescas. (...) Na realidade, só o romance é que podia oferecer-nos este campo bastante vasto e que era incompatível com o conto.”²²⁹

Grande parcela tem uma opinião praticamente unânime: a de que o escritor era bom romancista e contista, mas bem menos talentoso, quando compunha peças de teatro ou poesia. O que se torna evidente, ainda hoje, é a modesta concentração dos próprios críticos, em relação às suas crônicas e teatro.

Será possível falar em maior ou menor talento, em Machado ? Não teria o escritor experimentado abordagens (talentos) diferenciadas (os), em função de suas tentativas em se adequar ou moldar aos gêneros por ele mesmo cultivados ? Não seria o caso de reconsiderar tais hipóteses tão excludentes, assim como diversos outros argumentos pressupostos pela crítica ?

Importante questão freqüentemente levantada pela crítica é a que se refere ao método de composição do escritor. Afrânio Coutinho defende que as denominadas duas fases do autor são, em verdade, naturais; a segunda completaria a evolução iniciada na primeira:

“Não há ruptura brusca entre as duas fases. É mais justo afirmar que uma pressupõe a outra, e por ela foi preparada. Há, antes, continuidade. E, se existe diferença, não há oposição, mas sim desabrochamento, amadurecimento. Isto sim: maturação. O desenvolvimento de Machado de Assis é um longo processo de maturação, ao longo do qual vai acumulando experiência e fixando vivências, que gerarão o seu credo espiritual e estético e a sua concepção técnica (...) Há diferenças e semelhanças entre as duas fases. Em ambas, o gosto psicológico e a propensão à análise de costumes. O humorismo aparece nas duas, embora na primeira não associado ao pessimismo”²³⁰

Igualmente dicotômica é a posição dos intérpretes quanto ao processo de criação por parte do escritor: uma ala defende que Machado fosse calculista e minucioso compositor, baseando-se no tom linear de suas narrativas (dado verificável

²²⁹ “Romance psicológico” In: _____. *História crítica do romance brasileiro*, 1987, pg. 362.

²³⁰ Machado de Assis. *Obra Completa*. Vol. 1, 1992, pg. 26.

principalmente nos romances); outra parcela acredita num possível improviso, alegando a fluência com que Machado escrevia, notadamente através de suas crônicas e numerosas correspondências.

“Talvez você não saiba como é que se distribuem as idéias, antes da gente vir a este mundo. Deus mete alguns milhões delas num grande vaso de jaspe, correspondente às levas de almas que têm de descer. Chegam as almas; ele atira as idéias aos punhados; as mais ativas apanham maior número, as moleironas ficam com um pouco mais de uma dúzia, que se gasta logo, em pouco tempo.”²³¹

É possível chegarmos a um meio-termo: como se sabe, Machado mantinha-se ocupado praticamente todo o tempo, com a cuidadosa composição de romances, contos, peças de teatro etc. A gama de atividades não tiraria seus méritos diante da necessidade de responder a uma correspondência, ou de reunir acontecimentos recentes a fim de providenciar a confecção de uma crônica. Não podemos nos furtar ao fato de que as composições jornalísticas do escritor foram trabalhadas ao longo de praticamente toda a sua carreira literária, guardando estreita correspondência com suas obras de ficção. Como observou Eugenio Gomes:

“Em Machado de Assis, o cronista e o crítico entrelaçam-se estreitamente com o romancista”²³²

De fato, o que se pode notar é que quanto mais distante a morte de Machado, maior o número de ‘defensores’, ainda que cada um destes intérpretes opte por focar determinados aspectos muito diversos, uns em relação aos outros: é muito pouco provável que surja um pesquisador empenhado em ‘falar mal’ do escritor carioca.

De qualquer forma, talvez corroborando a hipótese de que o autor planejasse desde sempre não somente seus escritos, mas também, a apresentação dos mesmos, cumpre deixar a observação de que, em geral, os contos que encabeçam seus livros costumam antecipar elementos presentes nos textos subseqüentes da coletânea, assim como confirmam ou, em outros casos, antecipam muitos dos temas recorrentes em sua

obra (incluindo os outros gêneros literários a que se dedicou).²³³ Ora, é provável que muitos dentre seus contos permitam verificar vários dos temas apontados aqui: Machado deixou algumas matrizes invariavelmente lapidas a cada escrito, a cada composição.

Virtude e Vício

Se aceita a hipótese de que fosse médico bem intencionado, Simão seria facilmente incorporado à galeria de casos raros do escritor, contrapondo-se drasticamente aos tipos sociais tacanhos e canalhas, tão lucidamente espelhados nas narrativas de Machado. É que em Bacamarte, não se torna evidente o dolo ou a mesquinha acumulação de capital.

Por outro lado, ao mesmo tempo que aparenta agir em prol do bem estar dos demais, esbarra em dois nós: liberdade espacial e obsessão por classificar unilateralmente a todos os habitantes que cruzam seus olhos “agudos como punhais”.

Dentre as personagens de segura ‘boa índole’, podem ser citadas: Helena e Simão (o jovem que se torna “Frei Simão”); Helena (do romance homônimo); Dona Fernanda (a única a se preocupar, de fato, com a doença mental de Rubião, ao final daquele romance) e o casal Aguiar e Carmo (Memorial de Aires)... Quantos mais ?

“Sabem que a honestidade é como a chita; há de todo o preço, desde meia pataca” ²³⁴

²³¹ Bons Dias, 1889, pg. 526.

²³² “Machado de Assis” In: _____. Aspectos do romance brasileiro, 1958, pg. 78.

²³³ Essa hipótese se confirma ao listarmos os textos que iniciam as sete coletâneas por ele organizadas e publicadas em vida: “Miss Dollar” (Contos Fluminenses, 1870), “A Parasita Azul” (Histórias da Meia-Noite, 1873), “O Alienista” (Papéis Avulsos, 1882); “Igreja do diabo” (Histórias sem Data, 1884), “A Cartomante” (Várias Histórias, 1896), “O caso da vara” (Páginas Recolhidas, 1899) e “Pai contra mãe” (Relíquias de Casa Velha, 1906). Ressalte-se a forma como Machado apresentou questões de conveniência social, principalmente em “Miss Dollar” – uma cadela (que dá nome ao conto) é perdida. O Dr. Mendonça, colecionador de cães, encontra o animal e através de um anúncio no Correio Mercantil estabelece contato com suas proprietárias: Margarida e D. Antônia (tia de Margarida). Mendonça e Margarida se casam; a tia e a cadela morrem. Em “A parasita azul” – Camilo Seabra, filho de rico Comendador dono de terras na então província de Goiás, retorna depois de viver folgadoamente oito anos em Paris. Através de seu amigo, Leandro, toma contato com a antiga namorada daquele e, ao final, casa-se com a moça, Isabel, oferecendo ao amigo, em troca, um cargo político. Não parece necessário referir os termos em que as convenções sociais seriam abordadas nos outros contos.

²³⁴ Bons dias, 1888, pg. 494.

Já foi citada a definição de ‘virtude’, segundo Aristóteles: um estado entre extremos; ser virtuoso era ser equilibrado, justo, não extremado e assim por diante. O médico é uma espécie de síntese do conhecimento dos mundos ocidental e oriental; do antigo e do novo, em busca dos limites entre razão e loucura. Reúne em si mesmo “a teoria e a prática”; foge à publicidade barata (vide a recusa à matraca) chegando à popularidade por outros e terrificantes meios. Ele se isola do mundo, adentrando ao universo de seu conhecimento (imponente como a Casa Verde) para não alcançar a verdade, ou, em outras palavras, para ver confirmada a primeira e segunda teorias: todos têm vícios e qualidades; louco é ser virtuoso.

Louco é ser Bacamarte, porque sua virtude é, na verdade, o vício da idéia fixa, como definira Brás Cubas. No outro campo, notadamente com menor grau de refinamento, estão confinadas as demais criaturas de Itaguaí - personagens que oscilam de um extremo a outro, sem jamais chegar a um meio termo digno de escape ao julgamento do cientista, absolutamente crédulo quanto ao seu poder de tudo sintetizar.

Lembremos os já citados posicionamentos de Evarista (de submissa provinciana a madame da corte); Porfírio (de barbeiro líder da população revoltada a político excludente); Sebastião Freitas (do lado da revolta popular para a ordem social); Martim Brito (senhor dos discursos hiperbólicos que homenageiam Evarista sem graça); Mateus (de albardeiro em busca de uma casa a proprietário admirado por cidadãos de classes sociais superiores) e assim por diante.

Sabendo-se que a história de Simão Bacamarte passa pelo crivo de um sujeito que se baseia meramente em crônicas da vila, tomar ou não partido de Bacamarte incorre numa questão aparentemente sem resposta. A trajetória das personagens em terrenos

opostos revela que boa parte da riqueza do conto reside na manutenção do conjunto de impasses.²³⁵

O médico reúne amplas e variadas formas de conhecimento; a Casa Verde – seu território máximo – sintetiza a canalização de todas as suas energias, porque o cientista não sobreviverá de uma realização a outra. Na falta de um herdeiro, o asilo se transforma em seu elo vital com a humanidade.

A apatia de um casamento sem filhos - talvez fosse esta a motivação para Bacamarte contrair o matrimônio: ter filhos – pode ter acelerado a idéia fixa de curar a todos os supostos doentes. Mesmo sua esposa parece ter sido escolhida a dedo. Ao menos, na aparência, Evarista corresponde à noção de equilíbrio defendida pelo marido: “nem bonita nem feia”.

Parece viável supor na sina de Bacamarte, desde que considerado virtuoso, outra maneira de manifestação da diplomacia mais explícita e perceptível em tantas outras personagens.

“Cuidava eu que era o mais precavido dos meus contemporâneos. A razão é que saio sempre de casa com o Credo na boca, e disposição feita de não contrariar as opiniões dos outros. Quem talvez me vencia nisto era o Visconde de Abaeté, de quem se conta que, nos últimos anos, quando alguém lhe dizia que o achava abatido:

- Estou, tenho passado mal, respondia ele.

Mas, se vinte passos adiante, encontrava outra pessoa que se alegrava com vê-lo tão rijo ou robusto, concordava também:

- Oh ! agora passo perfeitamente.

*Não se opunha às opiniões dos outros; e ganhava com isto duas vantagens. A primeira era satisfazer a todos, a segunda era não perder tempo.”*²³⁶

Se a apresentação de Simão Bacamarte - via narrador - estiver correta, depreende-se que o cientista teria cumprido todas as etapas concernentes a um inédito posicionamento no *ranking* social: conta quarenta anos, sendo casado há seis; formado na Europa - trata-se de homem culto, íntimo de filósofos e religiosos árabes e

²³⁵ Antonio Candido já chamara a atenção para algo similar, com relação ao Casmurro Bento Santiago, em “Esquema de Machado de Assis”, *op. cit.*

conhecedor da Bíblia. Talvez resida aí o dado essencial para a constituição da ironia narrativa: um sábio cujos métodos são questionados por toda uma população - constituída de barbeiros que se exibem como revoltados, embora bastante ávidos pela sensação de poder (publicamente falando), e de uma Vereança que ora concede autonomia ao médico, ora critica seus procedimentos.

O conto traz à baila um dos questionamentos fulcrais na ficção de Machado: a construção e os limites da conveniência social.

*“A sorte é tudo. Os acontecimentos tecem-se como peças de teatro, e representam-se da mesma maneira. A única diferença é que não há ensaios; nem o autor nem os atores precisam deles. Levantado o pano, começa a representação, e todos sabem os papéis sem os terem lido.”*²³⁷

O escritor arremataria a composição dessa terrível dicotomia no romance Quincas Borba, através da patética personagem Rubião: um ex-professor que se torna capitalista da noite para o dia e, a partir de então, devidamente endinheirado (capitalizado, nesse sentido), perderia a noção da realidade à medida que é explorado por seus ‘amigos’ da corte. É notável que, juntamente com a perda de provimentos, Rubião passasse a outro nível de assimilação da vida, embasada no estilo afetado das cortes²³⁸ européias: o amor por Sofia, no fim, parece ser o estratagema ideal para que Rubião não se apercebesse do logro a que estivera submetido desde o momento em que optara por permanecer no Rio de Janeiro, apoiado, evidentemente, por Camacho e Palha, marido da sábia Sofia.

*“A melancolia corrige a ingenuidade, dando-lhe a intuição do mal mundano; a ingenuidade tempera a melancolia, tirando-lhe o que possa haver nela de triste ou pesado.”*²³⁹

²³⁶ Bons dias, 1888, pg. 507

²³⁷ A semana, 1894, pg. 642.

²³⁸ A importação realizada no Brasil dos modos afetados das cortes européias do período está profundamente imbricada à assimilação de todo o arcabouço cultural daqueles países. O crítico Gilberto Passos tem-se dedicado à presença de referências francesas em textos de Machado (1996 e 2000) e aprofundou consideravelmente tais relações, apoiando-se nas prováveis leituras operadas pelo escritor na construção de seus próprios contos e romances. Flávio L. Chaves (1974) e Antônio P. Graça, dentre outros, fizeram leituras interessantes sobre a mercantilização entre as personagens de Quincas Borba.

²³⁹ A semana, 1895, pg. 670.

Mais uma vez, pode-se supor que as tramas de Machado tenham possível explicação em seus próprios testemunhos, sinceros ou não.

*“Ninguém sabe o que sou quando rumino. Posso dizer, sem medo de errar, que rumino muito melhor do que falo. A palestra é uma espécie de peneira, por onde a idéia sai com dificuldade, creio que mais fina, mas muito menos sincera. Ruminando, a idéia fica mais íntegra e livre. Sou mais profundo ruminando; e mais elevado também.”*²⁴⁰

Das coincidências arquitetadas

Considerou-se nos capítulos iniciais deste trabalho, a aproximação entre o médico e seu manicômio. Assim, ao austero médico “Hipócrates forrado de Catão”, corresponderia a fortaleza irmã caçula da Bastilha Francesa. Este paralelismo consolidar-se-á no número de letras do sobrenome (Bacamarte) e nome (Casa Verde): nove.

O autor planejara esta coincidência ? Teria o cientista, de certa forma, se transubstanciado, amalgamado à Casa Verde; ou o asilo constituía antropomorfização, assumindo a forma de Simão ?

A imponência de Bacamarte está para a Casa Verde bem como a fatuidade de Evarista guarda correspondência com o Passeio Público, jardim construído sobre um aterro, como foi citado. O local era um daqueles em que se passeava não somente para encontrar lazer, mas, principalmente, para ser visto: jardim dos preocupados com a aparência, visitado várias vezes pela consorte.²⁴¹ E nesse caso, nessa patologia, além da comitiva que saiu de Itaguaí, devemos incluir o albardeiro Mateus...

²⁴⁰ Bons dias, 1889, pg. 510.

²⁴¹ “No pavimento nobre do Convento foram instalados os aposentos de D. Maria I, a Rainha Louca. Ali passou os seus últimos anos de vida a triste soberana com o espírito envolto nas trevas da demência. Todas as tardes acostava ao largo portão do Convento uma sege real em que, acompanhada de duas ou mais açafatas, tomava lugar a Rainha para o passeio, a tomar ares, que a medicina do tempo aconselhava como convindo à sua enfermidade. Quando o povo, à passagem da carruagem do Paço, se descobria respeitoso, D. Maria escondia o rosto atrás do leque aberto para que a não reconhecesse o demônio que, temia ela, andava à sua espreita.” (Coaracy, Vivaldo, *op. cit.*, pg. 45). “(...) Chafariz das Marrecas construído (...) em 1785, pelo Mestre Valentim, em fôrma de semicírculo, com duas pilastras lavradas, sobre as quaes havia duas estatuas de bronze, representando a nympha Echo e o caçador Narciso. Tinha a seguinte inscrição (em latim): ‘Reinando Maria I e Pedro III, posto a secco um lago outrora pestifero e reduzido á forma de passeio, repellidas as aguas marinhas com um ingente cáes, canalizadas as fontes pelo jorrante bronze, com a demolição dos muros transformado num horto e passagem, edificados

“O terraço do Passeio Público, em noites de verão, quando o céu se recama de estrelas, é superior aos balcões de Veneza, a todos os jardins de Granada sem excluir os dos reis mouros. Quanta vez, debruçado no peitoril de granito, passei as primeiras horas vespertinas, seguindo na vaga os reflexos do céu (...) Sobre o terraço do Passeio Público podia eu cismar tranqüilo e entregar-me completamente às queridas imagens perdidas. (...) Pouca gente procura esse jardim (...) Todos preferem espiar das janelas ou das portas, quando não se deixam ficar num salão abafado, entre o piano e os candelabros.”²⁴²

Além disso, o fato de Bacamarte ter se instalado em Itaguaí, cidade litorânea, permitiria a vinda por mar diretamente do continente europeu, o que pode ilustrar o intercâmbio entre portugueses (legítimos e adotados) e brasileiros europeizados.

Tanto a gênese do asilo – terão as festas durado sete dias como alusão ao Gênesis ? - quanto a morte do médico, em longos dezessete meses, caracterizam-se pela soberba (vide as palavras “pompa” e “solenidade”): em ambas as manifestações, assiste-se aos louvores públicos ao poder. Que nomes e formas tem esse poder ? Deveria sua resistência à sabedoria ? Será um poder similar àquele assegurado e mantido pelos políticos vide o prolongamento do poder real (de el-rei), transmitido ao médico?

Nos diálogos entre Bacamarte e demais personagens, constata-se o recurso a verbos no tempo imperativo, por parte do médico, denotando autoridade. Na oportunidade em que se apercebe dos temores crescentes de sua esposa, o cientista “consentirá” que ela passeie pelo Rio de Janeiro. Talvez seja esta a razão pela qual a crítica tenha vislumbrado muito pouco além de tirania, nas ações do alienista.²⁴³

predios com admiravel symmetria, a Luiz de Vasconcellos de Sousa vice-rei, sob cujos auspícios foram estas obras (haec) realizadas, o povo do Rio de Janeiro por impulso (ergo) de animo agradecido no dia 31 de julho de 1785.” (pg. 168 e 196-7) (Cf. Fleiuss, *op. cit.*).

²⁴² O depoimento é de Charles Ribeyrolles (Brasil pitoresco, pg. 191-2).

²⁴³ Não nos esqueçamos de que é o narrador que coloca palavras na boca das personagens. A respeito de tirania, de acordo com as definições encontradas no Dicionário de Política, organizado por Norberto Bobbio, “despotismo significa (...) a forma de Governo em que quem detém o poder mantém, em relação a seus súditos, o mesmo tipo de relação (em grego “despótes”) (...) para com os escravos que lhe pertencem. Em sentido genérico, mormente na linguagem política moderna que esqueceu o significado etimológica da palavra, Despotismo é polemicamente usado para indicar qualquer forma de Governo absoluto, sendo muitas vezes sinônimo de ditadura, autocracia, absolutismo e outras formas semelhantes.” (pg. 339). Em Górgias, de Platão (ed. cit.) lê-se: “O único homem cuja amizade o tirano prezará, será (...) aquele que, tendo o mesmo carácter, censurando e louvando as mesmas coisas, se presta a obedecer-lhe e a submeter-se à sua vontade. Este homem será poderoso na cidade e ninguém lhe fará mal impunemente. Não será assim ?” (pg. 184).

A denominação, entretanto, é válida parcialmente, uma vez que embora se evidencie a força política assegurada ao médico não devemos ocultar o fato atestado pelo próprio narrador, de que os interesses de Bacamarte estão voltados à ciência, em busca da verdade. Bacamarte não pode ser tomado meramente como mais um exemplar tacanho, dentre tantos outros vistos na obra machadiana.

Pode-se considerar a reação dos itaguaienses não somente como ilustração dos inúmeros e reais movimentos insurrecionais ocorridos no Brasil, mas também, uma das principais causas destas revoltas: a eliminação dos elementos ou representantes do poder da corte que dominava o Brasil.

Não custa lembrar que Bacamarte é amigo de el-rei Dom João – sua formação é europeia – e está devidamente paramentado pelo poder da guarda real, representado pelo vice-rei que, à época, respondia pelos mandos de Lisboa no Rio de Janeiro.²⁴⁴

O que mais dizer sobre a reiterada utilização dos termos de origem árabe (“albardeiro, algarismos, almotacés, algibebe, almude, cáfila...”) na história de um médico que lia o Corão e Averróis ? Aprofundando a associação entre Bacamarte e Maomé, em determinado momento diz Evarista: “Deus sabe o que faz !”. Ora, este rifão, na boca da esposa do arabista é uma das fórmulas recorrentes do Corão, já popularizado através da Bíblia! Não é por acaso que o chavão intitula o terceiro capítulo do conto.

Entre outras providências, faz-se necessário estabelecer as diferenças entre ‘caricatura’ e ‘representação verossímil’. Diante do fato irrefutável de que a convenção social é apresentada de modo ambíguo pelos narradores de Machado, percebe-se que a conveniência é raríssimas vezes criticada, mas meramente delineada, pelos narradores.

²⁴⁴ Segundo Charles Ribeyrolles, quando da instalação da corte no país (1808): “Nos Conselhos, nas administrações, nas embaixadas, só dera entrada aos nobres, aos grandes, aos de Lisboa. (...) Os brasileiros, despojados e menoscabados, irritavam-se (...) A indignação era geral, profunda a oposição. (...) D. Pedro de Bragança, sendo então apenas príncipe-regente, recebera, nas aclamações populares, um

Nas crônicas, em processo inverso, o escritor desprovido de um escudeiro narrador caracterizava-se por se valer de linguagem ferina, de forma sutil, é claro...

*“Já alguém me aconselhou que fosse vestido de tabelião. Redargüi que tabelião não traz idéia; e, depois, não há diferença sensível entre o tabelião e o resto do universo.”*²⁴⁵

O cinismo corrige e amplifica as dúvidas. É recorrente em Machado, a sugestão em adotar atitudes dicotômicas. Na hipótese de vir a ocupar cargo político, o escritor fluminense afirmou que defenderia em sua campanha a zombeteira idéia de:

*“(...) que ser conservador era ser essencialmente liberal, e que no uso da liberdade, no seu desenvolvimento, nas suas mais amplas reformas, estava a melhor conservação. Vede uma floresta ! (exclamaria, levantando os braços). Que potente liberdade ! e que ordem segura ! A natureza, liberal e pródiga na produção, é conservadora por excelência na harmonia em que aquela vertigem de troncos, folhas e cipós, em que aquela passarada estrídula, se unem para formar a floresta.”*²⁴⁶

Ora, a loucura, no conto, parece constituir-se como via de acesso do autor na construção de cômica alegoria aos problemas de ordem política e social, no Brasil.²⁴⁷

Não podemos esquecer os procedimentos do médico: casar-se premeditadamente - ou seja, baseado na suposta razão pura - com uma mulher teoricamente fértil, e não bonita nem feia; negar os rendimentos oriundos do tratamento dos pacientes, incluindo devolução de donativos aos respectivos familiares e à Câmara; internar influentes habitantes de Itaguaí, apoiado pelos dragões e amigado do rei D. João (VI), monarca que marcou a aceleração do progresso, já adiantado da Europa, no Brasil.

título que o empolgava: defensor perpétuo da independência e da liberdade brasileira. Violava assim o seu juramento, a soberania das cortes que ele mesmo convocara, e a fé pública.” (*Op. cit.*, pg. 131-9).

²⁴⁵ Bons Dias, 1989, pg. 516.

²⁴⁶ Bons Dias, 1889, pg. 528. De fato, o escritor manifestou interesse em ingressar a carreira política. Antes do pleito, no entanto, retirara seu nome das listas de candidatos.

²⁴⁷ Para Lúcia Miguel-Pereira: “No fundo, Itaguaí é o mundo e todos são loucos – ou ajuizados conforme o ponto de vista. Descrença, ou lucidez ? Descrença pela lucidez, Machado de Assis, intimamente, não duvidada tanto das forças morais - a sua vida é uma prova disso – como da dificuldade de descobrir a sua ação sobre os homens. Eram para ele elementos irracionais que não cabiam dentro de nenhum sistema lógico. Se tudo depende do ponto de vista do observador, tudo é subjetivo, imprevisível e inverificável. A loucura pode ser a razão. E é, certamente, a felicidade” Machado de Assis (...), pg. 230-1.

Ora, esses ingredientes bastariam para evidenciar a disparidade de Bacamarte, não somente em relação às demais personagens do conto, mas também para abrigá-lo em patamar de destaque - desde que considerado, sob esse aspecto - em relação a tantas outras figuras criadas pelo escritor, mais ou menos complexas.

Cumprido observar, tendo em vista os rígidos critérios justificados pelo próprio Bacamarte, a possibilidade de ver estabelecido um limite conceitual, mesmo, entre a prática de suas razões (razões entendidas como motivos) em contraponto ao “perfeito equilíbrio das faculdades mentais” (a razão, o juízo mental, justificando a alienação), que, a princípio, o médico supõe encontrar somente nos outros, mas não em si mesmo. Aí está relativizada, inclusive, a suposta coerência do médico - de um lado, talvez mais coerente que os demais habitantes da vila; de outro, incoerente, ainda que contemplado sob a ótica de sua própria doutrina.

A composição das personagens secundárias - moldadas, tatuadas às imagens de Bacamarte e Quixote - culmina no desenho de autênticos porta-vozes de idéias/desvios dos protagonistas. É procedimento, aliás, retomado por grande parcela dentre os escritores de ficção policial: aliar seus principais investigadores a medíocres e, portanto, contrastantes personagens coadjuvantes, que respondem primordialmente pela função de preencher diálogos com determinadas informações não prestadas pelos narradores supostamente imparciais.

Nem conto, nem romance

Seria válido averiguar as razões, se é que existem, de um conto que, malgrado comportar vários tópicos e densas personagens, não tenha se tornado romance? Embora concisa, a narrativa dispõe tamanho número de elementos (informações pouco aprofundadas), que sua extensão em páginas parece ser demasiadamente restrita para que

levasse a termo todos os assuntos. Por outro lado, muito provavelmente aí reside a sua eficácia. Nem mais nem menos; nem conto, nem romance; nem sanidade, nem loucura.

Abordemos exemplo em que aconteceu o inverso. No romance Esau e Jacó, salvas as proporções, poucas personagens serão ampla e cuidadosamente apresentadas, com grande riqueza de detalhes. Um dos mais expressivos capítulos de toda a obra machadiana - a substituição da tabuleta do confeitiro Custódio - acaba sendo relatado em algumas páginas, enquanto as intrigas entre os irmãos Pedro e Paulo serão levadas a extremos, - dadas as minúcias (causas) de tais disputas, tão de acordo com os protagonistas – referidas em praticamente toda a extensão do romance.

Em ‘O Alienista’, Machado dedicou o maior número de páginas vinculadas explicitamente ao tema da loucura . Perderá em extensão e densidade, evidentemente, para Quincas Borba - romance em que Rubião nos é apresentado de seu auge financeiro à derrocada sócio-econômica.

A leitura de texto essencialmente voltado às peripécias nos expõe a um verdadeiro painel miniaturizado das posturas controversas de vários segmentos sócio-econômicos, representados por considerável número de personagens desnudadas ou, ao menos, de atitudes postas em cheque pelo narrador: dos Barbeiros ao Padre, todos temem o poder concedido à tão relativa sabedoria de Bacamarte.

Embora o terror dos habitantes da vila fosse justificável, Bacamarte não causa aos itaguaienses mal que ele mesmo não deslinde a seu tempo. É que o ilustre médico crê-se dotado de sabedoria plena, a ponto de julgar-se no direito e dever, além de igual competência para curar todos os vícios dos moradores da vila; lugarejo que, transformado em palco de experiências será, ao mesmo tempo, primeiro e último estágio de sua carreira em patologia mental.

As virtudes de Bacamarte andam de par com o vício – e os mesmos vícios, por ele ‘classificados’, convertem-se em dúvidas: a personagem central não segue receituário, tampouco se espelha em modelos rigidamente aceitos ou pressupostos pela convenção social, embora configurado como homem sábio, casado, culto e extremamente racional. O narrador contribui para essa dicotomia, eximindo-se de fazer referências específicas às roupas e às características físicas do médico, com exceção a seus olhos - “agudos como punhais”, que agem exclusivamente em prol dos objetos de ciência tão ardorosamente pesquisada. A ‘normalidade’ de Simão é seu maior defeito.

Se tudo é relativo – ou passível de relativizações – cumpre formular outras hipóteses interpretativas com vistas ao ‘O Alienista’. Do ponto de vista econômico, a reclusão dos habitantes da vila representa entraves ao progresso. No campo político, a instalação da Casa Verde é a ofensiva de Bacamarte – território de vastas proporções que não só entra em correspondência com a imponente figura do médico, mas que legitima sua grande autoridade, desde seu regresso ao Brasil, até a morte. Daí o narrador ter empregado o sugestivo termo ‘dinastia’, ao referir que Evarista fosse a responsável pela inexistência de herdeiros do médico. Bacamarte agiu em função de seus próprios interesses ? Quais eram eles ? Eis as questões.

Frente à leitura deste conto, as dúvidas dos leitores podem ser motivadas pelos constantes juízos de valores emitidos com liberdade, pelo narrador e personagens. É também a perspectiva do narrador da “dinastia” do único Bacamarte que nos deixa em posição de dúvida, oscilando, ora a favor, ora contrariamente às atitudes do médico. É que, ao contrário do que supunha Bacamarte, Itaguaí – maquete do planeta - não ofereceria lugar para sua permanência se o cientista não contasse com tamanho poderio.

Simão privou todos os cidadãos da vila de liberdade espacial. Quatro quintos no primeiro momento; boa parte do restante, no segundo; e ele mesmo, encerrando a

narrativa em *gran finale*. E, afinal, o que é liberdade ? Ser alheio à busca das razões ?

Que razões ? Ao refletir sobre o conceito de livre-arbítrio, Schopenhauer²⁴⁸ – um dos filósofos mais lidos por Machado – chegou às seguintes conclusões:

“em toda pesquisa científica urge trilhar exclusivamente o próprio caminho com a maior fidelidade e sinceridade, sem preocupar-se com obstáculos que poderão ser encontrados alhures, pensando unicamente em uma coisa, isto é, levá-la a cabo em si mesma, na medida do possível, com escrupulosa exatidão. (...) a hipótese do livre arbítrio deve ser absolutamente afastada, (...) todas as ações humanas são submetidas a mais inflexível lei de necessidade.”

Loucura: causa ou consequência ?

Se pensarmos por um breve instante teremos várias amostras a exemplificar como se processa a inversão ou subversão de valores, em Machado. É o caso dos contos: ‘Igreja do diabo’, ‘Teoria do medalhão’, ‘O espelho’ e romances: Quincas Borba e Memórias póstumas de Brás Cubas...A inversão de valores vem colada à convenção em sociedade. Como observou Alfredo Bosi:

"O invejoso e o diabo querem inverter os sinais da convenção, não a Lei em si, apenas os critérios de julgamento e recompensa”²⁴⁹

Ora, se há dificuldades na verificação dos limites entre loucura e sanidade, será difícil traduzir o instante em que a doença se manifesta, acometendo senhores e senhoras perfeitamente ilustrados e afeitos à prática de determinadas convenções, como é o caso de Simão – doutor que entende de filósofos e livros sagrados - e de Quixote – senhor de boa educação, profundo conhecedor das novelas de cavalaria...A insanidade parece ser o caminho mais eficaz para - em determinados casos – constatar; ou, em outros, refutar a realidade. De qualquer forma, é mecanismo que tanto esbarra nas convenções quanto revela os limites entre vítimas e algozes.

²⁴⁸ Schopenhauer, Artur. O livre arbítrio, pg. 246 e 249. Segundo Montesquieu: “A liberdade é o direito de fazer o que as leis permitem” (Do Espírito das Leis [XI – 3]. São Paulo: Cultura, 1945). Para Voltaire: “Votre volonté n’est pas libre, mais vous actions le sont. Vous êtes libre de faire quand vous avez le pouvoir de faire.” (Dictionnaire Philosophique, pg. 277).

²⁴⁹ *Op. cit.*, 1999, pg. 108.

A loucura é necessária para se compreender as relações humanas de outro especial ponto de vista ? Na outra extremidade alojam-se indivíduos denominados ajuizados, ponderados e equilibrados, em posição a acrescentar algo, que em geral, não ultrapassa o riso. A zombaria é, de certa forma, sintoma de quem necessita exercer o seu poder sobre os outros; é o que se pode inferir das atitudes de ilustres personagens para com Dom Quixote.

O desajuste de Simão é mais sério, embora também conduza ao riso, porque em nenhum momento, Bacamarte – louco ou não – agiu desprovido de poder para tanto. Não custa lembrar que o poder foi a ele concedido e não tomado.

Como vislumbrar os limites quando não se certifica o lado em que está ? Em Simão convivem simultaneamente dois juízos: loucura e sanidade. E como que por extensão, chegam para ilustrar os pares poder e humildade, conhecimento e modéstia; virtude e vício. As dicotomias vislumbradas em Simão vêm para desnudar manias, falhas e orgulhos seus e dos demais.

Conjunção dos Contrastes

O título deste subitem integra nuclearmente a tese de Astrojildo Pereira²⁵⁰ - um dos leitores mais argutos da obra de Machado - concentrado em nos fazer ver as relações entre o escritor e a sociedade em que estava inserido, representada sem piedade em suas numerosas histórias.

Retomemos ‘O Alienista’. Que sorte de enredo é aquele que nos leva ao riso e ao entristecimento; que assume elementos de conto e romance; que nos delinea a personagem principal como sábia e louca ?

Acrescentemos às conjunções *mas, porém, ou, contudo, entretanto*, a aditiva *e*. Em lugar de semear ou procurar apenas por conjunções adversativas; ao invés de

pensarmos “ou”, leiamos ‘O Alienista’ com todas as suas inclusões, por mais contraditórias ou dicotômicas que sejam.

Os contrastes, neste conto, não são excludentes; mas regulamentares, básicos, fundamentais. São frutos concebidos a partir da lucidez de um homem que se fez sobressair conciliando agrados e sucessos, evidenciando as implicações presentes nas relações humanas, calcadas ora no interesse próprio, ora nas várias roupas com que se veste a subserviência.

²⁵⁰ Refiro-me a Machado de Assis – ensaios e apontamentos avulsos, 1959 – citado na bibliografia.

VIII – Bibliografia

(obras consultadas e citadas)

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. 3 Volumes.

Sobre Joaquim Maria Machado de Assis

AGUIAR, Joaquim Alves de. “Sob as ordens de mamãe: aspectos da pedagogia doméstica em Dom Casmurro” In: BOSI, Viviana et al. Ficções: leitores e leituras. São Paulo: Ateliê, 2001.

ALVES, Constancio. “Machado de Assis” In: _____. Figuras. Rio de Janeiro: Anuario Brasileiro, 1921.

BARRETO FILHO. Introdução a Machado de Assis. Rio de Janeiro: Agir, 1947.

BOSI, Alfredo. Machado de Assis - o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999

BRAYNER, Sonia. Labirinto do espaço romanesco. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira / MEC; Brasília: INL, 1979.

BROCA, Brito. “Jornalista político” In: _____. Machado de Assis e a Política e outros estudos. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1957.

CANDIDO, Antonio. “Esquema de Machado de Assis” In: _____. Vários Escritos. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CÂNDIDO JUCÁ FILHO. O pensamento e a expressão em Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

CASTELLO, José Aderaldo. Realidade e ilusão em Machado de Assis. São Paulo: Edusp / Cia. Editora Nacional, 1969.

CHAVES, Flávio Loureiro. O mundo social do Quincas Borba. Porto Alegre: Movimento, 1974.

CORÇÃO, Gustavo. “Machado de Assis, Cronista” In: Machado de Assis. Obras completas. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

COUTINHO, Afrânio. “Machado de Assis na Literatura Brasileira”. In: Machado de Assis. Obras Completas. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

FACIOLI, Valentim Aparecido. “Várias histórias para um homem célebre” In: BOSI, Alfredo et al. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982.

FAORO, Raymundo. Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1974.

FARIA, João Roberto. “Machado de Assis: idéias sobre o teatro” In: _____. O teatro realista no Brasil: 1855 - 1865. São Paulo: Perspectiva, 1993.

- FERREIRA, Eliana Fernanda Cunha. Machado de Assis sob as luzes da ribalta. São Paulo: Cone Sul, 1998.
- FREITAS, Maria Eurides Pitombeira de. O grotesco na criação de Machado de Assis e Gregório de Matos. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- GARBUGLIO, José Carlos. “A linguagem política de Machado de Assis” In: BOSI, Alfredo et al. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982 (Coleção Escritores Brasileiros)
- GLEDSON, John. Machado de Assis: Ficção e história. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GOMES, Eugenio. “O microrrealismo de Machado de Assis” In: _____. Machado de Assis. Rio de Janeiro, Liv. São José, 1958.
- _____. “Machado de Assis” In: _____. Aspectos do romance brasileiro. Salvador: Progresso, 1958.
- GRAÇA, Antônio Paulo. “O arquiteto de ruínas” In: _____. A catedral da impureza. São Paulo: Imaginário, 1992. (pg. 9-69 e 117-129)
- GRIECO, Agripino. Viagem em tórno a Machado de Assis. São Paulo: Martins, 1969.
- LINHARES, Temístocles. “Romance psicológico” In: _____. História crítica do romance brasileiro. São Paulo: Edusp, 1987.
- MADEIRA, Marcos Almir. “A respeito de Machado de Assis” In: _____. A ironia de Machado de Assis e outros temas. Rio de Janeiro: Perfecta, 1944.
- MASSA, Jean-Michel. A juventude de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1971.
- MATOS, Mário. “Os personagens explicam o autor: os tipos de Machado” In: _____. Machado de Assis: o homem e a obra. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1939.
- MAYA, Alcides. “Algumas notas sobre o humour” In: _____. Machado de Assis. Rio de Janeiro, ABL, 1942.
- MEYER, Augusto. Preto & Branco. São Paulo: MEC/INL, 1956.
- _____. “O romance machadiano: o homem subterrâneo” In: _____. A chave e a máscara. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964.
- MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. Machado de Assis: estudo crítico e biográfico. 6ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988.
- _____. “Machado de Assis” In: _____. Prosa de ficção – de 1870 a 1920. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- MONTELLO, Josué. O Presidente Machado de Assis. Verbo, 1972.
- NUNES, Benedito. “Machado de Assis e a filosofia” In: _____. No tempo do niilismo. São Paulo: Ática, 1993.

PAES, José Paulo. “A armadilha de Narciso” In: _____. Gregos e baianos – ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. O Napoleão de Botafogo. São Paulo: Annablume, 2000.

PEREGRINO JUNIOR. “Preocupação da loucura” In: _____. Doença e constituição de Machado de Assis. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

PEREIRA, Astrojildo. Machado de Assis - Ensaios e Apontamentos Avulsos. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959.

PONTES, Joel. Machado de Assis e o teatro. Brasília (DF): MEC, 1960.

RIEDEL, Dirce Côrtes. O tempo no romance Machadiano. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1959.

_____. “Razão contra sandice” In: _____. Metáfora, o espelho de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar” In: _____. Ao vencedor as batatas. São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1992.

_____. Um mestre na periferia do capitalismo. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1990.

SOARES, Maria Nazaré Lins. Machado de Assis e a análise da expressão. Rio de Janeiro: MEC, 1968 (Coleção de Cultura Brasileira: Série Estudos).

VALLE, Luiz Ribeiro do. Psychologia morbida na obra de Machado de Assis. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia., 1918.

VARA, Teresa Pires. A mascarada sublime. São Paulo: Duas cidades, 1976.

VERÍSSIMO, José. “Machado de Assis” In: _____. História da literatura brasileira. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

Sobre “O Alienista”

BRUNEL, Pierre. “Itaguaí, ou le grand théâtre du monde” In: Machado de Assis. L’Aliéniste. Paris: Métaillé, 1984.

D’AMBRÓSIO, Oscar. “O desalienante realismo de Machado de Assis” In: ALMEIDA, Arlenice et al. A supremacia do conto. São Paulo: Selinunte, 1994

DESTI, Rita. “Introduzione” In: Machado de Assis. L’Alienista. Roma: Bulzoni, 1984.

GARBUGLIO, José Carlos. “Apresentação” In: Machado de Assis. O Alienista. 13ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

GOMES, Eugenio. Machado de Assis - Influências inglesas. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

LIMA, Luiz Costa. "O palimpsesto de Itaguaí" In: José, nº 3, Rio de Janeiro: Fontana, 1976.

- LOPES, José Leme. “A propósito de ‘O Alienista’ ” In: _____. A psiquiatria de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Agir; Brasília: INL, 1974.
- MAJOR NETO, J. Emílio. “O Alienista de Machado de Assis” In: Machado de Assis. O Alienista. São Paulo: Princípio, 1993.
- MEYER, Augusto. “Na casa verde” In: _____. Machado de Assis. 2ª ed. Rio de Janeiro: Simões, 1952.
- MOISÉS, Massaud. “Notas preliminares” & “Notas” In: Machado de Assis. Memorial de Aires/O Alienista. São Paulo: Cultrix, 1961.
- _____. “ ‘O Alienista’, de Machado, uma paródia de ‘D. Quixote’ ?”. In: Jornal da Tarde: Caderno de Sábado, São Paulo, p. 1, 08 jan. 2000.
- PROENÇA, M. Cavalcante. “Introdução” In: Machado de Assis. O Alienista e outras histórias. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1996.
- RODRIGUES, José Luiz Pieroni. “Notas” In: Machado de Assis. O Alienista. 13ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

História da literatura, teoria e crítica literária

- AUERBACH, Erich. “A Dulcinéia encantada” In: _____. Mimesis. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- BAKHTIN, Mikhail. “A personagem e seu enfoque na obra do autor” In: _____. Problemas na poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981 (tradução de Paulo Bezerra)
- BENJAMIN, Walter. “O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” In: _____. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1936.
- BOSI, Alfredo. “Realismo” In: _____. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____. “Um conceito de humorismo” In: _____. Céu, Inferno. Ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.
- CANDIDO, Antonio. “A personagem do romance” In: CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- CASTAGNINO, Raúl H. A análise literária: introdução metodológica a uma estilística integral. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1971. (tradução de Luiz Aparecido Caruso)
- CASTELLO, José Aderaldo. Manifestações literárias do período colonial: 1500-1808. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, Edusp, 1975.
- CHKLOVSKI, Vítor. “A construção da novela e do romance” In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.) Teoria da Literatura – formalistas russos. 2ª ed. Porto Alegre: Globo, 1976.
- DANZIGER, Marlies K. e JOHSON, W. S. Introdução ao estudo crítico da literatura. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1974.

- EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FORSTER, Edward Morgan. Aspectos do romance. Porto Alegre: Globo, 1969. (tradução de Maria Helena Martins).
- GOTLIB, Nádya Battella. Teoria do conto. 9ª ed. São Paulo: Ática, 1999.
- JOLLES, André. Formas simples. São Paulo: Cultrix, 1976. (tradução de Álvaro Cabral)
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raymundo. A arte do conto. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.
- MOISÉS, Massaud. “Realismo” In: _____. História da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1985.
- _____. A criação literária. São Paulo: Cultrix, 1975.
- PACHECO, João. O realismo. São Paulo: Cultrix, 1967.
- PLAZA, Monique. A escrita e a loucura. Lisboa: Estampa, 1989. (tradução de M. F. Gonçalves de Azevedo)
- POUILLON, Jean. O tempo no romance. São Paulo: Cultrix / Edusp, 1974. (original de 1946) (tradução de Heloysa de Lima Dantas)
- PROPP, Vladímir. Comicidade e riso. São Paulo: Ática, 1992.
- SÁ, Jorge de. A crônica. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.
- SEVCENKO, Nicolau. “A inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*” In: _____. Literatura como missão. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- TODOROV, Tzvetan. As estruturas narrativas. São Paulo: Prespectiva, 1979.
- WELLEK, René & WARREN, Austin. Teoria da literatura. Lisboa: Biblioteca Universitaria, 1962. (tradução de José Palla e Carmo)

Manuais diversos

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. “Vida privada e ordem privada no Império” In: NOVAIS, Fernando A (coordenador). História da vida privada no Brasil: império. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 (V. 2)
- ALMEIDA, Angela Mendes de. Família e modernidade – o pensamento jurídico brasileiro no século XIX. São Paulo: Plêiade & Porto Calendário, 1999.
- BOSI, Alfredo. “Escravidão entre dois liberalismos” In: Revista Estudos Avançados - nº 3, São Paulo, USP, 1988.

- CHIAVENATO, Júlio José. As lutas do povo brasileiro. São Paulo: Moderna, 1988.
- COARACY, Vivaldo. Memórias da cidade do Rio de Janeiro. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1988.
- COSTA, Emília Viotti. “A consciência liberal nos primórdios do Império” In: _____. Da Monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo: Guijalba, 1977.
- FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- FLEIUSS, Max. História da cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal) – Resumo didactico. São Paulo: Melhoramentos, 1928.
- FOUCAULT, Michel Jean Pierre. História da loucura na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 1978 (tradução de José T. Coelho Neto)
- GRIECO, Donatello. História sincera da inconfidência mineira. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- HOBBSAWN, Eric. A era das revoluções: Europa 1789-1848. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. (tradução de M. Tereza L. Teixeira e M. Penchel)
- MACHADO NETO, Antônio Luís. Estrutura social da república das letras. São Paulo, Edusp, 1973.
- MARIANNO FILHO, José. O Passeio Público do Rio de Janeiro – 1799-1783. Rio de Janeiro: C. Mendes Junior, 1943.
- NUNES, Danillo. A bastilha e a revolução. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- PAIM, Antonio. História das idéias filosóficas no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Convívio; Brasília: INL / Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- RIBEIRO, Renato Janine. A etiqueta no antigo regime. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- RIBEYROLLES, Charles. Brasil pitoresco. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia-Edusp, 1980. (Vol. I e II).
- RUDÉ, George. “O padrão de distúrbios e o comportamento das multidões” In: A multidão na História. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SILVA, Valmir Adamor da. A história da loucura. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.
- TOURINHO, Eduardo. Revelação do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- WEBER, Max. “Os três tipos de dominação legítima” In: COHN, Gabriel (org.) Weber – Sociologia. São Paulo: Ática, 1986.

Obras de referência

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982. (tradução e revisão de Alfredo Bosi).
- ABED, Momammed al-Jabri. Introdução à crítica da razão árabe. São Paulo: Edunesp, 1997. (tradução a partir do francês: Roberto Leal Ferreira).
- A Bíblia sagrada. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1956. (tradução de João F. de Almeida)
- BARROS, Manuel Corrêa de. Lições de filosofia tomista. Pôrto: Livraria Figueirinhas, 1945.
- BOBBIO, Norberto et al. Dicionário de Política. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1986. (tradução de L. G. P. Cacaís; J. F.; C. L. Mônaco; R. Dini e C. C. Varrialle)
- CHALLAYE, Félicien. As grandes religiões. São Paulo: Ibrasa, 1981 (tradução de Alcântara Silveira)
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dictionnaire des symboles. 8ème ed. Paris: Seghers et Jupiter, 1974.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. São Paulo: Moraes, 1984. (tradução de Rubens E. F. Frias)
- GUERIOS, Rosario Farani Mansur. Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes. Curitiba: Editora do Brasil S/A, 1949.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira. (1973)
- [Itaguaí – História. Itaguaí: Secretaria Municipal de Turismo, 2000.]
- LALANDE, André. Vocabulaire technique et critique de la Philosophie. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.
- LEGRAND, Gerard. Dicionário de Filosofia. Lisboa: Edições 70, 1991. (tradução de Armindo J. Rodrigues e João Gama)
- MAOMÉ. Alcorão. Lisboa: Junta de Investigações Científicas de Ultramar, 1979. (tradução de José P. Machado; prefácio de Suleimann Vali Mammede)
- NASCENTES, Antenor. A gíria brasileira. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1953.
- Novo Dicionário da Bíblia. (ed. DOUGLAS, J. D.) São Paulo: Vida Nova, 1962 (tradução de João Bentes). V. 2.
- OBATA, Regina. O livro dos nomes. São Paulo: Círculo do livro, 1986.
- ÓRRIS SOARES. Dicionário de Filosofia. Rio de Janeiro: INL, 1952. (Vol. I)
- QUINTANILLA, Miguel Angelo. Breve Dicionário Filosófico. Aparecida: Santuário, 1996.
- RENAN, Ernest. Averroès et l'averroïsme. 3ème éd. Paris: Michel Lévy Frères Libraires Éditerus, 1866.
- VOLTAIRE (François-Marie Arouet). Dictionnaire philosophique. Paris: Garnier, 1954.

Autores e pensadores

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento – fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. (tradução de Guido Antonio de Almeida)

ARISTÓTELES. A ética. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. Dom Quixote de La Mancha. São Paulo: Abril, 1981. (tradução dos Viscondes de Castilho e Azevedo).

COMTE, Auguste. “Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo” In: Pensadores. 2ª ed. São Paulo: Abril, 1983. (tradução de José A. Giannotti)

DESCARTES, René. Discours de la méthode. Paris: Nelson, 1932.

LA ROCHEFOUCAULD, François. Máximas e reflexões. Rio de Janeiro: Imago, 1994. (tradução e apresentação de Leda Tenório da Mota)

MAQUIAVEL, N. B. O Príncipe. Porto Alegre: L&PM, 1999. (tradução de Antonio Caruccio-Caporale)

MARX, Karl & ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Moraes, 1984.

PASCAL, Blaise. Penseés (Oeuvres complètes). Paris: Gallimard, 1954.

PLATÃO. A República. Rio de Janeiro: Globo, 1964 (tradução de Leonel Vallandro)

_____. Górgias. Rio de Janeiro: Globo, 1964.

ROTTERDAM, Erasmo de. Elogio da loucura. São Paulo: Novo Brasil, 1986/1987. (pg. 7-148)

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Du contrat social. Paris: Egloff, 1946.

SCHOPENHAUER, Artur. O livre arbítrio. São Paulo: Novo Brasil, 1986/1987. (pg. 150-257)